

Layla Cristina Iapechino Souto

2º Ciclo de Estudos em Linguística

**Valores semântico-discursivos do marcador *assim*  
no gênero artigo científico**

2014

Orientadora: Maria de Fátima Henriques da Silva

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:



Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da  
Universidade do Porto para a obtenção do grau de  
Mestre em Linguística sob orientação da Professora  
Doutora Maria de Fátima Henriques da Silva



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo seu amor demonstrado por mim através da saúde, da sabedoria, da paciência e da inspiração para realizar esta pesquisa. Porque dEle e por Ele e para Ele são todas as coisas!

Agradeço à Professora Maria de Fátima Henriques da Silva pela orientação, pelas sugestões, pelas críticas, pela correção atenta, pelas risadas, por confiar nas minhas potencialidades, pelo incentivo e pela disposição em me conduzir até o fim desta pesquisa.

Agradeço ao Robert pela paciência, por ouvir minhas dúvidas, minhas ideias e meus medos. Obrigada por me incentivar e por ser o meu ombro amigo nos momentos de desespero.

Agradeço à minha mãe Carmem, à minha irmã Lays, ao meu vô Reynaldo e à minha tia Noeli pelas orações, pelas palavras de incentivo e de ânimo, pelos emails trocados e mensagens deixadas no facebook, e por torcerem pelo meu sucesso.

Agradeço aos casais Eleni e Eliel Harada e Sofia e Toninho Couto pelas inúmeras hospedagens no Porto e por terem demonstrado uma amizade que só irmãos em Cristo podem experimentar.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus amigos, de longe e de perto: aos meus colegas de mestrado, especialmente a Sónia e a Vânia, pelas trocas de emails, pelas dúvidas tiradas, pela ajuda, pelas conversas, pelas risadas e pela amizade; à minha amiga Kiria por ser uma amiga mais chegada que irmã; e a todos meus irmãos da Igreja Presbiteriana Filadélfia de Dourados e Igreja Videira Berlim, pelas orações e demonstrações de carinho pela internet.

Muito Obrigada!



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de nossa investigação sobre a multifuncionalidade semântico-discursiva do item *assim* e formas correlatas como marcador discursivo em textos do gênero artigo científico. A dissertação está dividida em três partes: na primeira, apresentamos descrevemos o gênero artigo científico, com base principalmente nos pressupostos teóricos de Bakhtin (2003) e Bronckart (2007); na segunda parte, apresentamos um recorte teórico de algumas pesquisas que se debruçaram em entender os Marcadores Discursivos, bem como apresentamos algumas propostas de classificação que julgamos pertinentes para o estudo que aqui propomos, com base nomeadamente em Adam (2011), Fraser (1999), Lopes e Carapinha (2013) e Morais (2011). Na última parte deste trabalho, concentramos na análise das ocorrências de *assim* e formas correlatas como Marcador Discursivo no *corpus*, tendo como pressuposto teórico as análises prévias apresentadas por Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011). Para tanto, fez-se a análise de um *corpus* constituído de 46 artigos científicos publicados na revista *Delta - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, de publicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, numa sincronia delimitada entre os anos 2009 e 2014. Esta pesquisa justifica-se pela alta frequência desse item em nosso *corpus* e, apesar de exaustivamente analisado por vários pesquisadores, pela falta de uma investigação que contemple *assim* e formas correlatas nomeadamente como Marcador Discursivo. Observamos as suas funções como marcador discursivo simultaneamente com a sua correlação com a seção do artigo onde ocorre.

**Palavras-chave:** gênero artigo científico; marcadores discursivos; multifuncionalidade semântico-discursiva

## ABSTRACT

The aim of this dissertation is to present the results of the analysis of the semantic-discursive functions of *assim* and its correlated forms in the genre of scientific article. The dissertation is divided into three parts: first, we describe the concept of genre on literature, based on the theoretical principles of Bakhtin (2003) and Bronckart (2007); in the second part, we present a theoretical framework of some researches that have focused on the understanding of discourse markers, and we present some proposals for their classification, chosen by their relevance to the main object of our analysis, and based, inter alia, on Adam (2011), Fraser (1999), Carapinha Lopes (2013) and Morais (2011); in the last part of this work, we focus on analyzing the occurrences of *assim* and its related forms as a discourse marker in the corpus, with the theoretical assumptions made by the previous analyzes of Carapinha and Lopes (2004) and Lopes-Damasio (2011). As such, there is the analyses of a corpus of 46 scientific papers, published in Delta - Documentation for Studies in Theoretical and Applied Linguistics, a publication of the Pontifical Catholic University of São Paulo, between the years 2009 and 2014. The choice of *assim* for the analysis is justified by the high frequency of this item in our corpus, and although thoroughly analyzed by several researchers, the lack of researches that addresses *assim* and its related forms such as a discourse marker. We seek to observe their functions in the scientific articles of the corpus and their correlation to the different sections of this genre.

Keywords: genre “scientific article”; discourse markers; semantic-discursive functions

## Índice

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>v</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>vii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>viii</b>
<b>Lista de tabelas, esquemas e gráficos</b> .....	<b>x</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo I – O Gênero Artigo Científico</b> .....	<b>3</b>
1.1. Aristóteles e a teoria dos gêneros .....	3
1.2. Bakhtin e os gêneros discursivos.....	5
1.3. Bronckart e os gêneros textuais .....	9
1.4. O gênero artigo científico .....	18
1.4.1. O gênero artigo científico: um pouco de história .....	18
1.4.2. Superestrutura do gênero artigo científico.....	20
1.4.3. Estrutura composicional e estilo do gênero artigo científico .....	22
<b>Capítulo II: Marcadores Discursivos</b> .....	<b>27</b>
2.1. A Coesão .....	27
2.2. Os Marcadores Discursivos .....	30
2.3. Classificação dos Marcadores Discursivos.....	33
2.3.1. A proposta de Adam (2011) .....	33
2.3.2. A proposta de Bruce Fraser (1999) .....	36
2.3.3. A proposta de Lopes e Carapinha (2013).....	39
2.3.4. A proposta de Moraes (2011) .....	40
2.3.5. Síntese.....	43
<b>Capítulo III: Os valores de ASSIM e formas correlatas em artigos científicos</b> .....	<b>45</b>
3.1. <i>O corpus</i> .....	45
3.1.1. Seleção do <i>corpus</i> .....	45
3.1.2. Metodologia de análise do <i>corpus</i> .....	46
3.2. ASSIM na diacronia .....	48
3.3. <i>Abordagens de ASSIM na literatura</i> .....	51
3.3.1. Duarte (2003).....	51
3.3.2. Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011).....	54
3.3.3. Matos (2003) e Matos e Raposo (2013) .....	55
3.3.4. Valenza (2006), Ilari et al (1991).....	57
3.3.5. Vilela e Koch (2001).....	58
3.3.6. Síntese.....	58
3.4. Valores de ASSIM encontrados no corpus .....	60
3.5. Funções de Assim como Marcador Discursivo .....	61
3.5.1. S1, mesmo assim/ainda assim S2 (função contrastiva) .....	62
3.5.2. S1 <i>assim como</i> S2 (função comparativa, aditiva e conformativa).....	65
3.5.3. S1 <i>assim</i> S2 (função conclusiva) .....	73
3.5.4. S1 <i>assim</i> S2 (função de especificação ou exemplificação) .....	79
3.6. Discussão dos resultados .....	80
<b>Considerações finais</b> .....	<b>85</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>87</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>91</b>

## **Lista de tabelas, esquemas e gráficos**

Tabela 1: Classificação dos conectores segundo Adam (2011) .....	36
Tabela 2: Marcadores discursivos Segundo Fraser (1999) .....	39
Tabela 3: Conectores textuais apresentados por Lopes e Carapinha (2013: 96-97) .....	40
Tabela 4: Classificação dos MDs segundo Morais (2011: 158-171) .....	43
Tabela 5: Ocorrência dos MDs elaborativos encontrados em nosso corpus .....	47
Tabela 6: Tipos e valores da conexão e conectores mais frequentes, adaptada de Duarte (2003: 97-98) .....	52
Tabela 7: Conectores adverbiais e preposicionais e respectivos valores, adaptada de (Duarte, 2003: 04) .....	54
Tabela 8: Ocorrências de S1, mesmo assim/ainda assim S2 no corpus .....	64
Tabela 9: Ocorrências de S1 assim como S2 (comparativo não correlativo) no corpus .....	67
Tabela 10: Ocorrências de S1 assim como S2 (comparativo) no corpus .....	69
Tabela 11: Ocorrência de S1 assim como S2 (aditivo) no corpus .....	71
Tabela 12: Ocorrência de assim conclusivo (padrão (i)) no corpus .....	77
Tabela 13: Ocorrências de assim conclusivo (padrão (ii)) no corpus .....	79
Tabela 14: Ocorrências de S1 assim S2 (função de especificação ou exemplificação) no corpus .....	80
Tabela 15: Ocorrências do MD assim e formas correlatas e sua distribuição nas partes dos Artigos Científicos .....	82
Esquema 1: Síntese da classificação proposta pelos autores .....	43
Esquema 2: Síntese da classificação de assim observado na literatura .....	59
Esquema 3: Síntese das funções de assim e distribuição das ocorrências no corpus .....	81
Gráfico 1: Ocorrências de assim por função .....	82
Gráfico 2: Ocorrências de assim por seção .....	83

## Introdução

Até a década de 60 do século passado, os estudos de linguagem se preocupavam principalmente com o sistema. A partir dessa época, o foco mudou para o uso da linguagem, com o surgimento de teorias linguísticas como a Pragmática, a Sociolinguística e a Linguística Textual. Essa última desenvolveu-se principalmente na Alemanha, entre a segunda metade da década de 60 e início da de 70, e propunha extrapolar os limites dos estudos linguísticos que até então se limitavam à palavra e à frase. O texto passou a ser o foco de análise dessa teoria:

Sua preocupação maior é o texto, envolvendo, pois, todas as ações linguísticas, cognitivas e sociais envolvidas em sua organização, produção, compreensão e funcionamento no seio social. Tais questões, contudo, só a interessam na medida em que ajudam a explicar o seu objeto de estudo - o TEXTO (...) (Koch, 2003: 02-03).

Desde seu surgimento, o alvo dos estudiosos da Linguística Textual é a análise transfrásica e a construção de gramáticas textuais. Com a mudança de foco, o objeto de estudo já não é a palavra ou a frase isolada, mas o *texto*, já que o homem se comunica através de textos e que há diversos fenômenos linguísticos que só podem ser esclarecidos dentro do próprio texto. Assim, com essa teoria, surgem os primeiros estudos sobre a coesão e a coerência textual que, na realidade, constituem a base dessa proposta.

Entre os vários elementos que garantem a coesão de um texto, encontramos os marcadores discursivos (doravante MDs). Segundo Fraser (1999), uma das primeiras referências aos MDs como uma entidade linguística foi feita por Labov e Fanshel (1977: 156, apud Fraser, 1999: 932). De lá para cá, muitas outras pesquisas surgiram com foco nos MDs a fim de saber o que eles são, o que significam e quais as funções manifestam, e esta pesquisa pretende colaborar nesse sentido.

Segundo Morais (2011), interpretar um texto depende de pistas para o processamento mental do texto que são informadas pelo locutor, e os MDs cumprem essa função. Presentes na superfície textual, sinalizam as relações entre os segmentos discursivos aumentando a acessibilidade da interpretação textual. Em linhas gerais, eles sinalizam uma conexão entre segmentos do discurso, veiculando uma instrução de como os segmentos textuais se relacionam com o cotexto anterior. Assim, os MDs “codificam pistas para o processamento textual” (Morais, 2011: 126).

É nesse quadro que elegemos os MDs como o objeto deste trabalho, mais especificamente o item *assim* nessa função textual num gênero específico de texto: o artigo

científico.

A escolha por esse gênero ocorre na sequência de dois projetos de pesquisa por nós realizados durante a licenciatura. Em ambos, tivemos como objetivo a transposição didática e a criação de uma sequência didática que facilitasse o ensino desse gênero. Com a sequência didática pronta, fomos para a prática e comprovamos que um dos principais problemas apresentados na escrita dos alunos nesse gênero se encontra na coesão textual. Assim, entre todos os fatores de coesão, tínhamos o interesse de aprofundar nossas observações nos MDs, com o objetivo de descrever o gênero nas suas propriedades formais, linguísticas e discursivas, analisando as funções semântico-discursivas que os MDs desempenham na textualização.

Para esse efeito, selecionamos um corpus de 46 artigos científicos da área da Linguística e, depois da análise para determinação do tipo de marcadores ocorrentes e da sua frequência, selecionamos *assim* como objeto de nossa pesquisa, por duas ordens de razões: i) é claramente o mais frequente; ii) está pouco estudado na sua funcionalidade discursiva.

A fim de apresentar os resultados de nossa investigação, dividimos essa exposição em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “O gênero artigo científico”, contempla uma retomada bibliográfica dos estudos sobre gêneros, nomeadamente as perspectivas de Aristóteles (2005), Bakhtin (2003) e Bronckart (2007), entre outros autores que colaboram com essas teorias, a fim de delimitar e descrever o objeto de estudo dessa pesquisa, o *gênero artigo científico*.

O segundo capítulo, “Marcadores Discursivos”, apresenta um recorte bibliográfico sobre os MDs. Partimos de uma retomada sobre o desenvolvimento do estudo sobre os MDs como elemento de coesão e, em seguida, apresentamos a proposta de classificação de alguns autores: Adam (2011), Fraser (1999), Lopes e Carapinha (2013) e Morais (2011).

O último capítulo, intitulado “Os valores de *assim* e formas correlatas em artigos científicos”, tem como objetivo, com base na teoria sintetizada nos capítulos que o precedem, apresentar a análise que realizamos nesta pesquisa. O capítulo está dividido basicamente em duas partes: na primeira, apresentamos uma retomada sobre o item *assim* na literatura, e, na segunda parte, concentramos na análise das funções de *assim* e formas correlatas como MD encontradas no *corpus*, com base, nomeadamente, em Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011).

## Capítulo I – O Gênero Artigo Científico

Como falantes e usuários de uma língua, sabemos diferenciar intuitivamente diferentes textos. Trata-se de um conhecimento da língua e do mundo que nos permite reconhecer uma reportagem, uma receita culinária, um artigo de opinião, um artigo científico, uma carta, um email, entre uma infinidade de outros textos que pertencem ao nosso dia a dia e que fazem parte das nossas atividades comunicativas. Além de fazerem parte da nossa competência metagenérica, os gêneros são também objeto de investigação linguística, e é nesse contexto que se situa o primeiro capítulo desta dissertação.

Assim, começamos por analisar os gêneros<sup>1</sup> numa perspectiva linguístico-discursiva, realizando depois um recorte para nos centrarmos no gênero artigo científico, de que descrevemos as características composicionais, formais e funcionais.

### *1.1. Aristóteles e a teoria dos gêneros*

O termo *gênero* significa o congregar em um grupo seres ou coisas que possuem semelhanças em suas características. Sob a perspectiva da linguística, o termo significa, de forma simplista, agrupar textos dotados de características comuns. Apontadas como as primeiras referências dessa classificação de textos em gêneros estão as obras de Aristóteles, no século III a. C.

Em *Retórica*, Aristóteles apresenta três gêneros de retórica: *judicial*, *deliberativo* e *epidíctico*. O primeiro corresponde a discursos de acusações ou defesas sobre ações passadas a fim de mostrar a justiça ou a injustiça do que foi feito. O segundo são discursos de exortações ou dissuasões que tencionam mostrar vantagens ou desvantagens de alguma ação, enquanto o terceiro gênero corresponde a discursos que louvam ou censuram algo, a fim de mostrar a virtude ou o defeito de alguma coisa ou alguém. Segundo Aristóteles, o discurso desses três gêneros comporta “o orador, o assunto de que fala, e o ouvinte; e o fim do discurso refere-se a este último, isto é, ao ouvinte” (Aristóteles, 2005: 104<sup>2</sup>). Discorrendo sobre cada um desses gêneros, Aristóteles destaca os temas principais encontrados em cada um desses textos e sua *finalidade*, que é o que permite a sua

---

<sup>1</sup> A nossa revisão da literatura concentra-se apenas em autores que tiveram importância evidente no tratamento de questões ligadas ao gênero textual, sem que, no entanto, isso signifique que não temos em linha de conta outros trabalhos, portugueses, brasileiros e franceses, que se têm debruçado aprofundadamente sobre este tópico nos últimos anos. A título de exemplo, referimos, em Portugal, os trabalhos de Coutinho (2003, 2007) e Miranda (2012), no Brasil, os estudos de Marcuschi (2002, 2008) e Travaglia (2011), e em França, os de Maingueneau (2004) e Charaudeau (2001).

<sup>2</sup> Tradução de Manuel Alexandre Júnior.

distinção.

A retórica apresentada por Aristóteles, entendida pelo filósofo como a arte de persuadir, prioriza a maneira de discursar visando a um fim, o de “formar um juízo” (Aristóteles, 2005: 156) através da persuasão, “quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2005: 96).

Também na literatura clássica, Aristóteles apresentou uma preocupação em dispor os textos em uma tipologia geral, de acordo com suas semelhanças e diferenças. Assim, o autor distinguiu três formas genéricas fundamentais: o *lírico* (de caráter emocional, subjetivo), o *épico* (narração de fatos grandiosos) e o *dramático* (destinado à representação cênica, como a tragédia ou a comédia), sendo que suas características são diferenciadas pelos modos de representação da realidade, com base nos modos de enunciação. O filósofo também subdividiu esses gêneros literários de acordo com suas especificações de conteúdo, como a epopeia, a novela, a poesia, a ode, etc. Os textos possíveis de serem encaixados nessa classificação eram os literários, enquanto os demais eram os não literários.

Na linguística moderna, Bakhtin amplia essa noção de gênero para todas as formas de produção textual, como veremos na seção 1.2. Até aqui, o que nos importa nas classificações de gêneros apresentadas por Aristóteles é uma breve observação das origens do termo. Não ignoramos também o caráter argumentativo da retórica apresentado pelo autor, já que o gênero por nós estudado, o artigo científico, carrega o caráter da persuasão e da retórica, que o caracteriza, mesmo que esse gênero tenha sido constituído como tal muitos séculos depois (como veremos adiante). De acordo com Júnior, em sua introdução à obra “Retórica” (2005: 64), as definições apresentadas por vários estudiosos clássicos, como Quintiliano e Aristóteles, concordam que “a retórica e o estudo da retórica têm em vista a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos” (Júnior, 2005: 23).

Por fim, a retórica de Aristóteles

É sobretudo uma retórica da prova, do raciocínio, do silogismo retórico: isto é, uma teoria da argumentação persuasiva. E uma das suas maiores qualidades reside no facto de ela ser uma técnica aplicável a qualquer assunto. Pois proporciona simultaneamente um método de trabalho e um sistema crítico de análise, utilizáveis não só na construção de um discurso, mas também na interpretação de qualquer forma de discursos (Aristóteles, 2005: 34)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Citação de Manuel Alexandre Júnior na introdução da obra *Retórica*.

## ***1.2. Bakhtin e os gêneros discursivos***

A pesquisadora Rosângela Rodrigues (2004), ao analisar os gêneros do discurso na teoria bakhtiniana, comenta que, no manuscrito “O problema dos gêneros discursivos”, inacabado e publicado em 1979, após a morte de Bakhtin, o autor dedicou especial atenção para a questão dos gêneros, objeto central de análise da obra. Em seu texto, Bakhtin destaca que o problema dos gêneros do discurso nunca foi posto em questão, pois, até então, os gêneros eram considerados como pertencentes ao artístico-literário e não como formas discursivas pertencentes, também, à vida social. Em suas palavras, “estudavam-se – mais que tudo – os gêneros literários [...] quase não se levava em conta a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos” (Bakhtin, 2003: 262-263).

É a partir das reflexões de Bakhtin, portanto, que a noção de gêneros começa a ter um caráter distinto da noção aristotélica, já que o autor amplia este conceito para todas as formas de produção textual.

De forma resumida, Rodrigues (2004: 183) sintetiza o conceito de gêneros do discurso apresentado por Bakhtin, fazendo um paralelo à noção de gênero herdada de Aristóteles:

Uma primeira observação é a de que a abordagem do autor concretiza-se pelo ângulo sócio-histórico, articulando as dimensões histórica e normativa dos gêneros e enfatizando a sua relativa estabilidade (a relação entre o dado e o novo). Uma segunda, decorrente da primeira (...), é a de que o seu conceito de gênero não se limita àquelas *formas de discurso social* que alcançaram uma determinada valoração ideológica (aquelas que são objeto de estudo da Poética e da Retórica), justamente porque concebe o gênero como uma forma concreta e histórica, necessariamente presente em todas as manifestações discursivas, uma vez que o discurso materializa-se na forma de enunciados, que são sempre construídos em determinados gêneros.

A ideia de Bakhtin de que gêneros são “tipos” estáveis de enunciados serviu e ainda serve de base para os estudos amplamente desenvolvidos a partir do século XX sobre gêneros. Para o autor, esses tipos de enunciados estão relacionados à comunicação social, já que “o emprego da língua efetiva-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (Bakhtin, 2003: 261). Assim,

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada um desses domínios [...] Todo enunciado tomado isoladamente, bem entendido, é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de

enunciados, e é a estes que chamamos de gêneros do discurso (Bakhtin, 1984: 265, *apud* Bronckart, 2007: 423)

Cada enunciado é único, pertencente a uma cadeia de enunciados interligados entre si. Na verdade, um enunciado surge em resposta a outro enunciado (interação), porém, o enunciado não é composto unicamente de todo um material semiótico (ideológico) organizado em um conjunto de signos (texto). É composto também de uma dimensão social e histórica, e, desta forma, ele tem autor e destinatário, tem finalidade discursiva, está ligado a uma situação de interação, pertence a uma esfera social, etc. Reutilizando as palavras de Rodrigues (2004: 425), o enunciado “é uma unidade de sentido diante da qual se pode tomar uma atitude responsiva” e que também “relaciona-se com a realidade extra-verbal”, ou realidade de interação numa dada *esfera social*.

Ao enunciado, Bakhtin (2003) relaciona três elementos que integram sua constituição verbal: *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional*. Estes são determinados pela particularidade do campo da comunicação utilizado. Cada enunciado é particular e individual, mas o campo de utilização da língua (cada esfera social), como diz Bakhtin, elabora seus tipos relativamente estáveis.

O primeiro elemento caracterizador do enunciado é o *conteúdo temático*. Esse elemento corresponde ao tema presente no discurso e pode variar conforme o campo da comunicação discursiva, “por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual” (Bakhtin, 2003: 289).

O segundo elemento é o *estilo*. Para o filósofo, o estilo está relacionado com a seleção dos recursos linguísticos, como os lexicais, os morfológicos e os sintáticos. A língua possui um vasto arsenal de recursos linguísticos, mas nas diferentes esferas da comunicação discursiva esses elementos são determinados pelo seu aspecto expressivo, ou seja, “pela relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (Bakhtin, 2003: 289).

O terceiro elemento elencado por Bakhtin para caracterizar o enunciado é a *construção composicional*. O enunciator realiza seu discurso através da escolha de um gênero de discurso, que assume uma dada forma estrutural. A especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, o tema, o contexto da comunicação e o contexto social dos participantes determinam essa escolha. Finalmente, o intento discursivo do falante é realizado numa determinada estrutura (a construção composicional) que colabora para um fim.

Como se dão, portanto, os gêneros? De acordo com o autor, não é pela forma, mas

pelas esferas da atividade e comunicação humanas (as situações de interação) que se definem os gêneros. Se considerarmos, sob essa ótica, o gênero relato pessoal e relato policial, verificamos que, apesar de terem uma forma parecida, pertencem a esferas sociais diferentes, não satisfazendo, assim, a um mesmo gênero.

Para Bakhtin, os gêneros são como formas de ação, pois, na interação, regem, para o autor, a construção do enunciado, gerando, para o interlocutor, expectativas na compreensão do enunciado. Isto nos leva a crer que para a interação é preciso o domínio tanto das formas da língua quanto das formas do discurso (Rodrigues, 2004). Além disso, segundo o autor, os gêneros se constituem a partir de novas situações de interação que vão se estabilizando no interior das diferentes esferas sociais. Assim, qualquer alteração na interação social implica na mudança do gênero. Em síntese à ideia bakhtiniana, Rodrigues (2004:423) diz que

os gêneros estão vinculados à situação social de interação e, por isso, como os enunciados individuais, são constituídos de duas partes inextricáveis, a sua dimensão lingüístico-textual e a sua dimensão social: cada gênero está vinculado a uma situação social de interação *típica*, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário.

Por possuir estrutura relativamente estável, a natureza dos gêneros se apresenta fortemente dinâmica, já que estes se fundam como um produto social e, então, sofrem transformações de acordo com as mudanças na sociedade. Assim, os gêneros “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (Marcuschi, 2002: 20). Em outras palavras, podemos afirmar que os gêneros não se limitam às formas linguísticas com uma estrutura pré-definida, mas caracterizam-se como formas de agir sociodiscursivamente em situações de comunicação específicas.

É impossível tentar expor o conceito de gêneros discursivos à luz da teoria bakhtiniana sem tanger, a todo o tempo, na questão da *esfera social*. Como visto até agora, os gêneros, para Bakhtin, se caracterizam como textos de realização empírica em situações específicas de comunicação. Assim sendo, a produção de qualquer gênero discursivo atende a uma necessidade comunicativa e suas características dependem da *esfera de utilização da língua*, que forma os tipos relativamente estáveis de enunciados.

O número de gêneros possíveis é incontável. Já que surgem de acordo com as necessidades comunicativas de cada esfera social (e considerando que essas esferas são também diversas), é natural que uma variedade de gêneros tenha surgido. Para Bakhtin

(2003: 262),

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Também nesse sentido, Koch (2002: 54) afirma que “sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, incluindo desde o diálogo cotidiano à tese científica”.

Em sua teoria, Bakhtin (2003) não expõe uma tipologia para gêneros, apenas distingue o que ele chamou de *gênero primário* (simples) e *gênero secundário* (complexo). Segundo ele, o primário se constitui nas ideologias não formalizadas e sistematizadas (cotidiano), enquanto o gênero secundário pertence a uma comunicação cultural mais complexa, no campo das ideologias formalizadas e especializadas, presentes nas interações sociais como na comunicação artística, científica, religiosa, jornalística, etc. Explicando essa distinção apontada por Bakhtin, Koch (2002: 54) comenta que:

Enquanto os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face a face) são constituídos em situações de comunicação ligadas a esferas sociais cotidianas de relação humana, os segundos são relacionados a outras esferas, públicas e mais complexas, de interação social, muitas vezes mediadas pela escrita e apresentando uma forma composicional monologizada, absorvendo, por, e transmutando os gêneros primários.

Em qualquer atividade comunicativa, o ser humano serve-se da língua e, a partir do interesse, intencionalidade e finalidade de cada atividade, os enunciados serão realizados de maneiras distintas. Em Bakhtin, vemos que as esferas sociais (esferas de atividade humana, de comunicação ou, ainda, comunicativa) são várias e, em cada uma delas, há condições comunicativas levantadas para atender a necessidade de comunicação. Assim, é importante deixar claro que as esferas sociais são caracterizadas pelos diferentes papéis, formas de organização e lugares sociais nas instituições e situações em que o discurso é produzido. São várias as esferas sociais: religiosa, científica, escolar, política, publicitária, cotidiana, etc. E as várias esferas sociais englobam os gêneros discursivos que, por sua vez, moldam o discurso. Por exemplo, o gênero artigo científico, por nós analisado, está inserido na esfera científica. Junto a esse gênero, outros gêneros pertencem a essa esfera, como a resenha acadêmica, o ensaio, a conferência, a palestra científica, o relatório, o debate, o artigo de divulgação científica, a tese, a monografia, a dissertação, etc.

Nessas breves linhas dedicadas ao *gênero discursivo* de Bakhtin, vimos que a teoria

desse autor, na questão dos gêneros, baseia-se nos aspectos da materialidade linguística que são determinados pela situação de enunciação. Não há a pretensão, nessa teoria, de descrever os aspectos linguísticos ou textuais. No tópico seguinte, exploramos um pouco a noção de *gênero textual* de Bronckart, que, como veremos, trabalha com noções advindas da Linguística Textual e do Discurso.

### ***1.3. Bronckart e os gêneros textuais***

O Interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) é um modelo teórico contemporâneo que se centra numa proposta interacionista da linguagem. Tendo como precursor o pesquisador Jean-Paul Bronckart, essa teoria teve como base os pressupostos bakhtinianos. Bakhtin defendia que

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação isolada nem pelo ato psíquico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação de linguagem, realizada através da enunciação e das enunciações. A interação de linguagem constitui, assim, a realidade fundamental da língua (Bakhtin, 1977: 135-136, *apud* Bronckart, 2007: 141).

De acordo com Gonçalves (2007: 51), estudar a linguagem sob a proposta do ISD “significa não apenas tentar elaborar um modelo das condições de produção do texto e de sua organização”, mas é, especialmente, a tentativa de estudar as produções verbais a partir da interdependência existente entre o contexto verbal e o contexto não verbal. Para Bronckart, “a tese central do interacionismo sócio-discursivo é que a ação [*conjunto de operações de linguagem*] constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (2007: 42).

Este autor considera também que um *texto* é uma “*produção de linguagem situada*”, que se manifesta oralmente ou na escrita. Apesar de possuírem extensão variada, os diversos textos que podemos encontrar (artigo de opinião, resumo, conversa entre amigos, pedido de emprego, etc.) possuem características comuns:

cada texto está em relação de interdependência com as propriedades do contexto em que é produzido; cada texto exhibe um modo determinado de organização de seu conteúdo referencial; cada texto é composto de frases articuladas umas às outras de acordo com as regras de composição mais ou menos estritas; enfim, cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna (Bronckart, 2007:71).

Assim, com base nas características acima citadas, conclui o autor que a noção de texto “designa **toda unidade de produção de linguagem** que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário” (Bronckart, 2007: 71). Adotar, porém, uma definição genérica de texto não exclui o fato de que os textos apresentam características que os diferenciam. Bronckart (2007: 72) distingue essas diferenças em dois grupos: características consequentes da existência de várias “espécies de textos” em um grupo social específico e as características consequentes das variações produzidas por cada produtor ao reproduzir uma espécie de texto e adaptá-la ao contexto em que se encontra.

Os textos são, então, produtos da atividade humana ligados “às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos” (Bronckart, 2007: 72). Os contextos sociais em que os textos se apresentam são diversos e apresentam diferentes necessidades comunicativas, assim, ao longo da história, cada sociedade elaborou diferentes “espécies de textos”<sup>4</sup>.

Desde a antiguidade grega, vemos uma preocupação em classificar e nomear as diferentes espécies de textos, que Bronckart nomeia como *gêneros de texto*<sup>5</sup>. Para os estudiosos gregos e seus sucessores, a noção de gênero limitava-se a textos com valor social, como os gêneros épico, poético, lírico, etc.. Com as novas composições literárias no Renascimento, como o romance, a ficção científica, as novelas, etc., a noção de gênero estendeu-se para abarcar essas novas espécies de textos escritos. Entretanto, foi apenas no século XX, como vimos anteriormente, que a noção de gênero ampliou a fim de abarcar formas escritas e orais, incluindo aí os textos produzidos em situações corriqueiras, como uma conversa, um relato de acontecimento, um diálogo em família, etc. Assim, conclui o autor que toda *espécie de texto* pode ser classificada em um *gênero*.

Na sociedade, os textos são “produtos da atividade de linguagem em funcionamento” (Bronckart, 2007: 137). Seu uso pela sociedade gera diferentes espécies de textos, com características *relativamente estáveis*. Assim se deu a definição de gêneros discursivos para Bakhtin. Classificar um determinado gênero, contudo, apresenta certas dificuldades consequentes da diversidade de critérios que podem ser utilizados para essa classificação, como: o tipo de atividade humana que o texto está inserido, o efeito

---

<sup>4</sup> Bronckart (2007: 72) usa a expressão “espécie de texto” provisoriamente e diz que esse termo foi conceitualizado sistematicamente por outras correntes da linguística textual.

<sup>5</sup> Diferentemente de Bakhtin, que nomeou os gêneros como *gêneros discursivos*, Bronckart usa a expressão *gêneros textuais*. Não é nosso interesse, neste trabalho, entretanto, nos debruçarmos sobre essa diferença terminológica.

comunicativo pretendido, o tamanho e o caráter do suporte, o conteúdo temático do texto, entre outros. Além dessas dificuldades, Bronckart (2007) acrescenta que alguns gêneros podem desaparecer e reaparecer em outra época, em formas parcialmente diferentes, outros gêneros podem modificar-se com o tempo e outros novos aparecem. Assim, o limite entre os gêneros não pode ser totalmente estabelecido, e suas configurações são momentaneamente cristalizadas, de acordo com o uso.

Segundo Bronckart (2007: 75), um meio objetivo para classificar um gênero é observar os *segmentos* que compõem os textos de um determinado gênero, já que a partir desses segmentos observamos organizações sintáticas estáveis e, portanto, “são esses segmentos, e não os gêneros nos quais se inscrevem, que podem ser identificados com base em suas propriedades linguísticas” (como veremos posteriormente). Para o linguista, qualquer unidade de produção verbal que contém uma mensagem organizada linguisticamente, a fim de produzir um efeito de coerência em seu destinatário, é o que ele chama de *texto*, o qual, conseqüentemente, se manifesta em um *gênero textual*:

Chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista de ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão **gênero de texto** em vez de *gênero de discurso* (Bronckart, 2007: 75).

Ainda segundo Bronckart (2007: 138-139), independente do gênero utilizado, os textos são compostos por segmentos de estatutos diferentes (exposição de diálogo, de relato, etc.). Esses segmentos são “formas específicas de semiotização” que dependem dos recursos morfossintáticos da língua, sendo, assim, limitados. Essas formas específicas revelam a “construção das coordenadas de mundos virtuais, radicalmente diferenciadas do mundo empírico dos agentes”. O autor chama esses segmentos de *tipos de discurso* e os mundos virtuais, aos quais se baseiam, de *mundos discursivos*. Diante disso, Bronckart descreve, de um lado, os mundos discursivos, bem como as operações psicológicas que os definem, e, de outro, os tipos de discursos com as unidades linguísticas que caracterizam esse mundo.

Os mundos discursivos são divididos em dois subconjuntos de operações chamados, por Bronckart, de *Mundo do Narrar* e *Mundo do Expor*. O primeiro diz respeito

ao relacionamento entre, de um lado, as diferentes instancias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal, tais como são mobilizadas em um texto, e, de outro, os parâmetros físicos da ação de linguagem em curso (agente produtor, interlocutor eventual e espaço-tempo de produção) (Bronckart,

2007: 152).

E o segundo diz respeito à

relação existente entre as coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas gerais do mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem de que o texto se origina (Bronckart, 2007: 152).

Quando o discurso está no mundo do narrar, está colocado em outro lugar, um mundo *disjunto* do mundo ordinário da ação de linguagem do produtor, mas pode ser interpretado pelos leitores. Dentro do narrar, distinguimos um pólo realista (possível de ser interpretado de acordo com os critérios do mundo ordinário) e um pólo ficcional (onde o conteúdo é apenas parcialmente passível de interpretação). Já os discursos do mundo do expor possuem conteúdos possíveis de serem interpretados por estarem *conjuntos* ao mundo ordinário dos locutores.

Os *tipos de discurso* propostos são quatro: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração. Em linhas gerais, Bronckart (2007) caracteriza esses tipos de discursos:

a) ***Discurso interativo:***

- Apresenta unidades que remetem à interação verbal, como as frases interrogativas, as frases imperativas e as frases exclamativas;
- Predomínio dos verbos no tempo presente e pretéritos;
- Presença de unidades dêiticas que marcam a relação do mundo discursivo e o mundo ordinário;
- Presença de nomes próprios e predominância de pronomes de primeira e segunda pessoa do singular e do plural que se remetem aos protagonistas da interação;
- Predomínio de anáforas pronominais (em relação as nominais);
- Presença de auxiliares de modo e outros com valor pragmático (querer, dever, etc.);
- Densidade verbal elevada e pouca densidade sintagmática.

b) ***Discurso teórico:***

- Monologado com ausência de frases não declarativas;
- Predominância do tempo verbal presente (tanto o presente quanto o pretérito assumem um valor genérico);
- Ausência de dêiticos e organizadores temporais, mas presença de dêiticos intratextuais;

- Ausência de nomes próprios e pronomes em primeira e segunda pessoa do singular e plural;
- Presença de organizadores de valor lógico-argumentativos;
- Presença de frases passivas e declarativas, e ausência de frases interrogativas e exclamativas;
- Densidade verbal fraca e densidade sintagmática elevada.

c) ***Relato interativo:***

- De caráter monologado;
- Predominância de tempos verbais no passado;
- Presença de organizadores temporais que desenvolvem a narrativa a partir de uma origem espaço-temporal explícita ou não;
- Presença de pronomes na primeira e segunda pessoa do singular e plural (remetendo aos protagonistas da interação);
- Presença dominante de anáforas pronominais (muitas vezes associadas a anáforas nominais);
- Densidade verbal e pouca densidade sintagmática.

d) ***Narração:***

- Geralmente escrito e monologado;
- Predominância de frases declarativas;
- Predominância de tempos verbais no passado;
- Presença de organizadores temporais que desenvolvem a narrativa a partir de uma origem espaço-temporal explícita ou não;
- Ausência de pronomes de primeira e segunda pessoa do singular e do plural;
- Presença de anáforas pronominais e anáforas nominais (geralmente retomando um sintagma antecedente com substituição lexical);
- Equilíbrio entre a densidade verbal e nominal.

Bronckart (2007) observa que esta classificação em tipos de discurso possui, todavia, um caráter simplificador e pode gerar alguns problemas<sup>6</sup>. Entre eles, talvez o mais

---

<sup>6</sup> Gonçalves (2007: 67), por exemplo, elenca algumas confusões advindas da classificação em tipos de discurso: “A primeira delas é a de que apenas um discurso é considerado interativo. Para Machado (2005, 243), ‘o que se quer dizer é que é nesse tipo de discurso que se marca uma relação mais estreita entre o mundo discursivo e o mundo da situação concreta de produção’. Um segundo equívoco é o de se considerar o

evidente seja o fato de que os tipos de discurso podem mesclar-se e, assim, em um texto podem ocorrer segmentos com características de dois tipos. Então, se é possível essa combinação entre os tipos de discurso, conclui o autor que eles não podem ser o único critério de classificação de gêneros.

Além dos tipos de discursos, que constituem os elementos fundamentais da infraestrutura geral dos textos, a *organização sequencial* (ou *linear*) do conteúdo temático também é um elemento dessa infraestrutura. As *macroestruturas* (conhecimentos ou representações de um dado tema estocados na memória de forma lógica ou hierárquica), quando desenvolvem-se em um texto, são reorganizadas e inserem-se em estruturas sintáticas organizadas em um eixo sucessivo, em uma organização linear. Assim, as sequências nada mais são do que “o produto de uma reestruturação de um conteúdo temático já organizado na memória do agente-produtor na forma de *macroestruturas*”, reestruturação essa que se baseia nas representações sobre o(s) destinatário(s) e no efeito que neles se deseja produzir (Bronckart, 2007: 233-234). Assim sendo, o autor defende um caráter dialógico das sequências, já que elas se baseiam nessas decisões interativas.

A proposta de análise da organização textual com base em *sequências* surgiu em Adam<sup>7</sup> (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal), e Bronckart (2007), apoiado em Adam, reapresenta as sequências, que para ele são seis (acrescenta-se a sequência *injuntiva*), e ainda adiciona duas outras formas possíveis de organização sequencial do conteúdo temático, os *scripts* e as *esquematizações*. Para ele, as sequências não são suficientes para identificação de um gênero, como em uma lista de compras, por exemplo, onde não aparecem sequências, mas sim *scripts* e *esquematizações*.

Bronckart (2007) sintetiza as sequências com base em Adam apresentando as seguintes características:

a) *Sequência narrativa*: Em linhas gerais, a sequência narrativa só acontece quando há uma *intriga*. Nessa sequência há a seleção e organização de eventos a fim de formar uma

---

discurso teórico como discurso científico (...). Por fim, o terceiro problema seria o de que para o relato interativo e para a narração estas estariam sendo diferenciadas apenas por sua organização estrutural (tipos de sequência)”.

<sup>7</sup> Para Adam, as *sequências* são protótipos, ou seja, modelos abstratos (cognitivos) à disposição dos produtores e receptores de textos. Em relação à essa ideia, Bronckart (2007: 233) diz que “consideramos que os protótipos são apenas **construtos teóricos**, elaborados secundariamente a partir do exame das sequências empiricamente observáveis nos textos. Se esses protótipos podem desempenhar um papel de *modelo* para o agente-produtor de um texto, é apenas como generalização das diversas práticas planificadoras observáveis no intertexto. Os protótipos não procedem, pois, de uma ‘competência textual’ biologicamente fundada, como sustentado por alguns cognitivistas; eles procedem da **experiência do intertexto**, em suas dimensões práticas e históricas e podem, portanto, como todas as propriedades desse intertexto, modificar-se permanentemente”.

história com início, meio e fim. A partir de uma situação de equilíbrio, cria-se uma tensão que leva a várias transformações e, finalmente, a um novo estado de equilíbrio. São cinco as fases que compõem a sequência narrativa:

- Situação inicial: uma situação em equilíbrio é apresentada;
- Complicação: introdução de perturbação, o que cria tensão;
- Ações: os acontecimentos consequentes dessa perturbação;
- Resolução: introdução de acontecimentos que induzem a uma redução da tensão;
- Situação final: um novo estado de equilíbrio consequente da resolução.

Às cinco fases principais, duas outras podem ser acrescentadas:

- Avaliação: introdução de um comentário sobre o desenrolar da história;
- Moral: apresentação do significado global atribuído à história.

b) *Sequência descritiva*: Tem como objetivo fazer o destinatário ver em detalhe os dados do objeto de discurso que aparentemente não são necessários à progressão do tema, guiando, assim, esse olhar do destinatário. A sequência descritiva comporta três fases que não se organizam obrigatoriamente em ordem linear, elas se combinam em uma ordem hierárquica ou vertical. São elas:

- Ancoragem: o tema da descrição é apresentado, normalmente, de forma nominal. Frequentemente, ele é introduzido no início da sequência (mas pode também aparecer no meio ou no final);
- Aspectualização: há a enumeração dos diversos aspectos do tema. Nessa fase, o tema é decomposto em partes, as quais são conferidas propriedades;
- Relacionamento: através de metáforas e comparações, os elementos descritos são associados a outros.

c) *Sequência argumentativa*: Essa sequência tem por objetivo descrever os processos de lógica do pensamento e do raciocínio. A lógica argumentativa é apresentada em quatro fases, a saber, uma *tese* a respeito de um certo tema, *inclusão de dados* (argumentos) que, a partir de um processo de *inferência*, orientam para uma *conclusão*. As quatro fases da sequência argumentativa são<sup>8</sup>, portanto:

- Premissas: apresenta-se uma tese de partida;
- Argumentação: introdução de dados (exemplos, regras gerais, etc.) que orientam para

---

<sup>8</sup> Bronckart (2007: 227) comenta que esse modelo para a sequência argumentativa pode ser realizado de modo simplificado (pular a fase da contra-argumentação, por exemplo) como também pode ser realizado de modo mais complexo (entrelaçamento dos argumentos e contra-argumentos, por exemplo).

uma possível conclusão;

- Contra-argumentação: apresentação de restrições em relação à orientação argumentativa;
- Conclusão: apresentação dos efeitos resultantes das argumentações e contra-argumentações precedentes.

d) *Sequência explicativa*: A partir da apresentação de um fato *incontestável* (quer acontecimento natural, quer ação humana), introduz-se um desenvolvimento que colabora para responder às questões ou contradições que a incompletude do fato inicial pode suscitar. No desenrolar dessa sequência, apresentam-se as causas e/ou razões do fato inicial, bem como as questões e contradições que podem ser suscitadas. Ao final, o fato inicial é reformulado e enriquecido. São, portanto, as fases da sequência explicativa:

- Constatação inicial: introdução de um fato incontestável;
- Problematização: explicitação dos “porquês” e “como” associados a uma aparente contradição;
- Resolução: introdução de informações que, possivelmente, respondem às questões colocadas;
- Conclusão-avaliação: reformulação da constatação inicial.

e) *Sequência dialogal*: Acontece apenas em segmentos de discursos interativos dialogados, estruturados em turnos de fala por agentes-produtores em uma interação verbal, ou podem ser atribuídos a personagens postos em cena em outros discursos, como o narrativo. A sequência dialogal comporta três fases, embora seja possível que um agente não realize a primeira ou a última fase. Também as fases de abertura e encerramento podem apresentar-se com maior ou menor grau de elaboração dependendo da cultura. São as fases:

- Abertura: de caráter fático que apresenta o início do contato entre os interactantes, de acordo com as regras sociocomunicativas em que se inscrevem;
- Transacional: apresentação do conteúdo temático da interação verbal;
- Encerramento: também de caráter fático que encerra a interação.

f) *Sequência injuntiva*: são sequências que seguem as mesmas fases da sequência descritiva, mas usadas pelo agente a fim de fazer agir o destinatário. Em outras palavras, o agente visa que o destinatário cumpra uma tarefa ou siga determinada direção (por exemplo, uma receita culinária). Assim, nota-se a presença de formas verbais imperativas

ou infinitivas e ausência de organização espacial ou hierárquica, etc.

As seqüências que acabamos de elencar contribuem para a organização da infraestrutura textual. Podemos, com Gonçalves (2007: 70-71), dizer que

tais modelos são apenas construtos teóricos elaborados a partir de exame dessas seqüências concretamente observada em textos [...] [e] estão disponíveis no intertexto, em suas dimensões práticas e históricas. Desse modo, a opção por determinada seqüência é motivada pelas representações do produtor dos destinatários de seu texto e dos efeitos que pretende atingir.

Bronckart (2007) apresenta, além dessas formas de planificação acima citadas, o *script* e a *esquematização*. Segundo o autor, o *script* constitui o grau zero da planificação dos segmentos da ordem do *narrar*. É caracterizado por acontecimentos ou ações de uma história dispostos em ordem cronológica, sem que haja processo de tensão. Por exemplo: “Chegou, cumprimentou a todos e foi para o quarto...”. Já a *esquematização* constitui o grau zero da planificação dos segmentos da ordem do *expor*. Lembrando que em uma seqüência explicativa ou argumentativa os objetos de discurso são apresentados como problemáticos (ou contestáveis), é possível que um objeto de discurso não seja problemático ou contestável, mas *neutro*. Assim, o desenvolvimento das propriedades desse objeto apresenta-se em segmento apenas informativo ou expositivo. A organização, portanto, dessa seqüência se dá em forma de esquematizações (definição, enumeração, enunciado de regras, etc.).

A planificação de qualquer segmento de texto pode apoiar-se, portanto, na forma das esquematizações e dos scripts ou na forma de uma das seis seqüências. Para concluir, e retomando também a questão teórica dos tipos de discurso (apresentados no subtópico anterior), finalizamos com Gonçalves (2007: 71) que sintetiza:

a) O discurso Interativo relaciona-se/ combina com a seqüência dialogal; b) No discurso Teórico predominam as seqüências descritivas, explicativas, argumentativas ou esquematizações da ordem do *expor*; c) No Relato Interativo há predominância de scripts e seqüências narrativas; d) Na Narração há o predomínio da seqüência narrativa e descritiva.

Até aqui, vimos que os estudos de gêneros em Bakhtin centravam-se no discurso, considerando-os tipos mais ou menos estáveis de enunciados, marcados pelas especificidades das esferas sociais, podendo ser analisadas de acordo com o conteúdo temático, estilo e estrutura composicional. Estas dimensões da análise dos gêneros estão também presentes em Brockart, que, no entanto, aprofunda a questão da estrutura

composicional do gênero, aprofundando a questão da estrutura composicional do texto, articulando-a com os outros parâmetros referidos.

### **1.4. O gênero artigo científico**

Operamos seguidamente um recorte na análise global dos gêneros textuais, para nos centrarmos especificamente sobre o gênero artigo científico, relativamente ao qual explicitamos as propriedades e dimensões.

Os gêneros de textos científicos produzidos em contexto acadêmico são vários (teses, dissertações, monografias, artigos, resenhas, etc.), incluindo o artigo científico. De acordo com Sanches (2009: 169), o artigo científico

é um trabalho técnico, científico ou cultural, que faz parte de uma publicação e pode ser escrito por uma ou mais pessoas, sendo sua autoria declarada. Visa à rápida divulgação de determinado assunto, estando sujeito a normas editoriais. Apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento, devendo conter informações suficientes que permitam a reprodução das experiências e a obtenção dos mesmos resultados, a repetição das observações e a avaliação das conclusões do autor e a verificação da exatidão das análises e das deduções.

#### **1.4.1. O gênero artigo científico: um pouco de história**

John Swales (1990) afirma que o gênero artigo científico surgiu, em sua forma embrionária, em 1665 com o primeiro periódico científico, “The Philosophical Transactions of the Royal Society”. O desenvolvimento desse gênero, segundo Ard (1983, apud Swales, 1990), se deu através de cartas informativas trocadas entre pesquisadores. Assim, esses primeiros textos eram escritos em primeira pessoa (como nas cartas) e alguns até possuíam saudações. Quando o periódico Transactions começou a proporcionar um local para discussões, fez surgir um novo gênero de texto que refletia as novas situações retóricas, o que diferenciava dessas cartas, originando, assim, os artigos científicos. Nessa gênese, os artigos científicos eram extensas narrativas de experimentos científicos. A utilização das primeiras pessoas do singular e plural é um resquício daquela origem em relatos pessoais.

Para Swales (1990: 111), o cientista Robert Boyle e seus colegas colaboraram para o formato dos primeiros artigos científicos: “De acordo com Shapin [1984], através da

experiência com o fato real, Boyle e seus colegas procuraram transformar reivindicações e especulações em um tipo de conhecimento que fosse mais amplamente aceito”. Para que esse conhecimento “fosse mais amplamente aceito”, esses cientistas usavam testemunhas a fim de provar a veracidade das experiências, além de estabelecerem uma retórica e um estilo convincente para o artigo. Boyle escrevia seus textos de forma que o leitor acreditava estar lendo um relato preciso da experiência realizada, através da descrição detalhada dos experimentos que funcionavam ou não.

Bazerman (apud Swales, 1990) comprovou que a maioria dos artigos científicos, no início, apresentavam relatórios sobre eventos naturais ou observações feitas em microscópios, telescópios ou dissecação anatômica. Entretanto, nessa evolução do artigo científico, a “relação do cientista com a natureza se alterou gradualmente de uma visão onde a natureza das coisas era facilmente revelada pela observação ou manipulação direta para uma onde a natureza era complexa, obscura e difícil de ser apreendida” (Bazerman, 1983 apud Swales, 1990: 113). O resultado é uma nova organização do texto no século XVIII, que passou a ter uma introdução apresentando os fenômenos problemáticos. Em seguida, no desenvolvimento do artigo, o texto deveria descrever de forma cronológica os experimentos feitos, explicando os métodos e detalhando os resultados.

A partir da análise de artigos científicos do periódico “Physical Review”, publicados de 1893 a 1980, Bazerman traçou um perfil da evolução desse gênero e a sua atual forma. Observou a extensão dos artigos, a inclusão e o tipo de referências e as características sintáticas e lexicais. Quanto a extensão, concluiu que a média caiu de 7 mil para 5 mil palavras, permanecendo assim até 1940. Em 1980, a extensão dos artigos científicos apresentava uma média de aproximadamente 10 mil palavras. Entretanto, atualmente, os artigos se tornaram mais compactos. Já as referências, até 1980, eram de aproximadamente 10 por texto, mas, desde então, esse número tem se multiplicado.

Sobre as características sintáticas e lexicais, Bazerman observa que as sentenças relativas diminuíram em frequência, enquanto que as sentenças nominais e subordinadas temporal e causal tornaram-se mais frequentes, o que indica uma mudança de descrição para explicação. No nível lexical, os sujeitos das orações principais passaram de mais concretos (como aparato e substância) para mais abstratos, relacionados a processos ou qualidade (como ionização e correlação), ou seja, o conteúdo das sentenças principais se tornou mais abstrato. Também os verbos de relato deram lugar aos verbos ativos.

Quanto aos aspectos não verbais, o autor notou um declínio no número de figuras e tabelas. Mas, em compensação, notou um aumento no número e complexidade de

gráficos e equações, além de uma diferente organização do artigo, que passou a ser regularmente dividido em seções.

#### **1.4.2. Superestrutura do gênero artigo científico**

Swales (1990) considera que, atualmente, a estrutura do gênero artigo científico mostra-se estabelecida, e o seu formato já não é motivo para discussão. Basicamente, o artigo científico é dividido prototipicamente nas seções: *introdução*, *métodos*, *resultados*, *discussão* e *conclusão*, de acordo com Swales (1990). No entanto, nem todos os artigos são assim divididos, embora possuam aspectos semanticamente relacionados a essa divisão.

Variando um pouco esta divisão, Zamboni (1997) defende que o artigo científico apresenta as partes: *introdução*, *material e métodos*, *resultados e discussões*. Na *introdução*, é comum a apresentação do objeto investigado, bem como o esclarecimento da seriedade da pesquisa, a recapitulação de pesquisas precedentes e a recuperação de acontecimentos importantes do passado. Na subdivisão dos *materiais e métodos* (considerada pela autora a mais importante num artigo científico) apresentam-se com detalhes os materiais, a metodologia usada e as etapas da pesquisa (de forma que a repetição dessa experiência seja possível por outros pesquisadores, para fim de verificação dos resultados). Por fim, nos *resultados e discussões*, apresentam-se as consequências da metodologia adotada na pesquisa (podendo usar gráficos, figuras e tabelas), os comentários sobre os resultados obtidos, a avaliação da importância desses resultados, como também ressalvas, restrições e levantamento de novas hipóteses. Vale dizer que possíveis erros, comprometedores do resultado, são subtraídos do processo, e o enunciador é levado a tecer razões plausíveis que levam a resultados produtivos.

Se observarmos os artigos científicos publicados em revistas, não tomaremos muito tempo para notar que nem todos seguem as divisões em seção propostas por Swales ou Zamboni. Há divisões distintas dessas propostas, o que não exclui a presença de uma introdução, a apresentação da metodologia abordada e as conclusões obtidas através da pesquisa. Apesar de ser comum a prática de divisões em tópicos, há muitos artigos que não apresentam divisões (o que depende muitas vezes do suporte), entretanto, o desenvolvimento do texto contempla o conteúdo dessas partes.

Coracini (1991: 85), em uma pesquisa sobre o modelo canônico do discurso da ciência, criou uma organização subjacente à superestrutura do discurso científico, que

constitui dois textos ajustados: um *texto envolvente* e um *texto envolvido*. O *texto envolvente* é aquele que abarca o discurso do enunciador tentando “atrair o seu leitor e convencê-lo do valor da experiência ou da proposta metodológica”. E *texto envolvido* é aquele subjacente no discurso envolvente que expõe o relato da experiência. Essa sugestão nos leva além da observação da formatação superficial do texto, dirigindo nosso olhar investigativo para os componentes discursivos e pragmáticos presentes na construção do artigo, que expõem a argumentação do discurso científico a fim de envolver e levar o leitor a aceitar os fatos apresentados.

Latour (1987, apud Zamboni, 1997), a partir de uma visão social do texto científico, sugere que os discursos dos artigos científicos podem ser fatos e construções científicas ou, então, construções ficcionais, dependendo da atitude dos outros especialistas em relação a esses textos. Nessa perspectiva, o texto científico tem uma função social, que é resultado de uma construção social de determinada época e lugar.

De acordo com Costa (2011), o conteúdo dos artigos científicos pode abranger um estudo pessoal, uma descoberta, uma posição contrária a um estudo anterior, etc.. O autor apresenta duas categorias de artigos científicos:

*1- Artigos Científicos Originais:* Informam sobre os resultados de pesquisa obtidos, descrevem métodos, técnicas e processos, apresentam novas ideias, etc. Um texto pertence a essa categoria quando: Contribui para ampliar consideravelmente o conhecimento ou a compreensão de um problema (informações primárias); está redigido de tal maneira que um pesquisador competente possa repetir os experimentos, observações, cálculos ou raciocínios teóricos do autor e julgar as suas conclusões e a precisão de seu trabalho. (...) *2- Artigos de Revisão:* É um estudo sobre um determinado assunto, em que são reunidas, analisadas e discutidas as informações já publicadas. Os autores mais criativos desse tipo de estudo em geral o complementam com um número considerável de informações primárias (originais). O autor deve ter em conta todos os trabalhos publicados que fizeram avançar o tema e os que o teriam feito avançar se tivessem sido considerados. (Costa, 2011: 03).

Coracini (1991) e Latour (1987, apud Zamboni, 1997) concordam que os textos produzidos pelos especialistas são constituídos de ideias, teorias e razões aderidas por eles, através das quais vão tentar convencer o leitor. Assim, artigo científico é tecido por um especialista dotado de competência científica e de autoridade para falar de determinado assunto, que dirige seu discurso a uma comunidade específica também de especialistas. Em outras palavras, o discurso científico é restrito a um domínio sociocultural delimitado por indivíduos capacitados a apropriar-se dos símbolos científicos presentes no artigo e a avaliar seus valores. Tanto o emissor quanto o receptor são cientistas (especialistas) de uma mesma área.

### 1.4.3. Estrutura composicional e estilo do gênero artigo científico

Como vimos no início deste capítulo, Bakhtin (2003) distingue os gêneros em *primário* (simples, ligados a esferas sociais cotidianas) e *secundário* (complexos, ligados a outras esferas, públicas e mais complexas). Através da história do gênero artigo científico, podemos afirmar que esse gênero complexo derivou do gênero carta. Também com Bakhtin vimos que as esferas sociais são várias, caracterizadas pelos diferentes papéis, formas de organização e lugares sociais nas instituições e situações em que o discurso é produzido. O gênero artigo científico está inserido na esfera científica, junto com outros gêneros, como a resenha acadêmica, o ensaio, a conferência, a palestra científica, o relatório, o debate, o artigo de divulgação científica, a tese, a monografia, a dissertação, etc.. Os gêneros da esfera científica são caracterizados principalmente por serem textos escritos *por* especialistas *para* especialistas (com exceção do gênero artigo de divulgação científica). Assim, provavelmente um médico irá ler artigos científicos, ir a palestras ou ler qualquer outro texto que tenha como conteúdo temático assuntos da medicina. Outra característica da esfera científica é que os textos são geralmente escritos. Por mais que haja gêneros orais, como a palestra e a conferência, os textos apresentados oralmente são previamente escritos.

De acordo com Souto (2011: 35), “o artigo científico possui três elementos responsáveis pela sua estrutura formal: os elementos pré-textuais, os elementos textuais e os elementos pós-textuais”. Os primeiros englobam o título e subtítulo, o resumo e as palavras-chave<sup>9</sup>; os segundos, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão; enquanto os terceiros englobam as referências, o glossário, o apêndice, os anexos e os agradecimentos.

Lembrando o que foi dito anteriormente, Bronckart (2007: 138-139) afirma que os textos, independente do gênero, são compostos por seguimentos de estatutos diferentes (exposição de diálogo, de relato, etc.), os quais o autor chama de *tipos de discurso*, e os mundos virtuais, aos quais se baseiam, de *mundos discursivos*. O gênero artigo científico está inserido no *Mundo do Expor*, já que há relação entre as coordenadas gerais do conteúdo temático de qualquer artigo com as coordenadas gerais do mundo ordinário do locutor, onde se desenvolve a ação de linguagem do texto. Assim, os conteúdos dos textos

---

<sup>9</sup> Dependendo do suporte, o título, o subtítulo, o resumo e as palavras-chave podem também estar em língua estrangeira, podendo pertencer aos elementos pré-textuais ou pós-textuais, sendo mais comum nos elementos pré-textuais.

são possíveis de serem interpretados.

Sobre a classificação em *tipos de discursos*, Bronckart (2007) afirma que possui um caráter simplificador e que pode gerar problemas, já que os tipos de discurso podem mesclar-se. No gênero artigo científico isso acontece com os tipos *discurso teórico* e *narração*. Na seção de metodologia, por exemplo, é possível a presença do tipo de discurso narrativo, enquanto nas demais seções prevalece o discurso teórico, lembrando que o discurso teórico é monologado e escrito, sendo caracterizado pela ausência de frases não declarativas; predominância do tempo verbal presente; ausência de dêiticos e organizadores temporais, mas presença de dêiticos intratextuais; presença de organizadores de valor lógico-argumentativos; presença de frases passivas e declarativas, e ausência de frases interrogativas e exclamativas; e densidade verbal fraca e densidade sintagmática elevada.

Em cada tipo de discurso, a disposição do conteúdo pode realizar-se em seis tipos de *sequências*: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal e injuntiva. Além das sequências, os *scripts* e as *esquematisações* também são possíveis formas de organização sequencial do conteúdo temático. No gênero artigo científico predominam as sequências *argumentativas*, *explicativas* e *descritivas*, e também *esquematisações* da ordem do expor. Isso justifica-se pelo fato de as duas primeiras sequências consistirem em destacar um elemento adaptando sua apresentação aos conhecimentos, atitudes, sentimentos, etc. do destinatário. Nestas duas sequências, quando o emissor entende que o objeto de discurso, incontestável para ele, corre o risco de não ser compreendido pelo receptor, tende a apresentar as propriedades desse objeto numa sequência explicativa. E, quando o emissor considera que algum aspecto pode ser contestável, tende a organizá-lo numa sequência argumentativa. A sequência descritiva surge a partir dos efeitos que o agente-produtor deseja causar em seus destinatários: despertar a atenção para os detalhes do objeto de discurso.

Os exemplos (1)-(3) ilustram as sequências argumentativa, explicativa e descritiva, respectivamente, que são recorrentes num artigo científico:

(1) Desde Mattoso Câmara Jr. (1970/1977), o sistema vocálico do português brasileiro (doravante PB) é descrito como um sistema composto por sete categorias distintivas na sílaba tônica, as vogais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/.

(...)Entretanto, alguns aspectos do comportamento das vogais médias na sílaba tônica suscitam algumas dúvidas a respeito do estatuto fonológico da oposição entre vogais médias abertas e fechadas e, por conseguinte, sobre se realmente o PB possui sete

vogais. Em primeiro lugar, a oposição em questão não ocorre entre os verbos (Magalhães, 1990; Lee, 2003), embora o timbre da vogal média estabeleça muitos pares mínimos compostos por uma forma nominal e a sua correspondente forma verbal na 1ª p.s. do presente do indicativo (como, por exemplo, em alm[o]ço/alm[ɔ]ço e desesp[e]ro/desesp[ɛ]ro). Em segundo lugar, apesar dos pares mínimos encontrados entre os nomes, que são em número reduzido, há variação no timbre das vogais médias tônicas no que concerne ao grau de abertura, tanto no caso das anteriores quanto no das posteriores (Cunha, 1991; Alves, 1999), como se vê em [e]xtra/[ɛ]xtra, av[e]ssas/av[ɛ]ssas, p[o]ça/p[ɔ]ça e cr[o]sta/cr[ɔ]sta. Em terceiro lugar, afirma-se que a realização das vogais médias, no que diz respeito ao grau de abertura, apresenta algum grau de previsibilidade – nos casos de abaixamento espondeu e abaixamento datílico.

(...)Com base no exame dos resultados deste estudo à luz de resultados anteriores no âmbito da pesquisa sobre a percepção da fala, conclui-se que a distinção entre [o] e [ɔ] não é tão bem definida quanto a distinção entre [o] e [u] no nível das representações das categorias vocálicas armazenadas na memória e empregadas nos processos perceptivos de falantes do PB. (texto 19).

- (2) Desde Mattoso Câmara Jr. (1970/1977), o sistema vocálico do português brasileiro (doravante PB) é descrito como um sistema composto por sete categorias distintivas na sílaba tônica, as vogais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. A diferença entre as vogais médias anteriores e entre as posteriores é estabelecida pelo grau de abertura (ou altura) apresentado por cada vogal. Con-sidera-se que o contraste entre as vogais médias abertas e fechadas é funcional no PB apenas na sílaba tônica. O valor fonológico desta oposição na sílaba tônica pode ser atestado em pares mínimos como s[e]de/s[ɛ]de e c[o]rte/ c[ɔ]rte (texto 19)
- (3) O corpus de estudo é composto de 17 teleconferências conduzidas por um grande banco brasileiro, cujas transcrições estavam disponíveis na WWW. As teleconferências foram realizadas em português e aconteceram durante vários anos, desde o final da década de 1990 até o início dos anos da década de 2000. O corpus possui 98.515 tokens e 6.160 types. O objetivo das teleconferências era comunicar aos investidores a situação de seus investimentos e a do banco em geral. Os participantes eram diretores do banco, de um lado, e investidores ou representantes de fundos de investimentos do outro. Também participaram a equipe técnica, que operava os telefones e a ordem dos falantes e também organizava a sessão de perguntas e respostas. As pessoas estavam situadas em vários lugares do Brasil e, às vezes, do

mundo. Os participantes tinham acesso a arquivos PowerPoint com gráficos e tabelas para acompanharem os comentários.(texto 3)

Tomando em conta as características apontadas para o gênero artigo científico, destacamos a partir da consideração do seu estilo, um mecanismo central para a textualização, os marcadores discursivos, no capítulo 2, numa abordagem genérica, para, no capítulo 3, voltarmos a operar um recorte trabalhando apenas um desses marcadores no contexto do artigo científico.



## Capítulo II: Marcadores Discursivos

Na literatura, há variadas nomenclaturas<sup>10</sup> para o que aqui chamamos de Marcadores Discursivos (daqui em diante MDs), o que advém, de acordo com Rost-Snichelotto (2008), das várias categorias lexicais (verbos, advérbios, conjunções, adjetivos, substantivos, etc.). Também Morais (2011: 73) afirma que, apesar do consenso de que os MDs articulam segmentos discursivos, “não há consenso quanto ao estatuto desta propriedade de conexão na definição da categoria dos MD”. Segundo Fraser (1999), uma das primeiras referências dos Marcadores Discursivos como uma entidade linguística foi feita por Labov e Fanshel (1977: 156, apud Fraser, 1999: 932). De lá para cá, muitas outras pesquisas surgiram com foco nos Marcadores Discursivos a fim de saber o que eles são, o que significam e quais as funções manifestam.

Este capítulo tem como objetivo apresentar um recorte teórico de algumas pesquisas sobre os MDs, bem como apresentar algumas propostas de classificação que julgamos pertinentes para o estudo que aqui propomos: análise do MD *assim* no gênero artigo científico. Esse levantamento é precedido por uma breve reflexão, para a qual são convocados alguns estudos nesse domínio sobre a coesão e os seus mecanismos, na medida em que os MDs são um dos mecanismos que garantem a coesão textual.

### 2.1. A Coesão

A partir da década de 60, com a mudança do foco nos estudos de linguagem do sistema para o uso da linguagem, surgem os primeiros estudos sobre os fatores responsáveis pela textualidade. Para Beaugrande e Dressler (1981), a textualidade depende do cumprimento de sete critérios: coesão, coerência, situacionalidade, intextualidade, informatividade, aceitabilidade e intencionalidade, caracterizados por propriedades sintáticas, semânticas, pragmáticas e cognitivas. Entre esses sete fatores de textualidade, a coesão e a coerência constituem fatores de textualidade centrados no texto. Para esses autores, a *coesão* é o fator que contribui para a continuidade textual e consiste na conexão

---

<sup>10</sup> Fraser (1999: 932) cita, por exemplo, algumas das várias nomenclaturas: “cue phrases (Knott and Dale, 1994), discourse connectives (Blakemore, 1987, 1992), discourse operators (Redeker, 1990, 1991), discourse particles (Schroup, 1985), discourse signalling devices (Polanyi and Scha, 1983), phatic connectives (Bazanella, 1990), pragmatic connectives (van Dijk, 1979; Stubbs, 1983), pragmatic expressions (Erman, 1992), pragmatic formatives (Fraser, 1987), pragmatic markers (Fraser, 1988, 1990; Schiffrin, 1987), pragmatic operators (Ariel, 1994), pragmatic particles (Ostman, 1995), semantic conjuncts (Quirk et al., 1985), sentence connectives (Halliday and Hasan, 1976)”.

através de relações gramaticais dos componentes da superfície do texto, ou seja, todos os processos que marcam relações entre elementos na superfície de um texto.

Em uma perspectiva semântica, Halliday & Hasan (1976: 2) chamam de textura<sup>11</sup> as propriedades que definem um texto. Segundo eles, um texto possui uma textura *externa* e uma textura *interna*, onde a externa abarca fatores externos que influenciam nas escolhas linguísticas do falante ou escritor de acordo com a audiência, o meio e a função comunicativa, enquanto a textura interna está ligada à organização sequencial do texto, manifestando-se nos níveis frásico, interfrásico ou superfrásico. A esta última textura recai a principal atenção desses linguistas, que veem o texto como uma unidade semântica: “a unit not of form but of meaning”, onde as relações de sentido se baseiam na *coesão* (Halliday e Hasan, 1976: 20).

Para Halliday e Hasan (1976: 4), a *coesão* é uma relação semântica e “occurs where the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another”. Em outras palavras, há coesão sempre que um elemento num determinado discurso está semanticamente ligado a outros, ou seja, quando a interpretação de um elemento depende de outro. Os autores diferenciam o que eles chamam de *coesão gramatical* e *coesão lexical*<sup>12</sup>, sendo que essa distinção depende da natureza das unidades linguísticas na realização da coesão textual. Na coesão gramatical está a referência (pessoal, demonstrativa e comparativa), a substituição, a elipse e a conjunção (aditiva, alternativa, adversativa, causal, temporal), enquanto que na coesão lexical estão as diversas formas de retoma de itens lexicais, como a sinonímia, a reiteração e a colocação.

Duarte (2003: 89) define como *instrumentos de coesão* “todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. A autora apresenta também a divisão entre coesão gramatical e lexical, mas dá maior destaque à coesão gramatical (subdividida em coesão frásica, interfrásica, temporal, paralelismo estrutural e referencial) e sobretudo a *coesão interfrásica*. Segundo a autora, a coesão interfrásica ocorre com processos de interdependência semântica entre as frases na superfície textual, sobretudo através de Marcadores Discursivos. De acordo com o tipo de unidades linguísticas conectadas e o tipo de unidade resultante dessa conexão, Duarte divide a coesão interfrásica em dois tipos: a *parataxe* (coordenação) e a *hipotaxe* (subordinação).

---

<sup>11</sup> “The concept of TEXTURE is entirely appropriate to Express the property of ‘being a text’” (Halliday & Hasan, 1976: 2).

<sup>12</sup> “Cohesion is expressed partly through the grammar and partly through the vocabulary. We can refer therefore to GRAMMATICAL COHESION and LEXICAL COHESION” (Halliday & Hasan, 1976: 4-5).

Também para Koch (2013: 18), coesão são “todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. Sob esse prisma, a coesão seria a expressão linguística, por meio de elos coesivos, das relações de coerência. A autora propõe a distinção de dois tipos de coesão: *coesão referencial* e *coesão sequencial*. O primeiro tipo é aquele em que um componente da superfície do texto se refere a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferível (Koch, 2013: 31), e é constituído por formas remissivas gramaticais presas, livres e remissivas lexicais<sup>13</sup>. Por sua vez, a coesão sequencial “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas à medida que se faz o texto progredir” (Koch, 2013: 53). Ela subdivide-se em parafrástica (recorrência de termos, de estruturas, de conteúdos, de recursos fonológicos, de tempo e aspecto verbal) e frásica (cujos mecanismos possibilitam a manutenção temática através do uso de um mesmo campo lexical e os encadeamentos que podem ocorrer por justaposição ou por conexão).

Por sua vez, Lopes e Carapinha (2013: 31) defendem que a coesão está relacionada ao modo em que a sequência dos elementos textuais são dispostas, configurando, assim a “ossatura” que sustém o texto. As autoras apresentam os seguintes procedimentos léxico-gramaticais como geradores de coesão: *coesão lexical*, *coesão referencial*, *coesão interoracional* e *interfrásica*, e *coesão temporal*. Entre esses tipos de coesão, na coesão interoracional “a sinalização explícita dos nexos de sentido que interligam orações ou enunciados é feita através de conectores”<sup>14</sup> (Lopes e Carapinha, 2013: 71). Segundo as autoras, os conectores, na coesão textual, “codificam instruções sobre como sequencializar de forma coerente os enunciados que interligam. Neste sentido, funcionam como guias para a interpretação textual” (Lopes e Carapinha, 2013: 89).

Como vimos nesse esboço sobre as propostas de classificação da coesão por alguns autores, os conectores são mecanismos coesivos que, de uma forma geral, interligam enunciados fazendo o texto progredir. Nos tópicos seguintes, focamos nossa atenção para esse fenômeno linguístico, nomeadamente os Marcadores Discursivos.

---

<sup>13</sup> Sob o rótulo da coesão referencial, Koch junta os mecanismos de referência, substituição, elipse e coesão lexical elencados por Halliday e Hasan (1976).

<sup>14</sup> As autoras usam o termo “conectores” como hiperônimo, designando as conjunções de coordenação e subordinação adverbial, e também expressões de base adverbial, preposicional ou verbal que tenha função conectiva (Lopes e Carapinha, 2013: 71).

## ***2.2. Os Marcadores Discursivos***

Com a mudança do foco da estrutura do texto para os aspectos discursivos, os estudos relacionados aos Marcadores Discursivos aumentaram bastante na área textual. Com o avanço da semântica, da pragmática e da análise do discurso, ultrapassou-se a o estudo limitado às estruturas gramaticais da oração estendendo para o texto. A compreensão de um texto depende, dentre outros fatores, das operações cognitivas que levam à interpretação e a uma representação mental coerente da informação. Essa atividade cognitiva é dinâmica e exige diferentes padrões de esforço. De acordo com a pesquisadora Maria Morais (2011), interpretar um texto depende de pistas para o processamento mental do texto que são informadas pelo locutor, e os Marcadores Discursivos cumprem essa função. Presentes na superfície textual, os MDs sinalizam as relações entre os segmentos discursivos aumentando a acessibilidade da interpretação textual.

Com base em linguistas suíços, Coutinho (2005: 2) destaca que “organizadores textuais” são uma expressão hiperonímica que engloba diferentes categorias de organizadores, o que inclui os conectores. Trata-se assim, “de processos que, segmentando unidades textuais e/ou indicando o tipo de relação a estabelecer entre diferentes unidades textuais, assinalam, de forma mais ou menos ostensiva, a organização global, ou plano do texto (que pode ser mais ou menos convencional)” (Coutinho, 2005: 2)

Em linhas gerais, os MDs sinalizam uma conexão entre segmentos do discurso, veiculando uma instrução de como os segmentos textuais se relacionam com o contexto anterior. Para garantir a coerência da informação, cada novo segmento deve ser ligado tanto ao nível local como ao nível global. Para Morais, os MDs

codificam pistas para o processamento textual e [...] na computação do valor que lhes está associado intervêm ainda outras pistas de processamento dispersas no material disponibilizado pelo locutor. Na fase de interpretação, a convergência de diferentes pistas deve facilitar a construção de uma representação mental coerente do texto (Morais, 2011:126).

Também para Montolío,

los conectores tienen como valor básico esta función de señalar de manera explícita con qué sentido van encadenándose los diferentes fragmentos oracionales del texto para, de esa manera, ayudar al receptor de un texto guiándole en el proceso de interpretación (Montolío, 2001: 21)

Montolío ainda ilustra a função dos MDs comparando-os com sinais de trânsito: assim como os sinais de trânsito indicam sinais como ‘curva perigosa a direita’, ‘proibido

ultrapassar', 'diminua a velocidade', etc., os conectores, como chama a autora, também indicam no texto instruções como 'a informação em seguida constitui a causa do que foi apresentado anteriormente', 'a informação seguinte se opõe a anterior', 'atenção, agora chegou a conclusão', etc.. Assim, "los conectores funcionan en un texto como señales de balizamiento que un escritor eficaz va distribuyendo a lo largo de su discurso, a fin de que su lector siga sin esfuerzos ni dificultades el camino interpretativo trazado" (Montolío, 2001: 21).

Para classificar um elemento textual como MD, é importante, portanto, observar a função que esse elemento realiza na linearidade do texto. A função dos MDs é sinalizar a conexão entre segmentos discursivos ou enunciados e a relação então estabelecida corresponde a dois enunciados consecutivos. A informação do segmento que comporta o MD (segmento 2, ou S2) está relacionado com o segmento precedente (S1) (Morais, 2011).

Também para Fraser, os MDs

impose a relationship between some aspect of the discourse segment they are a part of, call it S2, and some aspect of a prior discourse segment, call it S1. In other words, they function like a two-place relation, one argument lying in the segment they introduce, the other lying in the prior discourse (Fraser, 1999: 938)

Fraser (1999: 938) apresenta uma forma de ocorrência dos MDs: <S1. MD+S2>, onde o ponto final indica uma pausa forte entre S1 e S2. Essa fórmula pode ser considerada ao falarmos de uma *posição prototípica dos MDs*, já que os MDs nem sempre aparecem no início de S2, podendo aparecer no meio ou no fim da sentença<sup>15</sup>:

- (4) a. A rubéola causa poucos transtornos à pessoa que a adquire; **entretanto**, no período de gravidez, embora pouco afete o organismo materno, provoca no feto retardamento do crescimento, retardamento mental, surdez e outros problemas. (NILC/São Carlos)
- b. Fica claro que uma parte do nosso trabalho está vinculada ao raciocínio (análise de dados e conclusões); a parte inicial, **entretanto**, pode ser considerada fundamentalmente experimental. (NILC/São Carlos)

Para além dessa formulação apresentada por Fraser, há MDs que conectam vários desenvolvimentos textuais (não apenas um, mas vários segmentos anteriores ao MD) ao S2, o que geralmente é verificável em MDs que introduzem um S2 que sintetiza ou conclui

---

<sup>15</sup> Moraes (2011:129) aponta dois motivos que justificam o uso dos MDs em posições não iniciais: i) contextos restritos onde os segmentos discursivos são pouco extensos e ii) a possibilidade de não realização do S1, que é fornecido pelo co(n)texto precedente.

todo o conteúdo do contexto precedente (que pode ser alguns segmentos ou até mesmo vários parágrafos). Isso comprova a capacidade de os MDs poderem agir tanto em nível local como em nível global.

Como uma conclusão para as funções dos MDs, Morais (2011: 136) aponta que

a função de marcação de nexos conectivos entre segmentos discursivos/enunciados é a função mais prototípica na definição da categoria dos MD. A conexão sinalizada pelo MD estabelece-se tipicamente entre segmentos verbalizados, com realização na superfície textual. O primeiro segmento, quando/se faz parte dos saberes compartilhados, pode não ser explicitado linguisticamente. O MD ocorre no segundo segmento, assinalando de que modo ele é relevante para o discurso em desenvolvimento.

Para além da função dos MDs, é importante destacarmos que seu significado não está integrado na estrutura semântica das proposições de S1 e S2 e, assim, não contribui para as condições de verdade das proposições desses segmentos. Na verdade, os MDs se constituem em sinais que explicitam (como o locutor entende) as relações entre as proposições anunciadas no discurso, cumprindo assim uma função metatextual (Morais, 2011). Essa concepção semântica para os MDs foi anteriormente expressa por Fraser (1988). Segundo o autor, o MD é “a comment specifying the type of sequential discourse relationship that holds between the current utterance – the utterance of which the discourse marker is a part – and the prior discourse” (Fraser, 1988: 21-22, apud Morais, 2011:138).

Montolío (2001: 25-31) chega a afirmar que os MDs não têm um significado lexical, apesar de terem algum tipo de significado particular que os fazem ser semelhantes, mas não idênticos, aos seus “parentes familiares”, e, também, ligeiramente ou completamente distintos de marcadores de outros grupos conectivos. O significado dos MDs consiste, então, em uma instrução para o locutor para que ele processe a informação seguinte ao marcador mantendo com a informação precedente uma determinada relação. Também os MDs podem encadear informações implícitas no enunciado, não formuladas explicitamente, mas que, mesmo não ditas, estejam “comunicadas”.

A consequência da articulação entre os segmentos pelos MDs é, portanto, a redução de esforço por parte do alocutário para interpretar essa relação discursiva, o que contribui para uma representação mental coerente do texto. Ao verificar as funções tipicamente atribuídas aos MDs por vários linguístas ao longo de décadas, Morais (2011: 82) conclui que as propostas são muito heterogêneas e “o denominador comum parece ser o reconhecimento de que se trata de unidades que não estão ao serviço da predicação e que

ficam de fora das categorias gramaticais tradicionais”. Os MDs, na verdade, pertencem a várias categorias gramaticais, como conjunções, locuções conjuncionais, advérbios, locuções adverbiais e interjeições (Gonçalves, 2012: 23). Também Adam (2011: 179) aponta que os MDs advém de conjunções de coordenação, conjunções e locuções conjuntivas de subordinação, e grupos nominais ou preposicionais.

### **2.3. Classificação dos Marcadores Discursivos**

Após expor algumas propriedades e características dos Marcadores Discursivos, apresentamos aqui algumas propostas de classificação. Nesse levantamento, não temos como objetivo uma análise comparativa das diferentes propostas, mas antes mostrar que, tal como vimos para a definição de MDs e sua caracterização, se trata de um campo vasto e terminologicamente diverso, em função dos princípios teóricos adotados, procurando, no final desta seção, encontrar alguns pontos de contacto e de diferença entre estas taxonomias, o que espelha o que encontraremos no capítulo 3, na descrição do MD *assim*.

Assim, dentre as várias propostas disponíveis, e tendo em consideração os objetivos dessa pesquisa, apresentamos brevemente algumas propostas de classificação dos MDs, a saber as de Adam (2011), Fraser (1999), Lopes e Carapinha (2013) e Morais (2011). A proposta de Morais, entretanto, tem como referência principal a proposta de Martín & Portolés (1999), como bem adverte a autora. Optamos pela classificação desses autores por apresentarem análises relativamente exaustivas dos termos e expressões que, segundo eles, formam a categoria dos MDs.

#### **2.3.1. A proposta de Adam (2011)**

Contribuindo para a linearização do discurso, os MDs, de acordo com Jean-Michel Adam controlam um escopo à esquerda (<) e/ou à direita (>), que pode ser uma parte mais ou menos longa de texto. O autor ilustra com um fragmento de um poema de Guillaume Apollinaire (Adam, 2011: 180):

(5) <b>SE</b> eu morresse lá longe na frente de batalha	[Se p >
Tu chorarias um dia, ó Lou, minha bem-amada	[q
<b>E ENTÃO</b> minha lembrança apagar-se-ia como morre	< E então > q’

<i>Um obus explodindo na frente de batalha</i>	<i>q' (continuação)</i>
<i>Um belo obus semelhante às mimosas em flor [...]</i>	<i>q' (final)]]</i>

Sobre esse exemplo, Adam mostra que o escopo de *se* estende-se a todos os cinco versos, enquanto *e então* estende-se às proposições *q* e *q'*.

Optando pela nomenclatura “conectores”, o autor os divide em três grupos: a) os *organizadores e marcadores textuais*, b) os *marcadores de responsabilidade enunciativa*, e c) os *conectores argumentativos*. Em comum, os três grupos exercem uma mesma função de ligação entre unidades de níveis diferentes, como palavras, proposições, porções do texto, etc., tendo como função marcar uma conexão entre duas unidades semânticas, criando, assim, uma estrutura do tipo “*p CONEX q*” (Nolke, 2001: 186, apud Adam, 2011: 180). A diferença entre esses grupos é que, à essa função de conexão, eles acrescentam ou não uma indicação de responsabilidade enunciativa e/ou de direção argumentativa.

a) *Organizadores e marcadores textuais* – basicamente, neste grupo, podem-se distinguir os que ordenam o discurso nos eixos do tempo e do espaço e os que estruturam a progressão do texto e a indicação de suas diferentes partes. Como subgrupos, o autor destaca:

- *Organizadores espaciais*: ajudam o leitor a construir um todo coerente. Exemplos: *à direita/à esquerda, antes/depois, em cima/embaixo, mais longe, de um lado/de outro, etc..*
- *Organizadores temporais*: podem combinar-se conforme uma ordem crescente de informação (E+então+depois+em seguida...). Exemplos: *então, antes, em seguida, [e] então, depois, após, na véspera, no dia seguintes, três dias depois, etc..*
- *Organizadores enumerativos*: segmentam e ordenam as informações textuais (combinando, muitas vezes, valor de ordem com valor temporal). Exemplos: *e, ou, também, assim como, ainda, igualmente, além disso, de um lado, inicialmente, primeiramente, em seguida, depois, em segundo lugar, por outro lado, enfim, em último lugar, etc..*
- *Marcadores de mudança de topicalização*: indicam a mudança de objeto. Exemplos: *quanto a, no que concerne a, etc..*
- *Marcadores de ilustração e de exemplificação*: introduzir exemplos e ilustrações. Exemplos: *por exemplo, notadamente, como, entre outros, etc..*

- b) *Marcadores de responsabilidade enunciativa* – Dentro desse grupo, Adam destaca:
- *Marcadores de quadros mediadores (ou fontes do saber)*: localizam as fontes dos diversos saberes que um texto veicula. Exemplos: *segundo, de acordo com, para, de fonte segura, etc..*
  - *Marcadores de reformulação*: retomada metaenunciativa que, muitas vezes, modifica um ponto de vista. Exemplos: *isto é, dito de outro modo, em outras palavras, etc..*
  - *Marcadores de estruturação da conversação*: utilizados nos textos orais e que funcionam como os organizadores temporais, e que dão uma tonalidade interativa mais marcada. Exemplos: *bom, bem, pior, então, etc..*
- c) *Conectores argumentativos* – de acordo com Adam (2011: 189), os conectores deste grupo “associam as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa dos enunciados”, dessa forma esses conectores “permitem uma reutilização de um conteúdo proposicional, seja como um argumento, seja como uma conclusão, seja, ainda, como um argumento encarregado de sustentar ou de reforçar uma inferência, ou como um contra-argumento”. O autor divide este grupo em quatro categorias de conectores:
- *Conectores argumentativos marcadores do argumento*: são conectores que podem ter um valor de justificativa e de explicação ou um valor de operador de construção de mundo. Exemplos: *porque, já [uma vez] que, pois, com efeito, como, mesmo, aliás, por sinal, etc..*
  - *Conectores argumentativos marcadores da conclusão*: introduzem uma conclusão. Exemplos: *portanto, então, em consequência, etc..*
  - *Conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento forte*: Exemplos: *mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, etc..*
  - *Conectores contra-argumentativos marcadores de argumentos fracos*: Exemplos: *certamente, embora, apesar de que, ainda que, etc..*

Em síntese, podemos resumir a classificação proposta por Adam (2011) na seguinte tabela:

<b>Organizadores e marcadores textuais</b>	<b>Organizadores espaciais</b>	<b>Organizadores temporais</b>	<b>Organizadores enumerativos</b>	<b>Marcadores de mudança de topicalização</b>	<b>Marcadores de ilustração e de exemplificação</b>
	<i>à direita/à esquerda, antes/depois, em cima/embaixo, mais longe, de um lado/de outro</i>	<i>então, antes, em seguida, [e] então, depois, após, na véspera, no dia seguintes, três dias depois</i>	<i>e, ou, também, assim como, ainda, igualmente, além disso, de um lado, inicialmente, primeiramente, em seguida, depois, em segundo lugar, por outro lado, enfim, em último lugar</i>	<i>quanto a, no que concerne a</i>	<i>por exemplo, notadamente, como, entre outros</i>
<b>Marcadores de responsabilidade enunciativa</b>	<b>Marcadores de quadros mediadores (ou fontes do saber)</b>		<b>Marcadores de reformulação</b>		<b>Marcadores de estruturação da conversação</b>
	<i>segundo, de acordo com, para, de fonte segura</i>		<i>isto é, dito de outro modo, em outras palavras</i>		<i>bom, bem, pior, então</i>
<b>Conectores argumentativos</b>	<b>Conectores argumentativos marcadores do argumento</b>	<b>Conectores argumentativos marcadores da conclusão</b>		<b>Conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento forte</b>	<b>Conectores contra-argumentativos marcadores de argumentos fracos</b>
	<i>porque, já [uma vez] que, pois, com efeito, como, mesmo, aliás, por sinal</i>	<i>portanto, então, em consequência</i>		<i>mas, porém, contudo, entretanto, no entanto</i>	<i>certamente, embora, apesar de que, ainda que</i>

Tabela 1: Classificação dos conectores segundo Adam (2011)

### 2.3.2. A proposta de Bruce Fraser (1999)

Em seu trabalho, Bruce Fraser procura caracterizar e delimitar as classes de MDs em língua inglesa, com base no fato de que os MDs conferem uma relação entre o segmento ao qual fazem parte (S2) e o segmento anterior (S1), apresentando, assim, precisamente as funções dos marcadores. O autor distingue os marcadores em duas grandes classes: “*Discourse markers which relate messages*” e “*Discourse markers which relate topics*”. O autor dá especial atenção à primeira classe, mostrando que a relação discursiva em que são usados esses MDs evolve “the (propositional) content domain (...), in others it

involves the epistemic domain (the speaker's beliefs) (...), while in still other it involves the speech act domain" (Fraser, 1999: 946).

Dentro da primeira classe, Fraser apresenta as seguintes subclasses:

a) *Contrastive Markers* (marcadores contrastivos) – onde os MDs assinalam que a interpretação explícita de S2 contrasta com a interpretação de S1. Ele ainda aponta o MD *but* como um contrastivo paradigmático e diz que este marcador pode coocorrer com qualquer outro dos marcadores desta categoria. De acordo com o significado dos itens desta classe, Fraser os apresenta da seguinte forma (Fraser, 1999: 947):

- a) *But*
- b) *However, (al)though*
- c) *In contrast (with/to this/that), whereas*
- d) *In comparison (with/to this/that)*
- e) *On the contrary, contrary to this/that*
- f) *Conversely*
- g) *Instead (of (doing) this/that), rather (than (doing) this/that)*
- h) *On the other hand*
- i) *Despite (doing) this/that, in spite of (doing) this/that, nevertheless, nonetheless, still*

b) *Elaborative Markers* (marcadores elaborativos) – os MDs sinalizam uma relação onde a informação de S2 é paralela à informação de S1, apresentando, assim, um reforço da informação de S1. Também aqui o marcador *and* pode coocorrer com os outros MDs desta subclasse. O autor divide os marcadores elaborativos da seguinte forma (Fraser, 1999: 948):

- a) *And*
- b) *Above all, also, besides, better yet, for another thing, furthermore, in addition, moreover, more to the point, on top of it all, to cap it all off, what is more*
- c) *I mean, in particular, namely, parenthetically, that is (to say)*
- d) *Analogously, by the same token, correspondingly, equally, likewise, similarly*
- e) *Be that as it may, or, otherwise, that said, well*

c) *Inferential Markers* (marcadores inferenciais) – nesta subclasse os MDs apontam que S2 apresenta uma conclusão baseada em S1, assim, o discurso de S1 funciona como

uma justificação que valida a conclusão introduzida pelo MD. Nesta subclasse, Fraser aponta o MD *so* como aquele que representa paradigmaticamente o significado dos itens desta subclasse, além de *so* poder coocorrer com os demais membros do grupo. O autor apresenta a seguinte divisão para os marcadores inferenciais (Fraser: 1999: 948-949):

- a) *So*
- b) *Of course*
- c) *Accordingly, as a consequence, as a logical conclusion, as a result, because of this/that, for this/that reason, hence, it can be concluded that, therefore, thus*
- d) *In this/that case, under these/those conditions, then*
- e) *All things considered*

Além dessas subclasses para os “*MDs que relacionam determinado(s) aspecto(s) das mensagens veiculadas pelos segmentos em causa*” (como traduz Morais (2011: 90)), Fraser admite ainda a existência de outras subclasses com um número menor de MDs, a qual inclui *after all, because, for this/that reason, since* (Fraser: 1999: 949).

Já sobre os *Discourse markers which relate topics*, Fraser diz que se trata de marcadores que assinalam aspectos da organização discursiva. Em outras palavras, são MDs que apresentam uma mudança de tópico, ocorrendo em casos onde “it is the topic to which S1 is contributing, rather than its message, which is related to the topic presented by S2” (Fraser, 1999: 949). Sem estabelecer subdivisões, o autor apresenta os seguintes marcadores para essa classe:

*Back to my original point, before I forget, by the way, incidentally, Just to update you, on a different note, speaking of X, that reminds me, to change to topic, to return to my point, while I think of it, with regards to*

A tabela 2 sintetiza a classificação proposta por Fraser (1999):

<i>Discourse markers which relate messages</i>		
<b>Contrastive Markers</b>	<b>Elaborative Markers</b>	<b>Inferential Markers</b>
a) <i>But</i> b) <i>However, (al)though</i> c) <i>In contrast (with/to this/that), whereas</i> d) <i>In comparison (with/to this/that)</i> e) <i>On the contrary, contrary to this/that</i> f) <i>Conversely</i>	a) <i>And</i> b) <i>Above all, also, besides, better yet, for another thing, furthermore, in addition, moreover, more to the point, on top of it all, to cap it all off, what is more</i> c) <i>I mean, in particular,</i>	a) <i>So</i> b) <i>Of course</i> c) <i>Accordingly, as a consequence, as a logical conclusion, as a result, because of this/that, for this/that reason, hence, it can be concluded that,</i>

g) <i>Instead (of (doing) this/that), rather (than (doing) this/that)</i>	<i>namely, parenthetically, that is (to say)</i>	<i>therefore, thus</i>
h) <i>On the other hand</i>	d) <i>Analogously, by the same token, correspondingly, equally, likewise, similarly</i>	d) <i>In this/that case, under these/those conditions, then</i>
i) <i>Despite (doing) this/that, in spite of (doing) this/that, nevertheless, nonetheless, still</i>	e) <i>Be that as it may, or, otherwise, that said, well</i>	e) <i>All things considered</i>
<b><i>Discourse markers which relate topics</i></b>		
<i>Back to my original point, before I forget, by the way, incidentally, Just to update you, on a different note, speaking of X, that reminds me, to change to topic, to return to my point, while I think of it, with regards to</i>		

*Tabela 2: Marcadores discursivos segundo Fraser (1999)*

### **2.3.3. A proposta de Lopes e Carapinha (2013)**

Chamados pelas autoras de “conectores que dão origem a unidades textuais não frásicas”, Lopes e Carapinha (2013: 89) definem os MDs como “expressões invariáveis, totalmente gramaticalizadas, tipicamente demarcadas por pausas e portadoras de um significado de processamento”, que é a instrução sobre como relacionar os enunciados que interligam. As pesquisadoras apresentam 6 classificações para os conectores textuais: *reformuladores*, *especificativos*, *reforçativos*, *estruturadores*, *consequenciais* e *contrastivos*.

a) *Reformuladores*: têm por função reformular a informação anterior, a fim de torná-la mais inteligível, visando a reparação de problemas que podem gerar incompreensão por parte do interlocutor. De acordo com as autoras, a reformulação pode ser de natureza i) *parafrástica*, onde o MD reformula o enunciado anterior, ou parte dele, para tornar a informação mais clara, ii) *não parafrástica*, onde há um maior distanciamento, por parte do locutor, do enunciado em S1, chegando a corrigir todo o discurso, e iii) *recaptulativos*, que reformulam de forma condensada a informação prévia.

b) *Especificativos*: são MDs que têm por função a especificação, a particularização ou a exemplificação do que foi dito.

c) *Reforçativos*: são MDs que sinalizam uma adição, geralmente ligado a um valor de

reforço argumentativo. Segundo as autoras, os conectores desse grupo são normalmente combináveis com *e*.

*d) Estruturadores:* têm por função ordenar a informação, marcando os segmentos textuais, enumerando-os. Marcadores nesta função garantem a continuidade material do texto.

*e) Consequenciais:* introduzem enunciados que expressam consequência, resultado ou efeito do enunciado anterior. As autoras notam que há uma diferença entre MDs conclusivos e consequenciais:

uma conclusão é uma inferência lógica, realizada pelo locutor a partir de premissas expressas e implícitas (...); uma consequência é uma situação do mundo que resulta da ocorrência de uma outra situação, em função de uma relação de causa/efeito (Lopes e Carapinha, 2013: 94).

*f) Contrastivos:* função que engloba marcadores que comparam implicitamente entidades ou situações e que, ao mesmo tempo, sinalizam contraste entre elas.

As autoras apresentam uma tabela que elenca os conectores em português que ilustram os nexos semânticos por elas analisados, a qual reproduzimos na tabela 3:

<b>Reformuladores</b>	<i>de paráfrase</i>	<i>Quer dizer, isto é, ou seja, por outras palavras, dito de outro modo</i>
	<i>de retificação</i>	<i>Ou antes, ou melhor, aliás, melhor dizendo</i>
	<i>de síntese</i>	<i>Enfim, em suma, resumindo, numa palavra</i>
<b>Especificativos</b>	<i>Ou seja, por exemplo, a saber, em particular</i>	
<b>Reforçativos</b>	<i>Além disso, além do mais, ainda por cima, sobretudo, de facto</i>	
<b>Estruturadores</b>	<i>Em primeiro lugar, depois, a seguir, por fim, por um lado, por outro lado</i>	
<b>Consequenciais</b>	<i>Daí que, conseqüentemente, de modo que, assim</i>	
<b>Contrastivos</b>	<i>Em contrapartida, ao contrário, pelo contrário, ao invés, já, agora</i>	

Tabela 3: Conectores textuais apresentados por Lopes e Carapinha (2013: 96-97)

#### 2.3.4. A proposta de Morais (2011)

No trabalho intitulado “Los marcadores del discurso”, Martín & Portolés expõem

uma proposta para a classificação dos MDs em espanhol, a partir de uma análise das funções discursivas que os termos desempenham. Em seu trabalho, não há uma aproximação entre propriedades semânticas e funções discursivas, e a classificação é baseada no papel que os MDs desempenham na comunicação. Em linhas gerais, Martín & Portolés classificam os MDs em cinco grupos: *estruturadores da informação*, *conectores*, *reformuladores*, *operadores argumentativos* e *marcadores conversacionais*, sendo que dentro desses grupos há vários subgrupos, que também levam em consideração as diversas funções discursivas.

Morais (2011) introduziu algumas adaptações e apresentou uma classificação com apenas três grupos principais: *estruturadores da informação*, *elaborativos* e *reformuladores*. Assim como Martín & Portolés (1999), a autora recorre às funções discursivas realizadas pelos MDs para classificá-los, ou seja, o papel realizado pelos MDs na comunicação.

a) *MDs estruturadores da informação* - é subdividido em: *MDs de ordenação*, *de mudança de tópico* e *de introdução de um segmento digressivo*. O primeiro subtipo organiza diferentes partes numa estrutura mais global, estabelecendo a estrutura hierárquica do texto. Assim, classificam-se como *MDs de ordenação* os MDs que estruturam uma listagem de informações e que sinalizam a abertura, continuação e fecho de uma série. Os segundo e o terceiro subtipos apresentam um desvio do tópico precedente. O que os distingue é que, enquanto os *MDs de mudança de tópico* (assim como o nome diz) insere no S2 um novo tópico informacional, os *MDs de introdução de um segmento digressivo* apresentam uma informação inserida a propósito do S1, geralmente breve, como um parêntese dentro da informação do texto (Morais, 2011: 159).

b) *MDs elaborativos* - aponta para conexões de adjunção de informação que, de certa forma, desenvolve a informação apresentada no S1. É dividido em seis subtipos: *de adição*, *de reforço*, *de particularização*, *contrastivos*, *consecutivos* e *explicativos*. O primeiro subtipo, *de adição*, corresponde aos MDs que inserem o S2 com uma função discursiva igual ao S1. Já os MDs do subtipo *de reforço* caracterizam-se por reforçar no S2 uma informação apresentada no S1 ou por apresentar no S2 um argumento ainda mais forte para a conclusão pretendida pelo locutor. O terceiro subtipo, *de particularização*, compreende os MDs que introduzem no S2 um exemplo para a ideia afirmada em S1. O próximo subtipo, *MDs contrastivos*, são os MDs que apresentam no S2 uma informação que

contrasta, de certa forma, a informação de S1. O penúltimo subtipo, *consecutivos*, corresponde aos MDs que apontam em S2 uma consequência do que está expresso em (ou inferível a partir de) S1. Por fim, *os explicativos* abarcam os MDs que inserem em S2 uma explicação ou justificação diante do que é dito em S1 (Morais, 2011:162).

c) *MDs reformuladores* - se caracterizam por apresentar em S2 uma expressão mais adequada que pode substituir a informação de S1. Esse terceiro tipo divide-se em três subtipos: *de explicitação*, *de retificação* e *de síntese*. Os primeiros são verificáveis em contextos onde o S2 apresenta uma clarificação da informação em S1. O segundo subtipo, *de retificação*, corresponde aos MDs que inserem em S2 uma correção ao que está dito em S1 (como que uma maneira de melhor dizer o que está em S1). Por fim, os *MDs reformuladores de síntese* caracterizam-se por apresentar em S2 uma forma mais sintética de expressar a informação de S1, ou seja, inserem em S2 a informação condensada de S1 (Morais, 2011: 168)

Para visualizarmos melhor esses grupos e subgrupos, apresentamos na tabela 4 alguns MDs mais comuns (ou mais prototípicos) para cada uma das classificações acima<sup>16</sup>.

<b>MDs estruturadores da informação</b>	<b><i>De ordenação</i></b>	<b><i>De mudança de tópico</i></b>	<b><i>De introdução de um segmento digressivo</i></b>
	<i>Em primeiro lugar, em segundo lugar, primeiro, segundo, antes de mais, desde logo, para começar, a seguir, por último, por fim, finalmente, para terminar, por um lado, por outro lado, por uma parte, por outra parte...</i>	<i>Agora, já, bem, ora, ora bem, relativamente a, quanto a, a propósito de, no que concerne a...</i>	<i>Já agora, a propósito, por sinal...</i>
<b>MDs elaborativos</b>	<b><i>De adição</i></b>	<b><i>De reforço</i></b>	<b><i>De particularização</i></b>
	<i>E, além disso, igualmente, do mesmo modo, ainda, depois, mais, inclusive, principalmente, sobretudo, acresce que...</i>	<i>Com efeito,, de fato, na verdade, no fundo, efetivamente, de resto, afinal de contas...</i>	<i>Por exemplo, designadamente, em particular, nomeadamente...</i>

<sup>16</sup>Sobre esta proposta de classificação, a autora comenta que “é apenas provisória, não sendo exaustiva nem no tipo de MD nem na listagem dos MD que constituem cada um dos subtipos descritos. Referimo-nos aqui primordialmente aos exemplos mais prototípicos (...). O aprofundamento dos estudos sobre as propriedades semânticas dos MD e, por outro lado, sobre as relações discursivas que enformam os textos é crucial para se poder chegar a uma classificação mais sistemática dos diferentes tipos de MD” (Morais, 2011: 159)

	<b>Contrastivos</b>	<b>Consecutivos</b>	<b>Explicativos</b>
	<i>No entanto, contudo, porém, todavia, em contrapartida, pelo contrário...</i>	<i>Por conseguinte, por isso, assim, logo, então, portanto...</i>	<i>Pois, porque, porquanto, visto que, já que, na medida em que...</i>
<b>MDs reformulador</b>	<b>De explicitação</b>	<b>De retificação</b>	<b>De síntese</b>
	<i>Ou seja, isto é, por outras palavras, a saber...</i>	<i>Melhor, ou melhor, ou antes, mas antes, melhor dizendo, mais precisamente, quer dizer, aliás...</i>	<i>Em suma, em síntese, enfim, em súmula, em conclusão, para concluir...</i>

Tabela 4: Classificação dos MDs segundo Morais (2011: 158-171).

### 2.3.5. Síntese

Por fim, sintetizamos no esquema 1 as classificações gerais dos MDs propostas pelos autores expostos neste capítulo<sup>17</sup>:

<i>Adam (2011)</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Organizadores e marcadores textuais</i></li> <li><i>Marcadores de responsabilidade enunciativa</i></li> <li><i>Conectores argumentativos</i></li> </ul>	
<i>Fraser (1999)</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Discourse markers which relate messages</i></li> <li><i>Discourse markers which relate topics</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Contrastive Markers</i></li> <li><i>Elaborative Markers</i></li> <li><i>Inferential Markers</i></li> </ul>
<i>Lopes e Carapinha (2013)</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Reformuladores</i></li> <li><i>Especificativos</i></li> <li><i>Reforçativos</i></li> <li><i>Estruturadores</i></li> <li><i>Consequenciais</i></li> <li><i>Contrastivos</i></li> </ul>	
<i>Morais (2011)</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Estruturadores da informação</i></li> <li><i>Elaborativos</i></li> <li><i>Reformuladores</i></li> </ul>	

Esquema 1: Síntese da classificação proposta pelos autores

Até aqui, vimos que a coesão é o fator que contribui para a continuidade textual, pois consiste na conexão entre partes da superfície do texto. O MD, nesse sentido, é um elemento de coesão interfrásica (Duarte, 2003; Lopes e Carapinha, 2013) ou sequencial

<sup>17</sup> Seguimos para essa síntese (bem como para a classificação exposta) uma ordem alfabética.

(Koch, 2013), que estabelece processos de interdependência semântica e/ou pragmática entre as frases à medida que faz o texto progredir.

Os MDs conectam ao S2 não apenas um, mas vários segmentos anteriores ao MD, o que é geralmente verificável em MDs que introduzem em S2 uma informação que conclui ou resume o conteúdo do cotexto precedente, e têm, portanto, por características:

- a) podem agir tanto em nível local como em nível global;
- b) relacionam tipicamente segmentos verbalizados (lembrando que quando S1 faz parte dos saberes compartilhados, pode não estar explicitado linguisticamente);
- c) ocorrem no segundo segmento (S2);
- d) têm mobilidade sintática, podendo ocorrer em início, meio ou fim de S2;
- e) têm falta de significado integrado na estrutura semântica das proposições de S1 e S2 (não contribuindo, dessa forma, para as condições de verdade dessas proposições);
- f) têm a capacidade de reduzir o esforço por parte do alocutário na interpretação ao instruir como relacionar os segmentos conectados;
- g) são expressões invariáveis;
- h) são tipicamente demarcadas por pausas;
- i) não são uma classe de palavras, mas comportarem diferentes classes, como verbos, advérbios, conjunções, etc.

Baseando-se principalmente no tipo de relação semântica travado pelo MD entre segmentos, os autores contemplados neste capítulo apresentaram diversas classificações para os MDs. As classificações de Adam (2011) e Morais (2011) mostraram-se mais exaustivas, por elencarem mais subfunções de algumas classes de MDs, expondo mais pormenores que diferenciam um tipo de MD de outro. Há funções que são elencadas por todos os pesquisadores, como as *conclusivas/consecutivas*, *contrastivas* e *elaborativas (aditivas)*.

No capítulo seguinte, nos baseamos nessas características aqui apresentadas sobre os MDs para selecionar e analisar o item *assim* e suas formas correlativas que funcionam como MD nos textos selecionados.

## Capítulo III: Os valores de ASSIM e formas correlatas em artigos científicos

Nos capítulos I e II, descrevemos o gênero artigo científico e fizemos uma breve revisão sobre Marcadores Discursivos, respectivamente. Neste capítulo, buscamos dialogar com tudo o que foi exposto até aqui, tendo como objetivo analisar a polifuncionalidade do MD *assim* em artigos científicos. Apesar de o item *assim* já ter sido estudado por outros pesquisadores, pouca informação é encontrada sobre sua polifuncionalidade como MD.

Iniciamos o capítulo com a descrição do *corpus* e metodologia adotada para esta pesquisa. Em seguida, referimos muito brevemente a uma perspectiva diacrônica, elencamos vários valores de *assim* encontrados na literatura e que não correspondem à MDs, para, por fim, e centralmente, analisarmos as 298 ocorrências de *assim* como MD encontradas em nosso *corpus*.

### 3.1. O corpus

#### 3.1.1. Seleção do corpus

Um artigo científico é um texto escrito para ser publicado em periódico científico ou coletânea de artigos científicos, e esse foi o requisito para nossa coleta de artigos. Para nosso *corpus*, optamos por textos da área de Linguística, e sabemos que a área que um artigo se insere influencia no texto e nas unidades linguísticas que o constituem, o que vai ao encontro do conceito de esfera de comunicação visto em Bakhtin no capítulo I.

Embora os artigos estejam sob o rótulo da “Linguística”, os textos aqui analisados são multidisciplinares, já que incorporam diferentes subáreas, como a didática de línguas (8), a análise do discurso (16), a linguística aplicada (1), a filologia (2), a sociolinguística (2), a sintaxe (5), a fonética/fonologia (5), a morfologia (1), a linguística textual (3), a tradução (1), a semântica (2) e a linguística de corpus (1), o que nos permite generalizar o *corpus* como representativo do gênero. A seleção do *corpus* foi totalmente aleatória, o que justifica a diferença do número de textos para cada subárea da linguística.

De um universo de Revistas Científicas Brasileiras *on-line* na área de Linguística, extraímos um *corpus* de 46 artigos científicos em português brasileiro publicados na revista *Delta – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, de publicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, numa sincronia delimitada

entre os anos 2009 e 2014. A revista Delta é publicada desde 1985, seguindo, desde 1992, uma periodicidade semestral, e publica estudos de caráter teórico ou aplicado, de qualquer área referente a linguística, desde que sejam contribuições inéditas. Nossa escolha por essa revista se deu devido ao seu prestígio em nível nacional e pela sua classificação Qualis como A2.<sup>18</sup>

### 3.1.2. Metodologia de análise do *corpus*

Todos os artigos foram submetidos à ferramenta Corpógrafo<sup>19</sup>, disponibilizado pela Linguateca. Num primeiro momento, submetemos o *corpus* a uma análise quantitativa a fim de quantificar as ocorrências de todos os conectores encontrados nos artigos. Fizemos uma primeira busca por N-Gramas, o que apresentou um elenco de unidades com perfis sintáticos e semânticos bem variados, como em *na medida em que; ao mesmo tempo em que; de um lado; no que diz respeito à*. Mas foi uma busca simples de N-Gramas de comprimento 1 que nos despertou a atenção para um dos conectores mais recorrentes no *corpus*, pois o MD *assim* se destacava em número de ocorrências, com 466 ocorrências. Comparado quantitativamente as ocorrências de *assim* com os demais MDs Elaborativos Consecutivos (conforme a classificação de Moraes (2011)), obtivemos o resultado apresentado na tabela 5:

---

<sup>18</sup> Segundo o site do CNPq: “A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero”. Também de acordo com o site, Qualis significa “o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção”. Disponível em: [http://www.cpgss.ucg.br/home/secao.asp?id\\_secao=2585](http://www.cpgss.ucg.br/home/secao.asp?id_secao=2585).

<sup>19</sup> O Corpógrafo, de acordo com Maia, Sarmento & Santos (2005: 61), “oferece ao utilizador, através de uma simples interface na rede (Web), a possibilidade de compilar e pesquisar os seus próprios corpora (a partir de documentos em formato PDF, Ms-Word, PostScript, RTF ou HTML) sem que para isso seja necessário ter conhecimentos especiais de informática. O Corpógrafo complementa a oferta de *corpora* publicamente oferecidos pela Linguateca (...), possibilitando a construção e pesquisa em corpora pessoais e específicos em áreas especializadas, para utilizadores com interesses nas áreas da linguística, tradução, terminologia ou engenharia do conhecimento”.

<b>Assim</b>	<b>Portanto</b>	<b>Logo</b>	<b>Então</b>	<b>Por isso</b>	<b>Por conseguinte</b>
466	200	39	140	63	7

*Tabela 5: Ocorrência dos MDs elaborativos encontrados em nosso corpus*

O item *assim* é claramente mais frequente com mais do dobro de ocorrências de *portanto*, que segue como o segundo MD Elaborativo Consecutivo com um maior número de ocorrências em nosso *corpus*. Tendo em conta essa frequência e o fato de sabermos que, com Possamai (2004: 61), os Marcadores Discursivos “não formam uma classe homogênea do ponto de vista sintático, mas sim do ponto de vista funcional, sendo escolhas do plano paradigmático”, decidimos observar as funções que esse MD elencado desempenha no texto científico, já que, além de garantirem a coesão de um texto, os MDs dão informações sobre sua estrutura retórica e, portanto, do gênero.

Na literatura consultada para essa pesquisa, a que nos referimos no capítulo 2 e na seção 3.3 deste capítulo, analisamos a polifuncionalidade dos MDs. No entanto, apesar de o item *assim* já ter sido estudado por outros pesquisadores, pouco se encontra na literatura sobre sua polifuncionalidade como MD. Sendo assim, embora todos os MDs sejam relevantes, um trabalho mais aprofundado com *assim* pareceu-nos mais adequado pelas razões apontadas, a saber: i) a grande frequência no *corpus*, ii) a polifuncionalidade de *assim* e iii) a pouca informação de *assim* como MD na literatura.

Em seguida a essa observação quantitativa que nos levou a decidir por uma análise mais detalhada do MD *assim*, privilegiamos uma análise de natureza qualitativa, ou seja, levamos em conta as características funcionais de *assim* nos diversos contextos encontrados no *corpus*, buscando atentar para os traços sintáticos, semânticos e pragmáticos em cada ocorrência, e, a partir de similaridades ou diferenças, e com base em Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011), apresentar um quadro geral de funcionamento do MD em questão no gênero discursivo artigo científico.

Nossa intenção nesta pesquisa, uma vez decidido o MD a ser estudado, é uma observação do comportamento desse elemento no texto, e não uma conceitualização teórica ou enquadramento desse marcador em categorias. No capítulo 2, apresentamos de uma forma geral a definição e a classificação dos MDs de acordo com alguns pesquisadores. Neste capítulo, restringimos nossa exposição às funções desempenhadas pelo MD *assim*, pelas razões já apresentadas.

### 3.2. ASSIM na diacronia

As gramáticas tradicionais classificam *assim* como um advérbio de modo, partindo de critérios morfológicos, sintáticos e nocionais. Esses critérios não se mostram suficientes e adequados quando analisamos dados da língua falada, onde os usos de *assim* se tornam surpreendentes. A fim de verificar os diferentes usos desse item, Lopes-Damasio (2008) sugeriu em sua dissertação de mestrado um *continuum* entre os diferentes usos de *assim*, partindo dos mais concretos até aos mais textuais e os associados às experiências pessoais do falante. Para isso, a autora refez a trajetória do item desde o latim e seu uso no português arcaico até seu uso no português contemporâneo, e é com base principalmente em seu estudo que esta seção se constitui.

O termo *assim* deriva do termo latino *ad sic*. Fundamentada em Ernout e Meillet (1957), Lopes-Damasio (2008: 106) afirma que

O elemento *ad* exercia o papel de preposição, cujo valor semântico relacionava-se à aproximação temporal ou espacial, tal como “em direção a” e “para”, atuando como uma espécie de reforço de formas adverbiais, uma vez que imprimia nelas o sentido de aproximação, direção ou adição. Por outro lado, o elemento *sic(e)* do antigo *seic*, advérbio modal, equivalente a “dessa maneira” e constituído pela partícula *ce*, era muito comum nas línguas itálicas, fazendo-se presente em pronomes demonstrativos, como *hic(e)* (este) e *illic(e)* (aquele), da mesma forma que em advérbios providos de noções demonstrativas, como *tunc(e)* (então) e *nunc(e)* (agora) e *sic*. Esse dado corrobora a origem dêitica do item.

Sofrendo um primeiro processo de aglutinação da sequência “preposição+advérbio”, passou a constituir a unidade “AD(preposição)+SIC(advérbio)>AD SIC”. Daí, então, o termo *assim*, grafado de maneiras variadas (*assi*, *asi*, *asy*, *assy*, etc.), passou a exercer diversas funções. Entre elas, Lopes-Damasio destaca, para a fase arcaica do português, o uso desse item na construção de expressões optativas e deprecatórias, ou volitivas. Ainda para essa fase do português, a autora aponta ocorrências de *assim* desempenhando a função textual de anáfora e catáfora, onde o item desempenha um papel de coesão intratextual, além de ocorrências muito reduzidas desse item em função ambígua em que, ao mesmo tempo que realiza uma função anafórica, permite a inferência de uma leitura conclusiva ou consecutiva em relação ao dito anteriormente e o que está por vir.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> A autora justifica que no processo de gramaticalização sempre há sobreposição das acepções envolvidas. Assim, entre a categoria fórico modal e a categoria conjunção coordenativa, há um estágio intermediário, o que leva a momentos de ambiguidade (Lopes-Damásio, 2008: 109-110).

Para a autora, as ocorrências que seguem essa orientação ambígua ilustram o início do processo que levou ao surgimento de uma *conjunção coordenativa conclusiva*. As conjunções, segundo Matos (2003: 558), “são palavras morfologicamente não flexionáveis que veiculam prototipicamente valores de adição, alternância ou contraste entre os termos coordenados”. Para a fase do português arcaico, o uso de *assim* como conjunção coordenativa conclusiva obedece a expressão **C1+(conjunção+C2)**, onde C são “enunciados coordenados” (Carone, 1991, apud Lopes-Damasio, 2008: 110).

Para explicar a coordenação, Lopes-Damasio (com base em Bally, 1965) afirma ser importante observar a relação semântica resultante da justaposição de dois enunciados. Dessa forma, o enunciado conclusivo em C2 deve ser interpretado à luz do C1, que é condição necessária. A autora depreende daí

a funcionalidade da conjunção coordenativa na relação garantida pela foricidade de *assim*, que, ao mesmo tempo, promove uma retomada ao já dito e um movimento de progressão sequencial, dando ao conjunto de enunciados a unidade textual (Lopes-Damasio, 2008: 111)

Como podemos observar no exemplo (6):

(6) *E pero non era tam saõ que nom houvesse já mais de VII chagas unde outro cavaleiro seria morto pelo meor. E êsto era uua cousa que fazia muito enfreceber. Assi se defendia antre tantos e taaes, que nom havia i tal que lhe nom quisesse haver a cabeça talhada.* (A demanda do Santo Graal, séc. XIII, p. 125) [*Assim*/dessa forma/portanto, se defendia entre tantos e tais, que não havia aí tal que não quisesse ter-lhe a cabeça talhada] (Lopes-Damasio, 2008: 109).

Para os dois séculos seguintes (XIV e XV), a autora observou uma manutenção das funções de *assim* encontradas anteriormente, com destaque para a alta ocorrência desse termo em usos fóricos, onde ele é, ao mesmo tempo, referência anafórica e catafórica. Também nesses séculos manteve-se a funcionalidade ambígua de *assim*, levando ao desenvolvimento da conjunção coordenativa.

No português moderno, a partir do século XVI, houve igualmente uma manutenção das funções observadas nos séculos anteriores, com a observação do aumento da frequência dos casos em que *assim* segue a conjunção coordenativa *e*. Diante dos dados observados, a autora afirma que a alta recorrência do uso conjunto dessas partículas, principalmente no século XVI, “pode representar um indício da instauração do processo de

transferência de significado por contiguidade contextual (...) por meio do qual a associação de *e* e *assim* também pode ter contribuído, com o tempo, para o desenvolvimento semântico-funcional do item *assim* como uma conjunção coordenativa conclusiva” (Lopes-Damasio, 2008: 114). Também nesse século, a pesquisadora observou recorrências de *assim* desempenhando a mesma função de coordenar C1 e C2, emergindo daí uma avaliação conclusiva, sem o uso da partícula *e*, como no exemplo (7):

- (7) *Quem duuida disso? Que como de tres tirando huu, não fica ternário, assi tirando de hua substancia o que é proprio da substancia da cousa, já não fica a mesma cousa.* (Desenganos dos perdidos, séc. XVI, p. 35). [Quem duvida disso? Que da mesma forma que de três tirando um não fica mais ternário, assim/por isso/portanto tirando de uma substância o que é próprio dela, já não fica mais a mesma coisa] (Lopes-Damasio, 2008: 114).

Com o exemplo (7) a autora observa, no uso de *assim*, o acréscimo de avaliações subjetivas do falante com base em pressuposições anteriores (sem excluir seu caráter adverbial e a função fórica). O exemplo ilustra, portanto, “um ganho relevante de abstração do item e das relações por ele estabelecidas” que pode ser observado no português moderno (Lopes-Damasio, 2008: 114). A pesquisadora observa também que no século XVI há um enfraquecimento da função anafórica em prol de uma função catafórica mais evidente.

Para o século seguinte, Lopes-Damasio ressalta uma crescente frequência da conjunção *e* acoplado com o item *assim*, bem como do item *assim* sozinho, que passou a desempenhar, segundo ela, mais concretamente a função de conjunção coordenativa conclusiva. Também de acordo com a autora, tanto nesse século como nos séculos XVIII, XIX e XX há uma manutenção das funções presentes nos séculos anteriores, o que a leva a concluir que até o século XVI todas as funções de *assim* podem ser depreendidas, a saber, sua função coesiva (anafórica, catafórica e fórica) e seu uso conjuncional. Para o uso de *assim* no português contemporâneo, a pesquisadora observa que, a partir de sua função fórica, esse item passa a desempenhar funções ainda não totalmente esclarecidas, denominadas ora MD, ora modalizador, etc.

A partir dessa retomada diacrônica de *assim*, passamos a uma síntese da multifuncionalidade desse item tal como é descrita na literatura.

### **3.3. Abordagens de ASSIM na literatura**

O item *assim* foi motivo de análise em gramáticas e várias pesquisas, como Duarte (2003), Ilari et al (1991), Lopes e Carapinha (2004), Lopes-Damáio (2011), Matos (2003), Matos e Raposo (2013), Valenza (2006), Vilela e Koch (2001), etc.. Tentaremos, aqui, expor resumidamente as principais características desse item nessas obras, a fim de estabelecermos pontos de contato entre esses trabalhos e a análise proposta nesta pesquisa.

#### **3.3.1. Duarte (2003)**

Na Gramática da Língua Portuguesa, Duarte (2003), ao tratar sobre os “Aspectos linguísticos da organização textual”, mais especificamente sobre a *coesão interfrásica*, fala sobre o termo *assim*. Segundo a autora (2003: 91), a *coesão interfrásica* “é assegurada por processos de sequencialização que exprimem vários tipos de interdependência semântica das frases que ocorrem na superfície textual”. De acordo com o tipo de unidades linguísticas conectadas (e o resultado dessa conexão), podemos falar de dois processos que garantem a coesão interfrásica: a *parataxe* (não confundir com coordenação<sup>21</sup>) e a *subordinação*.

Em sua análise sobre a coesão interfrásica, a autora fala sobre quatro tipos de conexões: i) *conexões paratáticas de que resultam períodos compostos*, ii) *conexões em que um dos membros tem um estatuto parentético*, iii) *conexões paratáticas de períodos de que resultam unidades textuais superiores* e iv) *conexões subordinativas estabelecidas entre subordinante e subordinada adverbial*. Entre esses grupos, no primeiro e no terceiro, encontramos a possível ocorrência do termo *assim* coocorrendo com conjunções.

Dentro das conexões paratáticas de que resulta uma frase composta é possível distinguir vários tipos de conexão e, entre elas, as *conexões de contraste concessivo* e as *conexões inferenciais*. As primeiras, além de admitirem a conjunção adversativa prototípica *mas*, apresentam, na frase após a conjunção, uma situação inesperada, parafraseável por frase complexa, onde o primeiro membro acontece como subordinada concessiva, enquanto a coordenada adversativa ocorre como subordinante. Observe o exemplo (8):

(8) A aluna dedicou-se nos estudos, **mas** não conseguiu boas notas nos exames.

---

<sup>21</sup> Sobre a distinção entre coordenação e parataxe ver Duarte, 2003: 91-94.

(= Embora a aluna tenha se dedicado nos estudos, não conseguiu boas notas nos exames)

O outro tipo de conexões, *conexões inferenciais*, é caracterizado por exprimir argumento lógico. Segundo Duarte (2003: 97), pertencem a esse grupo “conexões coordenativas em que o conteúdo proposicional do segundo membro coordenado é inferível a partir do primeiro, apresentando como razão ou motivo [...], e conexões coordenativas em que o primeiro membro coordenado apresenta a conclusão do argumento, estando reservado ao segundo a expressão de uma premissa ou justificação”, como nos exemplos (9a,b,c) a seguir:

- (9) a. O flúor desempenha papel importante na resistência dos dentes e, **por isso**, é indicado na prevenção das cáries. (NILC/São Carlos)
- b. O caráter cabelo crespo é dominante e, **portanto**, determinado por um gene dominante. (NILC/São Carlos)
- c. Note-se que essas malformações são congênicas e não hereditárias, **pois** não foram transmitidas pela mãe ao feto através de células sexuais. (NILC/São Carlos)

Em (9a, b), os segundos membros das orações são inferências consequenciais e conclusivas dos primeiros membros, enquanto em (9c) a conclusão está no primeiro membro e o segundo membro coordenado apresenta uma justificação. Para as conexões paratáticas de que resulta uma frase composta, Duarte (2003) apresenta uma tabela que indica as conexões, a conjunção prototípica e as expressões adverbiais e preposicionais mais usadas, e *assim* é encontrado, portanto, nos valores de conexão de *contraste concessivo* e *inferência*, como se pode observar na tabela 6:

Conexão	Conjunção	Conectores adverbiais e preposicionais
Contraste concessivo	<i>Mas</i>	<i>Ainda assim; mesmo assim; contudo; no entanto.</i>
Inferência	<i>E</i> (inferencial)	<i>Assim; conseqüentemente; pois; deste modo, em consequência; portanto; por conseqüente; por esta razão; por isso.</i>

Tabela 6: Tipos e valores da conexão e conectores mais freqüentes, adaptada de Duarte (2003: 97-98)

Outro tipo de conexões apresentado por Duarte (2003: 99) onde encontramos o item *assim* são as conexões paratáticas de que resultam unidades textuais superiores ao período,

que podem articular períodos simples, compostos e parágrafos com outros períodos e parágrafos. Dentro desse tipo de conexão, a *síntese* tem importante papel na estratégia de organização textual, já que expressa “uma relação conectiva entre unidades textuais que se caracteriza pelo facto de a última englobar o significado das primeiras” (Duarte, 2003: 102), como ilustrado em (10):

- (10) Considerado o carácter predominantemente subjetivo dos relatórios, destacamos ainda que, conforme nossa observação, o termo relato reflexivo passa a ser utilizado, em muitos trabalhos de final de disciplina, no lugar do relatório, a partir do momento em que, na universidade focalizada, os professores efetivos começam a assumir as disciplinas de estágio supervisionado. Provavelmente, tal mudança se deva a uma maior valorização da reflexão sobre as aulas de estágio, orientadas por docentes com formação adequada às disciplinas assumidas. Nessa perspectiva, passam-se a priorizar descrições dos estágios, permeadas por críticas, avaliações sobre as aulas, sobre a prática pedagógica. Este aspecto é interessante, pois, ao focalizar a reflexão por parte do professor em formação inicial, a criticidade do aluno-mestre é estimulada, podendo contribuir para a melhoria do Ensino Básico, visto que a reflexão contribui para o aperfeiçoamento da prática pedagógica. **Em síntese [assim]**, os relatos reflexivos caracterizam-se, principalmente, pela exposição dos fatos ocorridos em sala de aula, com maior tendência à reflexão sobre as atividades desenvolvidas durante o estágio. (texto 18)

Além da *síntese*, também a *inferência* e o *contraste concessivo* contêm o item *assim*. Segundo a autora (2003: 103), na *inferência*, “a situação descrita num dos membros conectados é inferível a partir da(s) descrita(s) no(s) anteriores(...), em que a(s) primeira(s) sejam consideradas como razão ou argumento dos quais decorra a última”, como em (11), enquanto o *contraste concessivo* é caracterizado por introduzir, no segundo membro, uma situação inesperada à luz do primeiro membro, como em (12):

- (11) No nível da palavra fonológica, cada palavra é separada em uma unidade, com uma e apenas uma sílaba proeminente. No nível do grupo clítico, palavras funcionais fracas (sempre monossílabos, normalmente determinantes, conjunções) são associadas a uma palavra lexical. **Por isso** temos os dias, mas não esta saudade. É que esta não é um clítico fonológico. (texto 35)

- (12) (...)mesmo que formada uma comunidade interétnica de comunicação e de argumentação, e que pressuponha relações dialógicas democráticas – pelo menos na intenção do pólo dominante – **mesmo assim** o diálogo estará comprometido pelas regras do discurso hegemônico. (texto 20).

Também para as conexões de que resultam unidades textuais superiores ao período, Duarte apresenta uma tabela com os conectores adverbiais e preposicionais com seus respectivos valores, dos quais destacamos aqui a *síntese*, a *inferência* e o *contraste concessivo*, ilustrados na tabela 7.

Tipo de conexão		Conectores adverbiais e preposicionais
<b>Síntese</b>		<i>assim</i> ; em conclusão; em resumo; em síntese; em suma.
<b>Inferência</b>		<i>assim</i> ; conseqüentemente; daí; então; logo; pois; deste modo; em consequência; portanto; por conseguinte; por esta razão; por isso.
<b>Contraste</b>	Concessivo	<i>ainda assim</i> ; <i>mesmo assim</i> ; apesar de; contudo; no entanto.

Tabela 7: Conectores adverbiais e preposicionais e respectivos valores, adaptada de (Duarte, 2003: 104-105)

### 3.3.2. Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011)

Destacamos também os trabalhos de Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011), propostas que optamos por seguir de perto para a análise que propomos nesta pesquisa. No primeiro, as autoras observam os diferentes valores de uso do advérbio *assim*, com base no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (oral e escrito), a fim de destacar os contextos sintáticos de ocorrência e seus valores semânticos, chegando às seguintes classificações: *Complemento Adverbial*; *Adjunto a Sintagma Verbal*; *Predicativo do Sujeito*; *Modificador de Sintagma Nominal*; *Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora*; *Introdutor de Discurso Direto*; *Advérbio Conector*; *Marcador Discursivo*. Diante da heterogênea distribuição de *assim* observada, as autoras concluem que “os dados parecem apontar para a pertinência de uma análise que contemple a possibilidade da recategorização, num quadro teórico que integre a noção de gramaticalização e defina as categorias em termos prototípicos” (Lopes e Carapinha, 2004: 9).

E é em Lopes-Damasio (2011), em sua pesquisa de doutorado, intitulada “Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a *assim*: um novo enfoque da

gramaticalização”, que encontramos essa nova possibilidade de recategorização de *assim*, a partir da análise desse item em algumas Tradições Discursivas. A autora, com base em critérios formais e semântico-funcionais, enquadrando as ocorrências de *assim* encontradas em seu *corpus* em sete padrões de uso, similares às classificações de Lopes e Carapinha (2004), a saber: *Complemento Adverbial*; *Adjunto a Sintagma Verbal*; *Predicativo do Sujeito*; *Modificador de Sintagma Nominal*; *Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora*; *Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva*; *Marcador Discursivo*; e *assim no domínio da junção* (subdividida em *conclusivo*, *comparativo*, *aditivo*, *conformativo*, *temporal* e *contrastivo*).

### 3.3.3. Matos (2003) e Matos e Raposo (2013)

Matos (2003), ao tratar sobre as estruturas de coordenação, fez uma distinção entre conjunções e outros conectores de coordenação. Segundo ela, a coordenação “caracteriza-se por combinar constituintes do mesmo nível categorial [...] que desempenham as mesmas funções sintáticas e semânticas” (Matos: 2003: 551), e é característica da coordenação a presença de conjunções que apontam o nexo entre os termos coordenados. A autora destaca também que, apesar de não ser sempre estabelecida, há uma distinção entre *conjunções* e *conectores*, uma vez que os conectores também podem estabelecer os nexos que, tradicionalmente, são incluídos na classe das conjunções coordenativas. Entretanto,

(...) embora as conjunções coordenativas possam ser consideradas como uma subclasse específica de conectores, nem todos os conectores que surgem em estruturas de coordenação são conjunções.

Os conectores são expressões que têm um âmbito mais geral do que as conjunções. Ocorrem tanto em domínios de coordenação como de subordinação, mantendo o seu papel de explicitar a ligação entre os constituintes envolvidos (Matos: 2003: 559).

A mesma ideia é compartilhada e desenvolvida por Matos e Raposo (2013: 1805) ao defenderem que

ainda que uma conjunção seja, informalmente, um “conector” entre palavras, sintagmas ou orações, o termo “conjunção” designa uma classe gramatical que se caracteriza por um determinado número de propriedades gramaticais particulares (...); em contrapartida, o termo mais amplo “conector” designa uma coleção heterogênea de palavras ou locuções pertencentes a classes diversas e com propriedades gramaticais distintas, que partilham com as conjunções a função de estabelecer uma conexão entre constituintes de vários tipos, incluindo, por vezes, orações.

O termo *assim* é classificado por ambas as obras entre os “*conectores conclusivos*”, que têm por função explicitar uma relação causa-efeito entre os membros, sendo o membro onde o conector se encontra considerado a consequência ou valor de efeito do outro membro. Para além de *assim*, outros conectores são classificados por Matos (2003) como conclusivos: *logo, pois, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência*.

O que distingue os conectores das conjunções não são, afinal, só as propriedades semânticas dos termos, mas sim as propriedades formais. Matos (2003) e Matos e Raposo (2013) apresentam as propriedades formais típicas das conjunções de coordenação, a partir das quais é possível concluir as propriedades dos conectores. Entre elas, destacamos o fato de os conectores poderem coocorrer com as conjunções de coordenação, como nos exemplos (13a,b) (ao contrário de (14), em que, em b, a agramaticalidade mostra a impossibilidade de duas conjunções ocorrerem juntas):

- (13) a. A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano e **assim**, é bom começar a elaborar seu orçamento doméstico (...). (NILC/São Carlos)  
b. A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano, **assim**, é bom começar a elaborar seu orçamento doméstico (...). (NILC/São Carlos)
- (14) a. A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano e é bom começar a elaborar seu orçamento doméstico (...). (NILC/São Carlos)  
b. \*A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano e **ou** é bom começar a elaborar seu orçamento doméstico (...). (NILC/São Carlos)

Outra propriedade que difere *assim* e os demais termos classificados como conectores das conjunções é o fato de os conectores poderem deslocar-se no interior do termo coordenado (exemplos (15)), ao passo que as conjunções não apresentam mobilidade (exemplos (16)).

- (15) a. A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano, [**assim**, é bom começar a elaborar seu orçamento doméstico (...)].  
b. A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano, [é bom, **assim**, começar a elaborar seu orçamento doméstico (...)].
- (16) a. A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano [e é bom começar a

elaborar seu orçamento doméstico (...)].

b. \* A URV (Unidade Real de Valor) já faz parte do seu cotidiano [é bom, e, começar a elaborar seu orçamento doméstico (...)].

Em linhas gerais, os conectores comportam-se como os adjuntos adverbiais periféricos:

(i) podem ocorrer no início de uma oração, entre o sujeito e o predicado e no final de uma oração; (ii) formam, por si próprios, um domínio prosódico e entoacional, assinalado na escrita por vírgulas, com pausas possíveis de um lado e de outro. Para além disso, podem ocorrer noutros contextos, não apenas em estruturas de coordenação; assim, ocorrem numa frase simples integrada num contexto discursivo mais vasto. (Matos e Raposo, 2013: 1809)

Nomeadamente sobre os conectores conclusivos, Matos (2003: 574) conclui que “devem ser caracterizados não como conjunções mas como expressões adverbiais ou preposicionais que funcionam como adjuntos frásicos ou verbais com valor conclusivo”.

### **3.3.4. Valenza (2006), Ilari et al (1991)**

Valenza (2006) critica o tradicional enquadramento do item *assim* na classe dos advérbios. De acordo com a autora,

os advérbios são especialmente incertos quanto à sua classificação e merecem um estudo isolado e aprofundado, pois apresentam vários problemas (Valenza, 2006: 01).

Também, Ilari et al (1991: 69) afirmam que *assim* “pertence a um grupo de elementos que não atendem aos critérios tradicionais e que, no entanto, são tradicionalmente classificados como advérbios”. Instigada pela afirmação de Ilari et al, Valenza passa a uma investigação mais aprofundada de *assim* chegando a uma classificação onde esse item se distribui, de acordo com sua função, em três grupos: *fórico*, *fático* e *outras ocorrências*. Dentro do primeiro grupo se encontra o *assim* que remete ao que foi ou que vai ser dito, correspondendo, respectivamente, aos subgrupos *assim anafóricos* e *assim catafóricos*. Dentro do segundo grupo, *fático*, encontra-se o *assim* que, na língua falada, não tem valor na sentença, mas que tem por função destacar algo. No terceiro grupo, *outras ocorrências de assim*, se encontram os usos de *assim* ligados a outras expressões, como *assim que*, *mesmo assim*, *assim mesmo*, *assim como*, *meio assim*,

etc.

### 3.3.5. Vilela e Koch (2001)

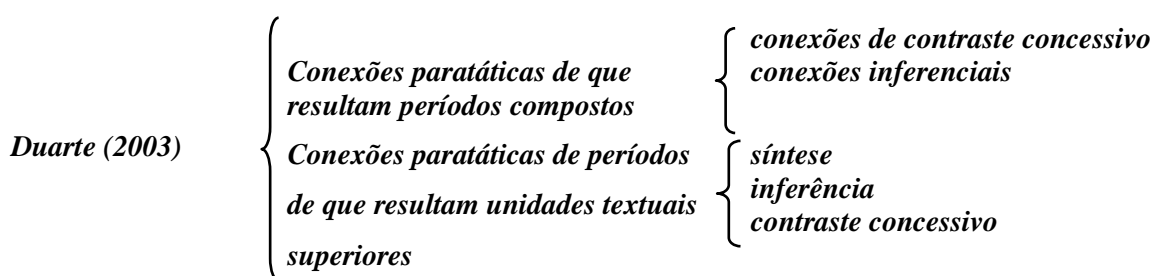
Vilela e Koch (2001), na Gramática da Língua Portuguesa, trataram de forma resumida sobre os marcadores da coerência/coesão discursiva, caracterizando esses marcadores como “unidades que a gramática disponibiliza para construir frases e enunciados”, e que constituem,

ao lado dos pronomes, dos processos de repetição, da sinonímia, antonímia e hiponímia, e ainda da chamada anáfora associativa, etc., um dos meios privilegiados para ordenar, hierarquizar, ligar, tornar mais fluido o movimento fórico construtor do discurso (Vilela e Koch, 2001: 271-272).

Os autores também apresentam um paralelo entre os marcadores discursivos e as conjunções: enquanto estas tem uma função apenas fórica, sem qualquer característica funcional, estando reduzidas apenas à função de coordenação, aqueles possuem características sintáticas próprias. *Assim* em combinação com outros itens é encontrado na classificação desses autores como marcador discursivo situado no plano nocional: “com valor contra-argumentativo ou oposição concessiva/adversativa”, no caso de *mesmo assim*, e “com incidência no valor causal”, no caso de *assim pois* (Vilela e Koch, 2001: 275).

### 3.3.6. Síntese

De acordo com as classificações de *assim* observadas na literatura e resumidas nos subtópicos anteriores, apresentamos o esquema 2 que sintetiza essas classificações:



*Lopes-Carapinha*  
(2004) { *Complemento adverbial*  
*Adjunto a Sintagma Verbal*  
*Predicativo do Sujeito*  
*Modificador de Sintagma Nominal*  
*Modificador de Sintagma adjetival com função intensificadora*  
*Introdutor de Discurso Direto*  
*Advérbio Conector*  
*Marcador Discursivo*

*Lopes-Damasio*  
(2011) { *Complemento Adverbial*  
*Adjunto a Sintagma Verbal*  
*Predicativo do Sujeito*  
*Modificador de Sintagma Nominal*  
*Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora*  
*Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva*  
*Marcador Discursivo*  
*Assim no domínio da junção*

*Matos (2003) e*  
*Matos e Raposo*  
(2013) { *Conectores conclusivos*

*Valenza (2006)* { *Fórico*  
*Fático*  
*Outras ocorrências*

*Vilela e Koch*  
(2001) { *Marcador discursivo*

*Esquema 2: Síntese da classificação de assim na literatura*

Para elencar as diversas funções de *assim* encontradas em nosso *corpus*, adotamos (com algumas adaptações) os critérios sintáticos e semânticos apresentados por Lopes-Damasio (2011:137), a saber:

*a) Sintáticos:*

1. Tipo de unidade articulada: palavra, sintagma, oração ou enunciado;

2. Coocorrência de outro conector;
3. Posição: inicial, medial ou final;
4. Possibilidade de inversão da ordem;
5. Relação entre S1 e S2: dependência ou não dependência;

b) *Semânticos*:

6. Relação de sentido.

Neste trabalho, interessa-nos observar o item *assim* como Marcador Discursivo. Na análise que propomos, apresentamos, primeiramente, os diversos valores assumidos por *assim* em nosso *corpus*. Em seguida, focamos no *assim* como MD, a fim de verificar o funcionamento deste MD em artigos científicos. Afirmamos, desde já, que algumas funções de *assim* elencadas por Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011) não foram encontradas em nosso *corpus*. Um dos motivos é que ambos os trabalhos contemplam a observação de textos orais e escritos, e, um segundo motivo, é que eles contemplam também a observação de diversos gêneros discursivos, enquanto o nosso trabalho procura analisar apenas *assim* no gênero artigo científico, da modalidade escrita.

Em algumas partes dessa exposição, serão realizadas algumas considerações sobre a frequência de ocorrência de certas funções do item, entretanto, antecipamos que elas não são resultado de uma análise quantitativa propriamente dita, mas resultado das observações de uma perspectiva qualitativa adotada.

### **3.4. Valores de ASSIM encontrados no corpus**

*Assim* é tradicionalmente classificado pelas gramáticas como advérbio de modo, mas, ao contrário dos outros advérbios de modo, *assim* não possui significado lexical/descritivo e é referencialmente não autônomo, tratando-se, portanto, de uma unidade *dêitica*. De acordo com Óscar Lopes (1985-91, apud Lopes e Carapinha, 2004: 10), “a palavra *assim* pode pronunciar-se em simultaneidade ostensiva com um acto, um gesto ou atitude (...) E acontece então que o acto ou gesto encaixa na frase como instanciação quase-verbal do sentido de *assim* (...)”. Na frase, por exemplo, “Para acertar o alvo você tem que mirar *assim*”, *assim* aponta para um elemento no contexto situacional que corresponde ao modo como se deve mirar para acertar o alvo. Na falta, entretanto, de

elementos situacionais que levem o interlocutor a interpretar o *assim*, aparece o funcionamento fórico de *assim*. Quando diante de um *assim* fórico, o interlocutor é levado a interpretar e preencher anafórica ou cataforicamente o referencial desse item. Do ponto de vista sintático e semântico, é possível encontrar vários contextos que questionam o tradicional enquadramento de *assim* como advérbio.

A partir dos critérios adaptados de Lopes-Damasio (2011), elencamos os diferentes valores de *assim* presentes nas 466 ocorrências com base em categorias adaptadas de Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2011), a fim de cobrir a multifuncionalidade deste item no seu funcionamento discursivo e, principalmente, observar seu funcionamento como Marcador Discursivo. Nesse contexto, procedemos a uma análise preliminar de todas as ocorrências, o que nos permitiu realizar uma dupla categorização: i) ocorrência de *assim* em contextos em que não funciona como MD; ii) ocorrência de *assim* e formas correlatas em contextos em que funciona como MD.

No que se refere ao primeiro grupo, encontramos ao uso de *assim* com as seguintes funções: complemento adverbial, adjunto a sintagma verbal, predicativo do sujeito, modificador de sintagma nominal. No seu conjunto, estas ocorrências contabilizam 168 casos do uso de *assim* no corpus, mas não nos detemos na sua análise por não constituir o objetivo desta pesquisa.

Assim, na seção 3.5., passamos a analisar as 298 ocorrências de *assim* na sua função coesiva de conexão textual, centrando-nos essencialmente nas funções semântico-discursivas que desempenha nesse papel, dado que os MDs têm por função marcar os nexos conectivos entre segmentos do discurso ou enunciados, sinalizando a relação entre as proposições anunciadas e instruindo como o locutor deve processar a informação seguinte em relação à informação anterior.

### ***3.5. Funções de Assim como Marcador Discursivo***

Com este objetivo, analisamos *assim* atendendo à sua distribuição sintática e aos seus valores semântico-pragmáticos. Começamos por fazer o levantamento e a descrição dessas funções. A seguir, correlacionamos as funções em termos da sua distribuição nos textos para verificar em que ponto da superestrutura se verifica a sua ocorrência. Nesse contexto, procuramos analisar a funcionalidade do marcador, sozinho ou em locuções, no contexto da textualização, para delimitar a sua importância na estruturação textual

enquanto elemento de coesão e coerência. Finalmente, a partir da delimitação da frequência deste conector nos diferentes momentos de construção do texto, analisamos a sua potencial ocorrência como marcador linguístico-discursivo do gênero artigo científico.

Em nosso *corpus*, há 298 ocorrências de *assim*, *sozinho* ou em locução, que foram classificados em 4 funções como Marcador Discursivo, a saber:

- *S1, mesmo assim/ainda assim S2 (função contrastiva);*
- *S1 assim como S2 (função conformativa, comparativa e aditiva);*
- *S1 assim S2 (função conclusiva);*
- *S1 assim S2 (função de especificação ou exemplificação).<sup>22</sup>*

É importante destacar que Lopes-Damasio (2011: 187) elenca essas funções de *assim* no domínio da junção<sup>23</sup>. Aqui, classificamos como MD por corresponderem às marcas dos MDs elencados no capítulo 2 desta dissertação, nomeadamente no ponto 2.2 e 2.3.

### 3.5.1. S1, mesmo assim/ainda assim S2 (função contrastiva)

Nesta função, verificamos um valor contrastivo sinalizado pela locução *mesmo assim/ainda assim*, que pode ser parafraseada por *mas* e, com algumas alterações, por *embora*, como é o caso de (17):

- (17) a. É lógico que a concessão desses recursos não depende de um único parecerista. (...) **Mesmo assim**, cada um dos pareceristas tem uma parcela de responsabilidade na concessão ou não da bolsa ou do auxílio, o que pode significar uma grande preocupação ao realizar esta atividade. (texto 34).
- b. É lógico que a concessão desses recursos não depende de um único parecerista. (...) **Mas**, cada um dos pareceristas tem uma parcela de responsabilidade na concessão ou não da bolsa ou do auxílio, o que pode significar uma grande preocupação ao realizar esta atividade.

---

<sup>22</sup> Tanto Lopes-Damasio (2011) quanto Lopes e Carapinha (2004) usam as letras P e Q para o que aqui nomeamos S1 e S2. Optamos por usar S1 e S2 para dialogar com o que apresentamos no capítulo 2, nomeadamente com a síntese apresentada com base em Fraser (1999: 938), que chega a propor um esquema de uso dos MDs: <S1. MD+S2>.

<sup>23</sup> De acordo com a autora, e com base em Raible (2001), “*junktion* é uma dimensão universal da linguagem que permite a sistematização dos diferentes elementos e técnicas linguísticas usadas para *juntar* ou *combinar* elementos proposicionais” (Lopes-Damasio, 2011: 90).

c. **Embora** cada um dos pareceristas tenha uma parcela de responsabilidade na concessão ou não da bolsa ou do auxílio, o que pode significar uma grande preocupação ao realizar esta atividade, é lógico que a concessão desses recursos não depende de um único parecerista.

Lopes-Damasio (2011: 228) denomina a relação *S1, mesmo assim S2* (ou *P, mesmo assim Q*) de contrastiva com base no traço de contraexpectativa, no âmbito da adversidade e da concessão. Segundo ela, os marcadores de contraexpectativa, ou *contrastivos*, codificam, no âmbito da gramática, situações que se desviam das normas compartilhadas. Observemos outras ocorrências do mesmo marcador em (18), (19) e (20):

- (18) Das diversas paródias de Mona Lisa, algumas focalizam menos o sorriso. **Mesmo assim**, só pelo fato de atualizar a personagem em uma outra cena de enunciação, é evocada a questão do mistério em torno de seu sorriso, já que é este um traço essencial de seu ethos. (texto 42)
- (19) Como afirma Henri Loyrette, presidente-diretor do Musée Du Louvre, em prefácio ao livro *La Joconde* (2005), jamais a história desse quadro foi tão acessível como nos dias de hoje, quando o conhecimento histórico e científico sobre A Gioconda é complexo e diversificado. **Mesmo assim**, “estranhamente, jamais os fantasmas a respeito dessa obra e seus mistérios estiveram também tão presentes” (Loyrette 2005: 3) (texto 42)
- (20) A comparação entre as médias de  $F_1$  e  $F_2$  da porção inicial das sequências  $V_j$  e  $VR$  mostrou que não há diferença significativa. Tratam-se das medidas extraídas da primeira porção, que se referem às vogais dessas sequências. E, sendo assim, não era esperado que houvesse diferenças significativas. **Ainda assim**, há uma leve diferença no que se refere ao  $F_3$ , de /e/ e /ɔ/. (texto 7).

As locuções *mesmo assim/ainda assim* ocorrem tipicamente em início de  $S_2$ . A relação de ordenação entre  $S_1$  e  $S_2$  é marcada por em  $S_1$  conter a informação para a inferência que contrasta com a informação de  $S_2$ , onde o contraste é marcado pela locução. Em construções desse tipo, não há compartilhamento formal entre  $S_1$  e  $S_2$ , como ocorre em outros contextos com a locução *assim como* (como veremos adiante). Mesmo assim,

uma inversão da ordem de S1 e S2 torna a construção agramatical graças à relação semântica entre as orações, que gera certo grau de dependência entre S1 e S2.

Em contextos como esse, *assim* e *mesmo/ainda* realizam juntos um valor contrastivo. De acordo com Lopes-Damasio (2011: 234), “*ainda/mesmo* funciona como operador de subordinação com interpretação concessiva/contrastiva, semelhante àquela que se obtém com *embora*, enquanto *assim* retoma anaforicamente a proposição precedente”.

Em (21) e (22), a seguir, além da locução *ainda assim*, há a presença de *mas*, que reforça o contraste. A inversão da ordem de S1 e S2, nesse caso, torna a construção agramatical por causa da articulação realizada por *mas* e pela relação fórica estabelecida por *ainda assim*. Em casos como esse, a autora defende uma leitura contrastiva e uma modal, a partir de paráfrases por *apesar disso* e *do mesmo modo*.

- (21) Note-se que o apagamento do sujeito alcança uma taxa percentual mais alta no PE, seguido do PM, com uma diferença de apenas 6 pontos percentuais entre essas duas variedades. No PB, registra-se o índice mais baixo de sujeito nulo, com uma distância em relação ao PE de 34 pontos percentuais, **mas, ainda assim**, a taxa de 37% de sujeito nulo é relevante, confirmando-se a hipótese de que esse contexto resiste à mudança. (texto 8)
- (22) Mostramos que no caso de incompatibilidade entre a estrutura prosódica e melódica, os processos fonológicos do português brasileiro de elisão, degeminação, ditongação e retração acentual podem violar seus domínios prosódicos de aplicação, **mas ainda assim** são organizados de acordo com os domínios melódicos. (texto 35)

Em nosso *corpus*, apenas 12 ocorrências correspondem à função contrastiva. Como a tabela 8 mostra, nos artigos científicos analisados, a maior parte das ocorrências se encontra na análise e na discussão/conclusão da pesquisa:

Resumo	Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
1	0	2	0	6	3

Tabela 8: Ocorrências de S1, mesmo assim/ainda assim S2 no corpus

### 3.5.2. S1 *assim como* S2 (função comparativa, aditiva e conformativa)

Ao que se refere a função de *S1 assim como S2*, encontramos quatro subfunções que apresentam comportamentos sintáticos e semânticos diferentes: *S1 assim como S2* comparativo não correlativo; *S1 assim como S2* comparativo correlativo; *S1 assim como S2* aditivo; *S1 assim como S2* conformativo.

É importante destacar que essa função mostra-se como um caso mais periférico de *assim como* MD, já que não cumpre todos os requisitos que assumimos no capítulo 2 como Marcado Discursivo, nomeadamente, não apresenta mobilidade sintática, ocorrendo sempre no início do segmento que introduz. Incluímos, entretanto, *assim como* entre os MDs por ser um elemento de coesão que relaciona S1 e S2 estabelecendo processos de interdependência semântica e/ou pragmática entre as frases. Ademais, *assim como* corresponde às demais características elencadas, como: relaciona segmentos verbalizados, ocorre em S2 (com exceção da função comparativa não correlativa que ocorre em S1 e S2), não tem significado integrado na estrutura semântica das proposições de S1 e S2 e reduz o esforço interpretativo por parte do alocutário.

#### i. *Função comparativa não correlativa*

Lopes-Damasio (2011: 200) apresenta as seguintes características de *S1 assim como S2* em construções comparativas não correlativas:

- 1) Tipo de unidade articulada: oração
- 2) Sem coocorrência de outra conjunção
- 3) Posição inicial de Q [S2]
- 4) Possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção
- 5) Possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas
- 6) Impossibilidade de inversão da ordem
- 7) Relação de dependência entre P [S1] e Q [S2]
- 8) Entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas
- 9) Relação de sentido: valor comparativo de igualdade

O exemplo (23) é um exemplo prototípico dessa função:

- (23) Por nos ser externo, o outro tem um excedente de visão sobre nós, **assim como** nós sobre ele. (texto 1).

A articulação entre as orações e o entrelaçamento formal pode ser ilustrado da seguinte forma:

O outro tem um excedente de visão sobre nós

**Assim como**

Nós temos um excedente de visão sobre ele

Neste caso, a locução articula orações que compartilham a estrutura do predicado, exceto a concordância com os sujeitos. Por causa dessa elipse e pelo compartilhamento de estruturas (que exigem alterações em sua forma e também o pronome *ele* que remete anaforicamente o *outro* em S1) há grande dependência entre S1 e S2, o que impossibilita a inversão da ordem sintática. Já o exemplo (24) apresenta características diferentes:

- (24) É digna de nota também a fertilidade da pesquisa de campo de cunho etnográfico, pela exigência que comporta em termos teóricos e práticos, conduzindo-nos a uma contínua revisão de nossos pressupostos, **assim como** à busca de novos paradigmas que nos ajudem a enxergar, problematizar e analisar a realidade que se apresenta à nossa frente. (texto 20)

Nesse caso, a articulação entre as orações e o entrelaçamento formal pode ser ilustrado da seguinte forma:

(...) conduzindo-nos a uma contínua revisão de nossos pressupostos

**assim como**

nos conduz à busca de novos paradigmas que nos ajudem a enxergar, problematizar e analisar a realidade que se apresenta à nossa frente.

Em (24) há o compartilhamento do verbo (elíptico em S2). A relação de dependência, entretanto, se dá na impossibilidade de inverter a ordem dessas orações por causa da presença da forma verbal reduzida de gerúndio (*conduzindo-nos*). Também em (25) observamos a impossibilidade de inversão da ordem das orações graças à relação semântica entre *subsequentes* e *ele*, em S2, e *vendedor/consumidor* em S1.

- (25) Cada novo vendedor/consumidor fica subordinado ao vendedor/consumidor que o trouxe à empresa, **assim como** os subsequentes trazidos por ele, e assim sucessivamente, formando um sistema em rede. (texto 40)

Em nosso *corpus*, 39 foram as ocorrências da locução *assim como* em função *comparativa não correlativa*. Como podemos ver na tabela 9, as ocorrências se concentram na apresentação da revisão bibliográfica e na análise do artigo científico:

Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
4	17	1	12	5

Tabela 9: Ocorrências de S1 *assim como* S2 (*comparativo não correlativo*) no *corpus*

#### ii. *Função comparativa correlativa*

Esta função apresenta características muito próximas às características das *comparativas não correlativas*. A diferença é encontrada, como observa Lopes-Damasio (2011), na posição que ocupa na oração e na relação de sentido que evoca, diferindo, *assim*, da função anterior nos pontos:

- 3) posição inicial/medial de P [S1] e posição inicial/medial de Q [S2]<sup>24</sup>
- 9) relação de sentido: valor comparativo de igualdade + valor aditivo.

- (26) **Assim como** uma visão de linguagem é também uma visão de inclusão, **também** a toda visão ou modelo de letramento estão atreladas uma concepção de linguagem e uma concepção de sociedade. (texto 1)

Em (26), a primeira parte da correlação (*assim como*) aparece no início de S1, e a segunda parte (*também*) em início de S2. A presença desses elementos, e o compartilhamento da mesma natureza estrutural, permite uma análise *comparativa correlativa*, que, por sua vez, soma-se à *adição*. Podemos ilustrar essa correlação da seguinte forma:

<sup>24</sup> Lopes-Damásio (2011: 203) afirma que as posições ocupadas são: *posição inicial/medial de P e posição inicial de Q*. Em nosso *corpus*, porém, encontramos ocorrências em que o marcador em Q (S2) ocorre em posição medial, como em (27) e (28).

Do mesmo modo que	uma visão de linguagem é também uma visão de inclusão
= Do mesmo modo também	a toda visão ou modelo de letramento estão atreladas uma concepção de linguagem e uma concepção de sociedade.

Também em (27) podemos observar a função de comparação e adição através dos marcadores *assim como...também*, e também da estrutura compartilhada (ainda que elíptica) em S1 e S2. Neste exemplo é ainda importante destacar o elemento *aí*, que faz uma retomada anafórica, o que torna agramatical uma tentativa de inversão de S1 e S2.

- (27) **Assim como** Kumaravadivelu (2006), que chama a atenção da Linguística Aplicada para investigar de modo mais significativo o impacto da "globalização cultural" no mundo atual, acreditamos **também** que há aí um fértil campo de pesquisa que poderá nos ajudar a compreender como se conjugam os componentes da competência comunicativa de falantes de línguas estrangeiras no que tange à cultura e ao papel do professor neste novo cenário de globalização. ( texto 11)

Essa comparação correlativa pode ser ilustrada da seguinte forma:

Do mesmo modo que	Kumaravadivelu acredita	que há aí um fértil campo de pesquisa que poderá nos ajudar a compreender como se conjugam os componentes da competência comunicativa de falantes de línguas estrangeiras no que tange à cultura e ao papel do professor neste novo cenário de globalização.
Do mesmo modo também	acreditamos	

A partir de exemplos como (28), questionamos a “impossibilidade de inversão da ordem” (ponto 6) para a função comparativa correlativa. Mesmo que a inversão exija o apagamento de *também*, a relação de sentido continua sendo de comparação e adição:

- (28) a. **Assim como** ocorre com as médias extraídas da porção inicial, na porção medial também há semelhanças entre as médias de F<sub>2</sub> em contexto de /e/, /a/ e /ɔ/, /u/, enquanto que as médias de F<sub>3</sub> não permitem agrupar as realizações comparadas. (texto 7)
- b. Na porção medial há semelhanças entre as médias de F<sub>2</sub> em contexto de /e/, /a/ e /ɔ/, /u/, **assim como** ocorre com as médias extraídas da porção inicial, enquanto que as

médias de F<sub>3</sub> não permitem agrupar as realizações comparadas.

Pode ser parafraseado por *e o mesmo também*, como em (29):

- (29) Na porção medial há semelhanças entre as médias de F<sub>2</sub> em contexto de /e/, /a/ e /ɔ/, /u/, e **o mesmo também** ocorre com as médias extraídas da porção inicial, enquanto que as médias de F<sub>3</sub> não permitem agrupar as realizações comparadas.

Lopes-Damasio (2011: 203-204) destaca a possibilidade de outros pares com função comparativa correlativa, como: *assim como... assim (também)*; *assim... como; não só... mas também*. Em nosso *corpus*, todas as ocorrências de *assim como* com função comparativa correlativa aparecem no par *assim como...também*, totalizando 17 ocorrências. A tabela 10 mostra a distribuição das ocorrências nos artigos científicos analisados:

<b>Introdução</b>	<b>Revisão bibliográfica</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Análise</b>	<b>Conclusão</b>
2	5	1	5	4

Tabela 10: Ocorrências de S1 *assim como* S2 (*comparativo*) no *corpus*

### iii. *Função aditiva:*

Como observa Lopes-Damasio (2011: 205), as características de S1 *assim como* S2 com função aditiva se afastam mais das características das funções anteriores, principalmente nos pontos:

- 4) sem incidência adverbial sobre toda a construção
- 5) sem apresentação de formas verbais reduzidas
- 6) possibilidade de inversão da ordem
- 7) relação de independência entre S1 e S2
- 8) não compartilhamento de estruturas diversas ou compartilhamento pouco incisivo
- 9) relação de sentido: valor aditivo-inclusivo

Essas características determinam o perfil prototípico desta função, como exemplificado por (30) e (31).

- (30) Moradores de Estremadura (sul de Portugal) falavam de maneira diferente da

empregada por moradores de Entre Douro e Minho (norte de Portugal). **Assim como** os da Beira (centro-norte) tinham “falas” diferentes das dos moradores do Alentejo (centro-sul). (texto 36)

- (31) A paisagem tem cores alegres, predominando o verde ao invés dos tons escuros do original de Da Vinci, **assim como** é alegre o sorriso de Emo-Lisa. (texto 42)

Não há compartilhamento de estruturas entre S1 e S2 nesses exemplos. Em (30) ocorre apenas o compartilhamento de *moradores*, elíptico em S2, entretanto, há possibilidade de inversão da ordem sintática em ambos exemplos, sem que haja qualquer prejuízo formal ou semântico, o que demonstra independência de S2 em relação a S1. Nesta função, a locução *assim como* junta as estruturas S1 e S2 numa mesma proposição, e pode ser parafraseável por *e também*. Sendo assim, a relação de sentido trata-se de “um valor *aditivo* que expressa *inclusão*, responsável por assinalar que a informação veiculada pelos constituintes, sob seu escopo, em Q [S2], deve ser acrescentada à informação expressa, em P [S1], como subparte de uma estrutura cumulativa mais ampla” (Lopes-Damasio, 2011: 206), como ilustra o exemplo (32).

- (32) Os elementos Introdução; corpo ou texto principal; e conclusões e recomendações finais, apresentados por Costa (2008: 159), no "Dicionário de gêneros textuais", para caracterizar o verbete "relato de caso", parecem pouco informativos quando comparados aos elementos textuais identificados no Quadro 1. Por serem bastante genéricos e imprecisos, tais elementos podem ser atribuídos a diversos gêneros, **assim como**, afora a introdução e a conclusão/considerações finais, que correspondem diretamente aos citados por Costa (2008), podemos relacionar praticamente todas os demais elementos textuais, com exceção do anexos, bibliografia e fichas, ao corpo ou texto principal, mencionado pelo autor. (texto 18)

Podemos ilustrar o exemplo (32) como:

Por serem bastante genéricos e imprecisos, tais elementos podem ser atribuídos a diversos gêneros.	<b>assim como/ e também</b>	Podemos relacionar praticamente todas os demais elementos textuais, com exceção do anexos, bibliografia e fichas, ao corpo ou texto principal, mencionado pelo autor.
--	-------------------------------------	---

De acordo com Lopes-Damasio (2011), a integração entre S1 e S2 nesta função é

menor do que a observada na comparação, por serem orações independentes. Pode haver um compartilhamento maior de estruturas de S1 em S2, entretanto, não há alteração de quaisquer aspectos dos termos elípticos em S2 (como as flexões verbais), como ocorre na comparação. O exemplo (33) ilustra esse compartilhamento menos incisivo:

- (33) Desenvolvemos mais amplamente a reflexão a respeito da responsabilidade das instâncias administrativas na forma com que se dá o trabalho escolar, **assim como** das tensões inerentes à relação que se trava entre secretarias da educação e unidades escolares, em Kleiman & Martins (2007). (texto 20)

Este exemplo pode ser esquematizado da seguinte forma:

Desenvolvemos mais amplamente a reflexão a respeito da responsabilidade das instâncias administrativas na forma com que se dá o trabalho escolar	<b>Assim como/ e também</b>	<u>Desenvolvemos mais amplamente a reflexão a respeito da responsabilidade</u> das tensões inerentes à relação que se trava entre secretarias da educação e unidades escolares, em Kleiman & Martins (2007).
--	---------------------------------	--

Apesar do compartilhamento do predicado, não há alteração formal em relação às porções compartilhadas, elípticas em S2, o que possibilita a inversão da ordem sintática. A função de *assim como* é, portanto, apontar a junção de estruturas, expressando valor aditivo, verificado pela possibilidade da paráfrase por *e também*.

Em nosso *corpus*, 20 foram as ocorrências encontradas que correspondem à função aditiva. A tabela 11 mostra a distribuição da locução nos artigos científicos:

Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
2	8	1	8	1

Tabela 11: Ocorrência de S1 *assim como* S2 (aditivo) no *corpus*

#### iv. *Função conformativa*

*Assim como* apresenta ainda uma função conformativa, como vemos no exemplo (34):

- (34) Ora, a criança, em sua fase de aquisição da linguagem, **assim como** mostra Scarpa (2001, p. 118), é dada através do sociointeracionismo, em que a linguagem e

conhecimento do mundo estão inteiramente relacionados e os dois passam pela medição do outro, do interlocutor. (texto 25)

Nesta função, *assim como* pode ser parafraseado por *conforme* e, com alterações, por *de acordo com*, como vemos em (35a, b).

(35) a. Ora, a criança, em sua fase de aquisição da linguagem, **conforme** mostra Scarpa (2001, p. 118), é dada através do sociointeracionismo, em que a linguagem e conhecimento do mundo estão inteiramente relacionados e os dois passam pela medição do outro, do interlocutor. (texto 25)

b. Ora, a criança, em sua fase de aquisição da linguagem, **de acordo com** Scarpa (2001, p. 118), é dada através do sociointeracionismo, em que a linguagem e conhecimento do mundo estão inteiramente relacionados e os dois passam pela medição do outro, do interlocutor. (texto 25)

Diferente do que ocorre nas funções comparativas correlativas e não correlativas, em sua função conformativa constatamos a possibilidade de inversão da ordem sintática, como ilustrado em (36):

(36) **Assim como** mostra Scarpa (2001, p. 118), a criança, em sua fase de aquisição da linguagem, é dada através do sociointeracionismo, em que a linguagem e conhecimento do mundo estão inteiramente relacionados e os dois passam pela medição do outro, do interlocutor.

Apesar de poder compartilhar a estrutura entre S1 e S2, a inversão da ordem ainda é possível. Em (37), podemos observar que apesar de em S2 o pronome oblíquo “o” retomar o sintagma nominal em S1, a inversão da ordem é possível sem que se torne agramatical:

(37) a. Neste trabalho, o termo “enunciado” é tomado como sinônimo de formulação linguística, **assim como** o utilizam Pêcheux (1988, entre outros) e Maingueneau (2005, entre outros). (texto 41)

b. Neste trabalho, **assim como** o utilizam Pêcheux (1988, entre outros) e Maingueneau (2005, entre outros), o termo “enunciado” é tomado como sinônimo de formulação linguística.

Em nosso *corpus*, apenas 6 ocorrências correspondem à essa função. A tabela abaixo mostra sua distribuição nos artigos científicos:

Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
0	5	0	1	0

Tabela 12: Ocorrência de S1 assim como S2 (conformativo) no corpus

### 3.5.3. S1 assim S2 (função conclusiva)

Para definir o que são os MDs conclusivos, Estrella Montolío (2001)<sup>25</sup> inicia sua exposição comparando orações causais (34a) e orações consecutivas (34b), como em:

- (38) a. (...) **como** não tivemos acesso ao material que a empresa disponibiliza atualmente aos seus vendedores, não temos condições de avaliar as mudanças pelas quais o discurso pode ter passado, o que foge dos objetivos deste trabalho. (texto 40).
- b. (...) não tivemos acesso ao material que a empresa disponibiliza atualmente aos seus vendedores, **por isso** não temos condições de avaliar as mudanças pelas quais o discurso pode ter passado, o que foge dos objetivos deste trabalho.

Ambas as orações apresentam o mesmo tipo de relação lógico-semântica entre S1 e S2 (S2 *porque* S1 = S1 *de modo que* S2), a diferença entre elas está no marcador discursivo que intensifica, focaliza, um ou outro aspecto da oração. Dessa forma, as orações causais são as que têm como foco a causa, premissa ou argumento que leva a uma conclusão, ao passo que as orações conclusivas são as que focalizam a conclusão ou consequência dedutível a partir da informação anterior. Assim, os *MDs conclusivos* são aqueles que apresentam no S2 uma consequência do que foi dito explicitamente ou inferido anteriormente.

De acordo com a autora, é recorrente o uso de MDs conclusivos em textos argumentativos, já que seu uso “resulta especialmente productivo para llevar a cabo la operación argumentativa de la demostración, pues la demostración consiste, precisamente, em exponer y probar cómo desde una premisa o argumento concretos se llega a la conclusión a la que interesa llevar al receptor” (Montolío, 2001: 100/101).

A autora organiza os MDs conclusivos em espanhol em dois grupos: os parentéticos

<sup>25</sup> Nesta obra, “Conectores de la lengua escrita” (2001), Montolío divide os marcadores em três grupos: *conectores contra-argumentativos*, *expresiones conectivas de carácter consecutivo* e *conectores de tipo aditivo e organizadores da información discursiva*. Apesar de a autora chamar de conectores consecutivos, em nossa exposição optamos pela denominação “conclusivos”, concordando com a nomenclatura dada por Lopes-Damasio (2011), para quem a função consecutiva é apresentada como uma subfunção dentro da função conclusiva de *assim*.

e os integrados na oração (caracterizados pela não mobilidade dentro da oração e por não ocorrerem após pontuação forte, como o ponto final). E, em relação aos MDs conclusivos parentéticos, Montolío organiza-os conforme o grau de mobilidade sintática que apresentam, o que resulta em três grupos que correspondem aos seguintes esquemas: [S1, conector, S2]; [S1, S2<sub>1</sub>, conector, S2<sub>2</sub>]; e [S1, conector, S2]/ [S1, S2<sub>1</sub>, conector, S2<sub>2</sub>]/ [S1, S2, conector]. *Assim* com função conclusiva no PB é um marcador parentético e corresponde ao terceiro grupo elencado pela pesquisadora, pois apresenta alto grau de mobilidade dentro da oração, podendo ocorrer no início e no meio. Não encontramos em nosso *corpus* ocorrência de *assim* com esse valor que pudesse ocorrer no fim de S2.

De acordo com Lopes-Damasio (2011), *assim* com função conclusiva tem comportamento próximo ao das conjunções de coordenação. Com localização geralmente em início de S2, esse marcador mantém um traço de foricidade e realiza um movimento retropropulsor: “ao mesmo tempo resgata todo o conteúdo de P [S1] e aponta para a conclusão, instaurada em Q [S2], da qual se torna parte integrante” (Lopes-Damasio, 2011: 188). É o que se pode verificar em (35), (36) e (37):

- (39) Como é característico da obra de arte, trata-se de efeitos de sentidos em aberto, o que não exclui a possibilidade de destacamentos, entre os quais se sobressai o “sorriso de Mona Lisa” como um dos principais traços da autoria de Leonardo Da Vinci e, simultaneamente, um traço propício à aforização. **Assim**, a obra de arte desvincula-se da autoria exclusiva de Da Vinci ao suscitar diversas releituras, as quais ajudam a compor um ethos discursivo em torno desta consagrada pintura e, ao mesmo tempo, fazem circular estereótipos distintos. (texto 42)
- (40) Nesses termos, as narrativas valiam como “testemunhos” que confirmavam o discurso da Amway e os distribuidores eram a autoridade convocada para garantir a veracidade do discurso da empresa. Essas narrativas, em 3ª. Pessoa, eram recheadas de relatos em estilo direto e indireto. A utilização deste recurso aumentava a credibilidade do discurso, uma vez que se podia perceber aí a voz das pessoas cujas histórias estavam sendo contadas, garantindo, então, o que estava sendo dito. A esse respeito, nota-se que, acima do texto verbal, havia sempre uma foto do(s) distribuidor(es), com seu(s) nome(s) e sobrenome(s), numa espécie de cabeçalho para identificar quem estava falando. A foto e o nome completo ajudavam a dar credibilidade aos relatos, já que identificavam e mostravam de quem se tratava. **Assim**, para quem tinha dúvidas, ali estavam histórias de pessoas reais, identificáveis, relatos de suas experiências bem-

sucedidas. (texto 40)

- (41) Como as narrativas confirmavam que a proposta da Amway realmente funcionava, elas serviam de incentivo para outras pessoas que ainda não tinham o obtido êxito. A segunda e a quarta parte eram fundamentais, nesse sentido, pois confirmavam que, apesar de as recompensas dependerem de muito trabalho, elas realmente chegariam e em larga escala. **Assim**, tratava-se de uma estratégia para incentivar possíveis distribuidores que estivessem desanimados (talvez porque estivessem trabalhando sem alcançar os tão esperados benefícios), procurando convencê-los de que seus esforços não seriam em vão. (texto 40)

Lopes-Damasio (2011: 189) considera que a relação causal estabelecida pelo MD *assim* diz respeito à conexão *causa-consequência* ou *causa-efeito* entre dois eventos, e essa relação pode se dar entre:

- (i) *Predicações* (estados de coisas), indicando “causa real/eficiente/efetiva”, estando aí implicada uma subsequência temporal do **efeito/consequência** em relação à **causa**.
- (ii) *Proposições* (fatos possíveis), indicando relações marcadas por conhecimento/julgamento/crença do falante, que passam por sua avaliação.

Em ocorrências de *assim* correspondentes ao padrão (i), o qual chamamos aqui de *consequência*, há uma conexão de *causa-consequência*, onde o marcador sinaliza que a informação da oração que introduz deve ser entendida como consequência da informação anterior, e pode ser parafraseado por *portanto*, *por isso*, *de modo que* ou *daí que*. Neste contexto, “*assim* opera claramente ao nível do domínio referencial da significação: a conexão discursiva envolve a representação de uma relação entre situações do mundo sócio-físico” (Lopes e Carapinha, 2004: 14) (como é o caso dos exemplos (37) e (38)). Em ocorrências de *assim* correspondentes ao padrão (ii), o qual chamamos de *conclusão*, o marcador está no domínio epistêmico, ou seja, no domínio de conhecimentos/crenças do autor, e, de acordo com Lopes e Carapinha (2004: 14) é mais plausível a parafrase por *portanto* (como é o caso do exemplo (36)).

Oliveira (2011), ao tratar sobre os conectores conclusivos, reforça que nem sempre é evidente, do ponto de vista discursivo, o que pode ser entendido como conclusão e o que pode ser entendido como consequência. Segundo a autora,

As construções envolvendo relações de causa-consequência estarão ligadas ao mundo real, evidenciando um carácter factual. Por seu turno, as construções conclusivas não excluem este tipo de relação lógica (causa-efeito), mas esta processar-se-á ao nível do domínio epistêmico (...) A relação causal que se estabelece entre as premissas p e q numa relação de conclusão não tem necessariamente uma correlação no plano dos estados de coisas, até porque neste caso o nexos temporal é irrelevante, o que não acontece com estruturas que traduzem causa-consequência. (Oliveira, 2011: 71)

Essa distinção apontada pela autora é pertinente, já que nem sempre é fácil apontar a relação de sentido entre as asserções e estabelecer claramente a relação introduzida pelo MD.

Vejamos exemplos correspondentes a (i) *consequência*:

- (42) Porém, entender somente a primeira geração não é suficiente para compreender todas as modificações do sistema de atividade. **Assim**, surge a segunda geração, com a finalidade de ajudar a explicar as relações entre os elementos do sistema. (texto 13).

No exemplo (38), o fato de ‘a primeira geração não ser suficiente para compreender todas as modificações do sistema de atividade’ é a causa que leva ao ‘surgimento da segunda geração, que tem como finalidade ajudar a explicar as relações entre os elementos do sistema’. Nesse contexto, *assim* atua no domínio referencial, relacionando situações que ocorrem no mundo sociofísico, sem uma dependência de cálculos mentais para apreender o nexos causa-consequência.

Vejam os exemplos (39) e (40):

- (43) O pronome “nós” cria um efeito de interlocução, é como se o locutor se incluísse entre os alocutários e, **assim**, o efeito de distancimento entre a instância de produção e a instância de recepção é anulado. (texto 41)
- (44) Nas gramáticas tradicionais, a ordenação de constituintes é tratada como uma questão estilística, como bem já assinala Barbosa (1881), ao afirmar que todas as construções se reduzem a duas gerais: a direita e a invertida. Na direita as palavras e as orações seguem a mesma ordem de sua sintaxe, referindo-se cada uma sucessivamente àquela que lhe precede imediatamente, e **assim** "o sentido nunca fica suspenso, entende-se da maneira que se vai ouvindo ou lendo". Na invertida, pelo contrário, há mudança na ordem da sintaxe, e "as palavras e orações, ou regidas ou subordinadas, vão primeiro que as que regem ou subordinam, e **assim** o sentido fica suspenso, e só entendemos quando chegamos ao final da oração". (texto 27).

Em (39), S1 contém a causa de ‘o efeito de distanciamento entre a instância de produção e a instância de recepção ser anulada’: o fato de ‘o pronome “*nós*” criar um efeito de interlocução, como se o locutor se incluisse entre os alocutários’. Da mesma forma, em (40), observamos duas ocorrências de *assim* como marcador conclusivo no mesmo parágrafo. Na primeira, o fato de ‘as palavras e as orações seguirem a mesma ordem de sua sintaxe’ é a causa de ‘o sentido nunca ficar suspenso e entender-se da maneira que se vai ouvindo ou lendo. Na segunda ocorrência, o fato de ‘haver mudança na ordem da sintaxe’ é a causa de ‘o sentido ficar suspenso e de só entendermos quando chegamos ao final da oração’.

Em nosso *corpus*, apenas nove são as ocorrências de *assim* conclusivo que corresponde ao padrão (i) elencado por Lopes-Damasio (2011). A tabela 13 mostra em que parte dos artigos científicos analisados esse marcador ocorre:

Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
2	4	0	3	0

Tabela 13: Ocorrência de *assim* conclusivo (padrão (i)) no *corpus*

- (45) Douar reforça que a água é um dos objetos privilegiados das pesquisas de Leonardo e ele a avoca neste quadro de duas maneiras diferentes: viva, à direita, em um rio que desenha; e calma, à esquerda e em todo fundo à direita no lago que forma. Ela “representa simbolicamente a passagem, a transição entre dois estados interiores” (Douar 2005: 20). **Assim**, segundo o autor, isso parece redobrar o efeito do sorriso de Mona Lisa, denotando “um movimento interior, a animação do ânimo de Gioconda, cujo nome italiano deriva do adjetivo latino *jucundus* que significa serena, agradável” (Douar 2005: 10). (texto 42)

Em (41), *assim* opera no nível do domínio epistêmico, bem como a maior parte das ocorrências do marcador com função conclusiva em nosso *corpus*. Há um jogo de premissas que leva à conclusão que é introduzida pelo item: com base na premissa de que a água é um dos objetos privilegiados das pesquisas de Leonardo, da premissa de que ele a avoca de duas maneiras (viva, à direita, e calma, à esquerda) e da premissa de que a água simboliza a transição entre dois estados interiores, conclui-se que isso parece redobrar o efeito do sorriso de Mona Lisa.

- (46) Em relação ao contexto de produção, ao produzir um texto, o agente se encontra em uma determinada situação de ação de linguagem, sendo que essa só produz efeito pelas reconfigurações que o agente construiu para si mesmo. **Assim**, qualquer análise dessa situação de ação de linguagem deve considerar três conjuntos dessas reconfigurações, que são referentes aos parâmetros objetivos/físicos: emissor, co-emissor, espaço-tempo da produção; (texto 34)

Em (42), partindo-se da premissa de que na produção de um texto o agente se encontra em uma determinada situação de linguagem que só produz efeito pelas reconfigurações que o agente constrói para si mesmo, conclui-se que, para analisar a situação de ação da linguagem, três conjuntos dessa reconfiguração, referentes aos parâmetros objetivos/físicos, devem ser considerados. O MD *assim* com valor conclusivo pode ocorrer introduzindo a conclusão de um parágrafo, de um trecho ou, até mesmo, de todo o texto.

As propriedades do MD *assim* com valor conclusivo ocorrem igualmente em exemplos como (43) e (44):

- (47) Kleiman (1995:20) afirma que a escola, como a mais importante agência de letramento, tem-se dedicado a apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, em detrimento do letramento como prática social. A escola, assim, estaria mais voltada ao processo de aquisição de códigos, em geral centrado em uma competência individual, enquanto outras agências de letramento (família, igreja) mostram orientações diferentes de letramento. Pode-se deduzir, **assim**, que o letramento não depende exclusivamente da escolarização, mas, sobretudo, da participação em práticas sociais de leitura e de escrita, em contextos e instituições dentro dos quais elas adquirem sentido. (texto 16)
- (48) Em se tratando da realização do tap em posição pós-vocálica no PB do Sul do Brasil, Monaretto (2000) verifica em suas pesquisas que essa variante é bastante expressiva, mostrando, **assim**, que a ocorrência de tal variante não é exclusiva do PE. (texto 7)

Em nosso *corpus*, as ocorrências de *assim* como MD conclusivo correspondente ao padrão (ii) *conclusão* (a saber, que relaciona proposições operando no domínio epistêmico, ou seja, no domínio de conhecimentos e crenças do falante) superou qualquer outra

ocorrência de *assim* como MD. Totalizando 158 ocorrências, essa função de *assim* é a mais recorrente nos artigos científicos analisados.

Resumo	Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
1	8	67	5	62	15

Tabela 14: Ocorrências de *assim* conclusivo (padrão (ii)) no corpus

### 3.5.4. S1 *assim* S2 (função de especificação ou exemplificação)

Dentro dessa função, *assim* não pode ser interpretado como conector conclusivo:

- (49) Para a tabulação, optou-se por codificar as palavras escritas inadequadamente com 1 (um) e as palavras escritas adequadamente com 0 (zero). Após a tabulação, procedeu-se a uma averiguação exaustiva da planilha, com o propósito de preparar os dados para a análise. Inicialmente, foram verificados dados perdidos (missing vales) em muitas variáveis. **Assim**, foram sucessivamente excluídos os questionários com maior frequência de dados perdidos nas diversas variáveis da pesquisa, até que restassem no máximo cinco entradas perdidas por cada teste. (texto 30)

Nesse contexto, *assim*, que ocorre em início de S2, introduz na oração seguinte especificações ou exemplificações que prolongam ou elaboram a informação anterior. A paráfrase mais adequada é a expressão *nesse sentido*, pois expressa a continuidade temática. Por introduzir em S2 uma especificação ou exemplificação para a informação de S1, não é possível a inversão da ordem de S1 e S2. Outros exemplos que ilustram essa função de *assim* são (46), (47) e (48):

- (50) Chama-se vocalização a passagem de um elemento consonantal (ou glide) a uma vogal, seja historicamente ou numa alternância sincrônica. **Assim**, verifica-se em registros regionais e populares do português moderno a vocalização da lateral velar: alto é pronunciado ['awt<sup>U</sup>]. (texto 7)
- (51) Talvez a principal vantagem da análise em tempo real de curta duração seja a possibilidade de o pesquisador poder verificar a relação entre a fala do indivíduo e a da comunidade, o que lhe permite observar a continuidade do comportamento linguístico do indivíduo no comportamento da comunidade e vice-versa, sem,

contudo, deixar de considerar, por um lado, as especificidades de cada falante e, por outro, os padrões lingüísticos que regulam a produção da comunidade. **Assim**, pode-se observar: a) como o indivíduo muda, ou não, seu comportamento lingüístico com o passar do tempo e b) como a comunidade se comporta: mantém-se estável ou apresenta instabilidade no percurso do tempo em análise? (texto 8)

- (52) Atores como Calsamiglia e van Dijk (2004: 370) defendem o argumento de que, por meio da PC, a sociedade pode ter acesso ao conhecimento científico em sua versão não especializada, incorporando-o ao conhecimento existente, o que favorece a participação ativa de diferentes segmentos sociais nas decisões políticas acerca dos rumos da ciência. Beacco et al. (2002: 279) reforçam a ideia de que, **assim**, a ciência perpassa os discursos da vida diária (explicando eventos recorrentes na vida social). (texto 31)

Em nosso *corpus*, 37 foram as ocorrências de *assim* com valor especificação ou exemplificação, distribuídas nas seguintes partes dos artigos científicos, como mostra a tabela 15:

Resumo	Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
1	3	17	3	8	5

Tabela 15: Ocorrências de S1 *assim* S2 (função de especificação ou exemplificação) no *corpus*

### 3.6. Discussão dos resultados

Após analisar as 466 ocorrências de *assim* em nosso *corpus*, constatamos que 298 correspondem a usos de *assim* ou formas correlatas como Marcador Discursivo. Encontramos basicamente as seguintes funções para o MD *assim*:

- a) S1 *Mesmo assim/ainda assim* S2: com valor contrastivo, pode ser parafraseada por *mas* e, com algumas alterações, por *embora*. Essas locuções ocorrem tipicamente em início de S2, introduzindo em S2 uma informação que contrasta com a informação de S1.
- b) S1 *Assim como* S2: subdividido em quatro subfunções que apresentam comportamentos sintáticos e semânticos diferentes: S1 *assim como* S2 comparativo

não correlativo; S1 *assim como* S2 comparativo correlativo; S1 *assim como* S2 aditivo; S1 *assim como* S2 conformativo.

- c) *S1 Assim S2*: com função conclusiva tem comportamento próximo ao das conjunções de coordenação. Está dividido em duas subfunções: (i) há uma conexão de *causa-consequência* e o marcador sinaliza que a informação da oração que introduz deve ser entendida como consequência da informação anterior, operando ao nível do domínio referencial da significação; (ii) o marcador está no domínio epistêmico, ou seja, no domínio de conhecimentos/crenças do autor, e introduz uma conclusão de S1, do parágrafo anterior, de partes do texto ou, até mesmo, do texto inteiro.
- d) *S1 Assim S2*: ocorre em início de S2 e introduz especificações ou exemplificações que prolongam ou elaboram a informação anterior. A paráfrase mais adequada é a expressão *nesse sentido*, pois expressa a continuidade temática.

Nos artigos científicos em PB por nós analisados, portanto, o MD *assim* e suas formas correlatas apresentam multifuncionalidade discursiva. O esquema 3 ilustra as funções e o número de ocorrências de cada função e subfunção observados em nosso corpus, também ilustrado pelo gráfico 1:

<b>S1 mesmo assim/ ainda assim S2</b>	{ <b>Função contrastiva</b>	<b>12</b>
<b>S1 assim como S2</b>	{ <b>Função comparativa não correlativa</b>	<b>39</b>
	{ <b>Função comparativa correlativa</b>	<b>17</b>
	{ <b>Função aditiva</b>	<b>20</b>
	{ <b>Função conformativa</b>	<b>6</b>
<b>S1 assim S2</b>	{ <b>Função consecutiva</b>	<b>9</b>
	{ <b>Função conclusiva</b>	<b>158</b>
<b>S1 assim S2</b>	{ <b>Função de especificação ou exemplificação</b>	<b>37</b>

*Esquema 3: Síntese das funções de assim e distribuição das ocorrências no corpus*

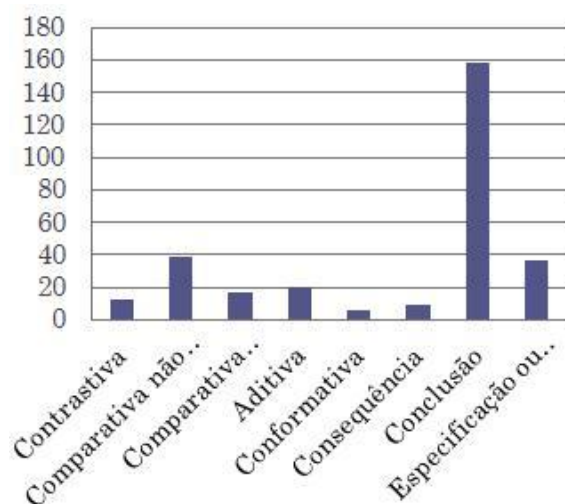


Gráfico 1: Ocorrências de assim por função

Também em relação à distribuição na superestrutura do texto, a tabela 16 sintetiza as ocorrências de *assim* e formas correlatas como MD nas partes dos artigos científicos analisados, bem como o gráfico 2:

Função	Resumo	Introdução	Revisão bibliográfica	Metodologia	Análise	Conclusão
<i>Contrastiva</i>	1	-	2	-	6	3
<i>Comparativa não correlativa</i>	-	4	17	1	12	5
<i>Comparativa correlativa</i>	-	2	5	1	5	4
<i>Aditiva</i>	-	2	8	1	8	1
<i>Conformativa</i>	-	-	5	-	1	-
<i>Consequência</i>	-	2	4	-	3	-
<i>Conclusão</i>	-	8	67	5	62	15
<i>Especificação ou exemplificação</i>	1	3	17	3	8	5
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>21</b>	<b>125</b>	<b>11</b>	<b>105</b>	<b>33</b>

Tabela 16: Ocorrências do MD *assim* e formas correlatas e sua distribuição nas partes dos Artigos Científicos

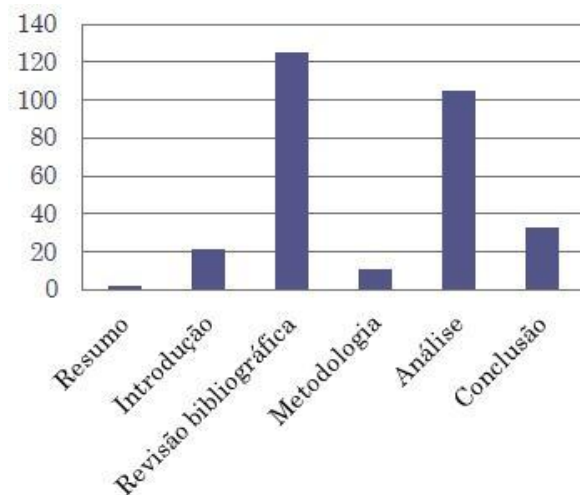


Gráfico 2: Ocorrências de *assim* por seção

A análise da tabela 16 e do gráfico 2 mostra que o número de ocorrências de *assim* é claramente superior nas partes do gênero artigo científico correspondentes às categorias ‘revisão bibliográfica’ e ‘análise’, seguido da ‘conclusão’, tendo menor incidência na seção ‘resumo’. Por outro lado, é ainda evidente que o valor mais atualizado de *assim* no contexto dos artigos científicos analisados é o de marcador de conclusão, com destaque para as seções textuais já referidas, ‘revisão bibliográfica’ e ‘análise’, seguido, de forma menos significativa pela sua ocorrência na seção ‘conclusão’, o mesmo acontecendo com os outros valores descritos. A expressão numérica referida articula-se claramente com as características discursivas de cada uma das seções referidas, permitindo concluir que há uma associação entre a seleção de marcadores e as macroestruturas textuais que configuram o encadeamento discursivo, como se descreveu em 1.4.2.

Por conseguinte, o uso mais abundante de *assim* associa-se, na estrutura composicional do artigo científico, a sequências de tipo argumentativo e explicativo, enquanto a sua utilização menos frequente ocorre em segmentos cuja sequência típica é a descritiva, o que está em consonância com as propriedades destas sequências, cuja análise se propôs no capítulo 1. No caso da seção ‘conclusão’ dos textos estudados, esperávamos encontrar um número elevado de ocorrências de *assim* com valor conclusivo, o que, comparativamente com as duas seções já mencionadas, não se verificou. Daí resulta uma tripla hipótese explicativa: i) na função de finalização do artigo científico, a opção recai majoritariamente sobre outros marcadores, que tipicamente sinalizam a finalização do conteúdo textual global de forma mais evidente, como por exemplo ‘em resumo’, ‘para concluir’, ‘em suma’; ii) *assim* ocorre com maior frequência em macroestruturas intermédias, embora possa também sinalizar a macroestrutura global do texto, como

acontece em 15 dos textos analisados; iii) a seção de conclusão é relativamente menor se comparada com as demais seções do artigo científico.

O fato de esse encadeamento assumir valores diferentes em função das relações semântico-discursivas existentes entre os segmentos textuais conectados mostra, por um lado, as diversas possibilidades de conexão dos tópicos textuais, num contexto que vai de uma conexão que opera a nível mais local (por exemplo, *assim* função comparativa, aditiva e de especificação) ou a um nível mais global (por exemplo, alguns usos de *assim* conclusivo), sendo este último o que mais se aproxima da descrição que alguns teóricos fazem dos MDs. No entanto, pelas razões já apontadas, a sua polifuncionalidade semântico-discursiva, visível nestas diferentes funções e contextos de uso, assume, como também já referimos, um valor claro de marcação discursiva, o que nos leva a considerá-los como MDs, não esquecendo, porém, a sua estreita relação com o que alguns autores chamam conectores ou juntores.

Desta análise decorrem algumas conclusões, que retomam o programa de trabalho delineado para este estudo: i) os marcadores discursivos são plurifuncionais; ii) os marcadores discursivos são mecanismos de coesão sequencial com um papel relevante na textualização; iii) a seleção, frequência e funcionalidade dos marcadores discursivos é um marcador do gênero, na medida em que a sua atuação difere de gênero para gênero, em função da sua estrutura composicional, da finalidade e do estilo.

## Considerações finais

Esta dissertação tomou como objeto a descrição dos valores de *assim* e formas correlatas num *corpus* constituído por 46 artigos científicos extraídos da revista DELTA. O tratamento deste objeto desenvolveu-se em duas etapas, a primeira mais teórica e a segunda, mais aplicada. Com efeito, na primeira procedemos à i) descrição do conceito de gênero; ii) caracterização do gênero artigo científico; iii) definição de marcadores discursivos e apresentação de algumas propostas para a sua classificação. No que se refere à segunda, centramos o foco do trabalho na análise do marcador *assim* no *corpus* selecionado para determinar as suas funções semântico-discursivas principais, tendo previamente procedido à sua caracterização na literatura.

A seleção de *assim* e formas correlatas deveu-se à sua elevada ocorrência em artigos científicos (se comparado a outros marcadores, como *portanto*, *logo*, *então*, *por isso* e *por conseguinte*) e à sua polifuncionalidade. A fim de buscar respostas, procuramos na literatura outras pesquisas que se debruçassem nas funções realizadas por *assim* e chegamos à conclusão, com base em Lopes e Carapinha (2004) e Lopes-Damasio (2008, 2011), de que o item *assim* é polifuncional. Nesses trabalhos, e em outros, pouco se fala, entretanto, das funções de *assim* como MD.

Ao analisarmos o item *assim* nos artigos científicos selecionados, observamos que, para além da polifuncionalidade de *assim* como MD, a função conclusiva *S1 assim S2* foi a mais recorrente no texto, concentrando na apresentação da revisão bibliográfica e análise. Esse resultado justifica-se pelo tipo de discurso e pelas sequências argumentativas e explicativas que majoritariamente compõem o artigo científico.

Nesse sentido, acreditamos que os valores de *assim* e formas correlatas como MD encontrados parecem configurar um parâmetro de gênero, já que as funções colaboram para a construção dos segmentos presentes no texto. Isso vai ao encontro com a afirmação de Adam (2011: 180) que diz: “o emprego e a função dos conectores variam de acordo com os gêneros de discurso”.

Essa conclusão, totalmente provisória, exige a análise de um *corpus* mais vasto que confirme os resultados aqui encontrados.

Um desenvolvimento futuro para essa pesquisa seria a análise de outros MDs, como *portanto*, *logo*, *então*, *por isso* e *por conseguinte*, que genericamente são tratados como conclusivos, o que complementaria a observação da multifuncionalidade de *assim*, bem

como verificaria o comportamento de outros marcadores na conexão discursiva. Por outro lado, é necessária uma análise mais pormenorizada entre os exemplos estudados e os casos de ocorrência de *assim* com outras funções, para estabelecer um estudo comparativo de todos os seus usos.

Outro desenvolvimento desejável seria o alargamento do estudo de *assim* a outros gêneros do domínio discursivo acadêmico, ou de outros domínios discursivos, para analisar o seu comportamento e poder determinar em que medida as conclusões gerais deste trabalho validam as hipóteses formuladas.

## Referências Bibliográficas

ADAM, J-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARISTÓTELES. **A Retórica**. 2ª Ed. JÚNIOR, M. A. (tradutor). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal** (trad. Paulo Bezerra). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER. W. **Introduction to textlinguistics**. London: Longman, 1981.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. 2ª Ed. A. Rachel Machado; P. Cunha (trad.). São Paulo: Educ, 2007.

CHARAUDEAU. Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle. In: **Analyse des discours. Types et genres**. Toulouse: Éd. Universitaires du Sud, 2001.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Pontes, 1991.

COSTA, A. R. da. **O gênero textual artigo científico: estratégias de organização**. II **Semana nacional de ciência e tecnologia do IFPE**. 2011. Disponível em: <[http://www.cin.ufpe.br/~lsc4/snct2011/files/SNCTIFPE\\_0005.pdf](http://www.cin.ufpe.br/~lsc4/snct2011/files/SNCTIFPE_0005.pdf)>. Acessado em: 14/02/2014.

COUTINHO, M. A. **Texto(s) e competência textual**. Lisboa: FCG-FCT, 2003.

\_\_\_\_\_. Descrever gêneros de textos: resistência e estratégias. In **Proceedings of the 4th SIGET – International Symposium on Genre Studies**. 2007. Publicação em CD.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M, H. M., Et. alli. **Gramática da língua portuguesa**. 7ª Ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003. Pp. 275-322.

FRASER, Bruce. What are discourse markers? **Journal of pragmatics**, v. 31, 1999. pp. 931-952. (1999).

GONÇALVES, A. V. **Gêneros textuais e reescrita**: uma proposta de intervenção interativa. 2007. 345f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2007.

GONÇALVES, E. M. O. T. **Os conectores Contra-argumentativos em produções escritas de alunos de PLE**: um estudo de caso. Dissertação em 2º Ciclo de Estudos em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira. Universidade do Porto, 2012.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Cohesion in English**. England: Longman, 1976.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In.: CASTILHO, A. T. **Gramática do português falado: a ordem**. Campinas: FAPESP/Ed. da UNICAMP, 1991. Pp. 63-141.

KOCH, I. V. Linguística Textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 1, n. 1, agosto de 2003. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

\_\_\_\_\_. **A Coesão Textual**. 22ªed.. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. Parâmetros curriculares nacionais, lingüística textual e ensino de línguas. **Revista Gelne**. Vol. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <[http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art\\_3f520010d8dff5de2cc005d0fb91eaf\\_69.pdf](http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_3f520010d8dff5de2cc005d0fb91eaf_69.pdf)>. Acessado em: 10/jan/2014.

LOPES, A. C. M.; CARAPINHA, C. **Texto, coesão e coerência**. Coimbra: Almedina/Celga, 2013.

\_\_\_\_\_. Contributos para uma análise semântico-pragmática das construções com *assim*. In.: **Cadernos de Linguística**, 5, 2004. Disponível em: [HTTP://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Ana\\_Cristina/Lopes\\_Carapinha2004.pdf](HTTP://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Ana_Cristina/Lopes_Carapinha2004.pdf). Acesso em: 28/07/2014.

LOPES-DAMASIO, L. R. **A emergência do marcador discursivo *assim* sob a óptica da gramaticalização**: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2008.

\_\_\_\_\_. **Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a *assim***: um novo enfoque da gramaticalização. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MAINGUENEAU, D. Retour sur une catégorie: le genre. In: ADAM, J-M.; GRIZE, J-B.; BOUACHA, M. A. (orgs). **Textes et discours**: catégories pour l'analyse. Dijon: Editions universitaires de Dijon, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. pp.198-225.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, J. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE MUÑOZ, I. & DEMONTE BARRETO, V. (Eds.) **Gramática descriptiva de La lengua española**. V. 3. Madrid: Espasa Calpe. 1999.

MAIA, B.; SARMENTO, L.; SANTOS, D. Introduzindo o Corpógrafo - um conjunto de ferramentas para criar corpora especializados e comparáveis e bases de dados terminológicas. **Terminómetro - Número especial nº 7 - A terminologia em Portugal e nos países de língua portuguesa em África**. 2005, pp. 61-62.

MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M, H. M., Et. alli. **Gramática da**

**língua portuguesa**. 7ª Ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003. Pp. 549-592.

MATOS, G.; RAPOSO, E. B. P. Estruturas de coordenação. In: RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. **Gramática do Português**. Volume II. Fundação Calouste Gulbenkian. Pp. 1759-1817.

MIRANDA, F. Os gêneros de texto na dinâmica das práticas de linguagem. **Cadernoscenpec**, v.2, n.1, julho 2012. São Paulo, 2012. pp.121-139.

MONTOLÍO, E. (2001) **Conectores de la lengua escrita**. Barcelona: Editorial Ariel.

MORAIS, M. F. A. (2011) **Marcadores da estruturação textual**: elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto. Trás-os-Montes: Centro de estudos em letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

OLIVEIRA, M. C. P. **A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos**: estudo de caso: a coordenação conclusiva na estruturação de textos argumentativos de jovens em idade escolar. Tese de Doutorado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

POSSAMAI, V. **Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês** – um estudo sob a perspectiva da tradução. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso, 2004.

RODRIGUES, R. H. **Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana**: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In.: MEURER; BONINI; ROTH (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p.184-209.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. **Intercisciplinar**, v. 6, n. 6, jul/dez de 2008. pp. 109-130.

SANCHES, K. P. A normatização do artigo científico e a estabilidade do gênero. **Estudos Linguísticos**, v. 38, n. 3, 2009. Disponível em: [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/v38-3\\_sumario.php](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/v38-3_sumario.php). Acessado em: 20/09/2014.

SILVA, G. M. de O *et al.* Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In.: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Vol. VII. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. pp. 297-347.

SOUTO, L. C. I.; GONÇALVES, A. V. O gênero artigo científico: modelo didático. In: XIX Seminário do CELLIP, 2009, Cascavél. **Anais do Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**. Cascavél: EDUNIOESTE, 2009.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. Memória, discurso, gênero e sua ação no sentido dos textos. In: ANDRADE, C. A. B. de; CABRAL, A. L. T. (orgs.). **Práticas linguístico-discursivas: alguns caminhos para aplicação teórica**. São Paulo: Terracota, 2011. pp. 13-46.

VALENZA, G. M. Problemas na caracterização da “classe” dos advérbios: o caso do *assim*. **Anais do 6º Encontro Celsul** – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: [www.celsul.org.br/encontros/06/individuais/156.pdf](http://www.celsul.org.br/encontros/06/individuais/156.pdf). Acessado em: 29/07/2014.

VAN DIJK, T. A. (1977) **Text and Context: Explorations in the semantics and pragmatics of discourse**. London: Longman.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Unicamp, 1997. 211 páginas. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

## ANEXOS

- Gênero: artigo científico
- N° de textos: 46
- Publicação: revista *Delta – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*
- Período: 2009 a 2014
- Disponível online em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issues&pid=0102-4450&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=0102-4450&lng=en&nrm=iso)>

Texto	Autor(es)	Título	Ano	Vol.	N°
1	Marcelo El Khouri Buzato	Letramento e inclusão: do estado-nação à era das <i>tic</i>	2009	25	1
2	Fábio Luiz Lopes da Silva	A vida como vir-a-aceitar: considerações Austinianas sobre a modernidade	2009	25	2
3	Tony Berber Sardinha	Metáforas e linguística de corpus: metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios	2011	27	1
4	Sandoval Nonato Gomes-Santos	Modos de apropriação do gênero debate regrado na escola: uma abordagem aplicada	2009	25	1
5	Daniel do Nascimento e Silva	Tradução E Corpo	2009	25	2
6	Maria Ines Batista Campos	Textos argumentativos em materiais didáticos: que proposta seguir?	2011	27	2
7	Candida Mara Britto Leite	Um estudo fonético-acústico do /R/ vocalizado em posição de coda silábica	2012	28	2
8	Ângela Marina Bravin Dos Santos	O sujeito pronominal de 3ª pessoa no português culto do Rio de Janeiro: um estudo em tempo real	2009	25	1
9	Cristine Gorski Severo	O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre bakhtin e labov	2009	25	2
10	Pedro Perini-Santos	Análise cognitiva da preposição <i>de</i> do português do Brasil	2011	27	1
11	Ana Cristina Biondo Salomao	Vizinhança global ou proximidade imposta? Impactos da Comunicação intercultural mediada por computador sobre o papel da cultura no ensino de língua inglesa	2011	27	2
12	Cristiane Fuzer	Realização de processos verbais em textos científicos da área de engenharia civil	2012	28	N° esp
13	Patricia Vasconcelos Almeida	Tarefas pedagógicas online criadas por alunos da disciplina de metodologia de ensino de língua estrangeira em um curso de letras	2014	30	1
14	Orlando Vian Jr	O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação	2009	25	1
15	Zuleica Antonia de Camargo; Sandra Madureira	Dimensões perceptivas das alterações de qualidade vocal e suas correlações aos planos da acústica e da fisiologia	2009	25	2
16	Maristela Pereira Fritzen	Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária	2011	27	1
17	Tatiana S. de Macedo; Adriana Silvina Pagano	Análise de citações em textos acadêmicos escritos	2011	27	2
18	Wagner Rodrigues Da	Proposta de análise textual-discursiva do gênero	2012	28	2

	Silva	relatório de estágio supervisionado			
19	Daniel Márcio Rodrigues Silva; Rui Rothe-Neves	Um estudo experimental sobre a percepção do contraste entre as vogais médias posteriores do português brasileiro	2009	25	2
20	Maria Silvia Cintra Martins	Letramento, etnicidade e diálogo intercultural	2011	27	1
21	Candida Barros	intérpretes e Confessionários como expressões de políticas linguísticas da igreja voltadas à confissão	2011	27	2
22	Monica Mano Trindade	Um estudo léxico- conceptual da metonímia	2012	28	2
23	Maria Isabel Borges	A política de identidades na sociolinguística quantitativa e na geolinguística monodimensional: o informante	2009	25	1
24	Maria Carmen Aires Gomes; Leila Barbara	Mulheres, política e mídia: algumas incursões em torno da representação sociocultural de Dilma Rousseff	2011	27	2
25	Medianeira Souza; Wellington Vieira Mendes	Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos	2012	28	Nº esp
26	Bruno Deusdara; Decio Rocha	Vozes em embate na mídia de informação e produção da objetividade: polêmicas em torno da precarização do trabalho na escola	2011	27	1
27	Erotilde Goreti Pezatti	Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa	2012	28	2
28	Angela Cristina Di Palma Back	Os pretéritos mais-que-perfeito simples e imperfeito sob a ótica da iconicidade e da gramaticalização	2012	28	2
29	Maria Helena de Moura Neves	Do “politicamente correto” ao incorretamente polido	2014	30	1
30	Socorro Cláudia Tavares de Sousa	Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante final /r/	2009	25	2
31	Sonia Maria de Oliveira Pimenta; Claudia Natividade	Humano, demasiadamente humano: sobre emoções e masculinidade	2012	28	Nº esp
32	Desiree Motta-Roth; Anelise Scotti Scherer	Expansão e contração dialógica na mídia: intertextualidade entre ciência, educação e jornalismo	2012	28	Nº esp
33	Adail Sebastião Rodrigues-Júnior	Análise da ideação, avaliatividade e tematização em narrativas de aprendizagem de línguas	2010	26	2
34	Siderlene Muniz-Oliveira	Um estudo sobre o trabalho de elaboração de parecer do professor de pós-graduação	2010	26	2
35	José Roberto do Carmo Jr.; Raquel Santana Santos	Hierarquia prosódica e hierarquia melódica na canção <i>gabriela</i>	2010	26	2
36	Ronaldo de Oliveira Batista	Formas da gramática renascentista: percepção e abordagem da diversidade linguística em Fernão de Oliveira	2010	26	2
37	Maria Helena Cruz Pistori	Paixões, andamento e ritmo num processo jurídico-penal	2010	26	2
38	Melliandro Mendes Galinari	Sobre ethos e ad: tour teórico, críticas, terminologias	2012	28	1

39	Ana Carolina Vilela-Ardenghi; Ana Raquel Motta	Brasil-paraíso: estereótipo e circulação	2013	29	Nº esp
40	Anna Flora Brunelli	A circulação do discurso da Amway: do controle à prática discursiva	2013	29	Nº esp
41	Edvania Gomes da Silva	Aforização e Religião: circulação de enunciados na internet	2013	29	Nº esp
42	Érika de Moraes	Mona Lisa: sentidos múltiplos de um sorriso enigmático	2013	29	Nº esp
43	Fernanda Mussalim	A Enunciação Aforizante: o caso do gênero manifesto	2013	29	Nº esp
44	Jauranice Rodrigues Cavalcanti	As faces de uma polêmica: o episódio do livro didático <i>Por uma vida melhor</i>	2013	29	Nº esp
45	Marcela Franco Fossey	Qualidade de Vida: uma fórmula?	2013	29	Nº esp
46	Luciana Salazar Salgado; Márcio Antônio Gatti	Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia	2013	29	Nº esp